

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

ANA PAULA FONTOURA PINTO

ANCESTRALIDADES NEGRAS QUILOMBOLAS, EM BAGÉ-RS

**Bagé- RS
2024**

ANA PAULA FONTOURA PINTO

ANCESTRALIDADES NEGRAS QUILOMBOLAS, EM BAGÉ-RS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Ensino, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestra em Ensino.

Orientadora: Suzana Cavalheiro de Jesus

**Bagé- RS
2024**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

P659a Pinto, Ana Paula Fontoura
Ancestralidades negras quilombolas, em Bagé-RS / Ana
Paula Fontoura Pinto.
109 p.

Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal do
Pampa, MESTRADO EM ENSINO, 2024.

"Orientação: Suzana Cavalheiro de Jesus".

1. Ancestralidade feminina. 2. Autoetnografia. 3.
Feminismo negro. 4. Interseccionalidade. 5. Racismo. I.
Título.

ANA PAULA FONTOURA PINTO

ANCESTRALIDADES NEGRAS FEMININAS QUILOMBOLAS, EM BAGÉ-RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Dissertação defendida e aprovada em: 28 de junho de 2024.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Suzana Cavalheiro de Jesus
Orientadora
(UNIPAMPA)

Prof.^a Dr.^a Alexandra Eliza Vieira Alencar
(UFSC)

Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **SUZANA CAVALHEIRO DE JESUS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/07/2024, às 14:28, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Alexandra Eliza Vieira Alencar, Usuário Externo**, em 01/07/2024, às 14:52, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ALESSANDRO CARVALHO BICA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/07/2024, às 16:58, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1472774** e o código CRC **3B7A2F84**.

Dedicatória

Para as minhas avós Dona Loiva e Dona Maria,

Confesso que durante este mestrado estive em uma Montanha-russa.

Uma série de mudanças devido aos acontecimentos que são inevitáveis.

Sinto falta de nossas conversas nas quais vocês falavam sobre suas experiências como forma de aconselhar-me para não fazer as coisas erradas na vida.

Me lembro dos doces de leite que tu fazias, vó Loiva, com muita destreza. Inclusive me ensinaste a fazer, no entanto não tinha o mesmo sabor. Recordo dos dias que eu ia na tua casa e te cumprimentava abrindo a geladeira; lembro-me dos grenais que assistíamos, tu colorada e eu gremista, na tua televisão pequeninha que tu cuidavas mais que tudo na vida, inclusive tapava com um pano todas as vezes que tinham tormentas ou quando terminava a novela das nove; das nossas conversas nas quais me inspiraram a realizar esta dissertação. Tu me fazes muita falta hoje, pois somente tu me entenderias e saberias o que me dizer para acalantar minha alma.

Me recordo dos momentos que vivi contigo vó Maria: do arroz com as peras que colhias no pátio; de ver a senhora sempre em movimento, colhendo galhos para fazer sua vassoura, com a qual varrias o pátio; na cozinha lavando a louça e mascando alguma coisa; das nossas conversas e risadas. Os meus maiores arrependimentos foram ter ouvido mais sobre o que as pessoas pensavam a teu respeito e ter olhado menos para a tua essência. A melhor atitude que eu deveria ter tomado era termos conversado mais ao invés de promover acirradas discussões por coisas que não podíamos mudar, pois pertenciam a um passado distante. Infelizmente custamos para perceber a maldade humana, ainda mais de pessoas próximas. Quando as máscaras caíram já era tarde, tu não estavas entre nós.

Tive a graça de tê-las na minha formatura no ensino superior. Mas gostaria que vocês estivessem aqui para ver o João Miguel crescendo, brincando, estudando e evoluindo para ser uma pessoa do bem.

Gostaria que vocês estivessem aqui para ver o quanto eu cresci como mulher e mãe, pois o sofrimento machuca, porém, nos traz lições preciosas para o resto da

vida. Estariam felizes porque finalmente eu fiz as pazes com o meu cabelo que vocês tanto elogiavam e eu detestava.

Sou umbandista para o desespero de vocês duas, pois sei que a senhora, vó Maria, nunca quis se envolver nisso. E a senhora, Dona Loiva, que viu alguns de seus filhos e netos sucumbirem nas religiões de matriz africana e na umbanda, talvez tema pelo meu futuro. Porém, tenho que informar vocês que cada um tem suas responsabilidades, independente de religião, crença.

Por isso, podem ficar sossegadas, pois estou no caminho certo!

Estariam orgulhosas por eu ingressar no mestrado e ainda produzir uma dissertação escrevendo sobre vocês com a intenção de mostrar para todos que vocês eram e sempre serão nossos exemplos de vida e de luta. Suas histórias de vida inspiraram nossas gerações.

Espero que um dia todos, inclusive a academia, possam ter acesso a este trabalho que é uma homenagem a vocês, minhas ancestrais.

Esta dissertação é uma homenagem à ancestralidade!

Peço que cuidem do Gabriel que está junto com vocês nesta dimensão extrafísica que um dia retornarei.

Por enquanto, vou cuidar do João Miguel!

Agradeço a vocês pelas lições que deixaram para mim!

Nos encontraremos um dia!

Com carinho,

Sua neta.

AGRADECIMENTO

Laroyê, Exú! Exú mojubá!

Agradeço a Zambi, Olorun/ Deus, por estar aqui neste momento concretizando um objetivo e um sonho de vida.

Ao Pai Oxalá e à mãe Iemanjá por toda a proteção.

Agradeço a Umbanda por ter me colocado de pé por tantas vezes e por me dar forças para seguir em frente.

Agradeço à Pai Xangô e à Mãe Iansã por nunca me abandonarem e tornaram-me uma mulher forte como uma pedreira e leve como uma borboleta.

Agradeço aos guias que me acompanham nesta missão terrena e fortalecem a minha fé.

À Exú e Pomba Gira que me auxiliam para nunca deixar a peteca cair e ainda mantêm meus caminhos abertos;

Ao Pai Ogum que me trouxe de volta à vida e que me protege por onde eu esteja.

Aos Pretos Velhos que, com sua sabedoria, proporcionaram-me momentos de autoconhecimento, autoperdão e amor ao próximo.

Aos Caboclos que renovam minhas energias para eu nunca deixar de ver a leveza da vida, para que eu não plante o ódio, um sentimento que me seduz todos os dias.

À mamãe Oxum que com sua doçura e amor me permite seguir em frente

Aos guias e protetores que me escolheram para cumprir minha missão neste plano terrestre.

Agradeço à Universidade Federal do Pampa, ao Programa de Pós-graduação Mestrado em Ensino e ao MAE pela oportunidade de retomar os estudos após nove anos. À orientadora Suzana Cavalheiro que aceitou estar comigo nesta empreitada pelo conhecimento;

Agradeço imensamente à Comunidade Quilombola de Palmas e à Escola Simões Pires pela recepção;

Ao reencontro com a Fabiani Alves, liderança feminina do Quilombo de Palmas;

À minha família, colegas e amigos por me apoiarem na construção desta dissertação;

Aos meus ancestrais que me proporcionaram momentos de aprendizado que culminaram neste presente trabalho.

Axé!

EPÍGRAFE

“Volte para a casa e comece a reconstruir as aldeias que seus antepassados morreram protegendo.”

Provérbio Vodun

RESUMO

Enquanto a ancestralidade para muitos povos hegemônicos representa poder, orgulho e descendência. Para as mulheres negras significa resistência, dores, religiosidade, renúncias, força. Entretanto nos deixaram um legado de resiliência, transformação, esperança, união, compaixão e amor. Neste resumo, tenho como objetivo apresentar minha dissertação de forma não convencional. Apresento as mulheres de que muitas formas me ensinaram o que é ser uma mulher negra em uma sociedade racista e que de alguma forma conseguiram abrir caminhos para que eu pudesse ser a única a estudar em um curso de mestrado. Nos relatos, que eu tive a honra de ouvir, entrelaçarei com os principais teóricos que explicam as experiências por elas vividas. O método autoetnográfico como processo teórico-metodológico, segundo Mortinho (2022), possibilita problematizar o lugar ocupado pelo pesquisador. E o pesquisador pode ser o sujeito da pesquisa no processo de investigação, considerando as diversas interseccionalidades. Na dissertação de mestrado que lhes apresentarei, considere as experiências vividas pelas minhas avós para explicar como as questões como gênero e raça impactaram suas vidas como mulheres negras no seu tempo.

Palavras-Chave: ancestralidade feminina, autoetnografia, feminismo negro, interseccionalidade, racismo.

RESUMEN

Mientras que la ascendencia para muchos pueblos hegemónicos representa poder, orgullo y descendencia. Para las mujeres negras, significa resistencia, dolor, religiosidad, renuncias, fuerza. Sin embargo, nos dejaron un legado de resiliencia, transformación, esperanza, unidad, compasión y amor. En este resumen, pretendo presentar mi disertación de una manera poco convencional. Presento las mujeres que de muchas maneras me enseñaron lo que es ser una mujer negra en una sociedad racista y que, de alguna manera, lograron abrir caminos para que yo pudiera ser la única en estudiar en un máster. En los relatos, que tuve el honor de escuchar, me entrelazaré con los principales teóricos que explican las experiencias que vivieron.

El método autoetnográfico como proceso teórico-metodológico, según Mortinho (2022), permite problematizar el lugar que ocupa el investigador. Y el investigador puede ser el sujeto de la investigación en el proceso de investigación, considerando las diversas interseccionalidades. En la tesis de maestría que les presentaré, consideré las experiencias vividas por mis abuelas para explicar cómo temas como el género y la raza impactaron sus vidas como mujeres negras en su época.

Palabras clave: ascendencia femenina, autoetnografía, feminismo negro, interseccionalidad, racismo.

ABSTRACT

While ancestry for many hegemonic peoples represents power, pride and descent. For black women it means resistance, pain, religiosity, renunciation, strength. However, we left ourselves a legacy of resilience, transformation, hope, unity, compassion and love. In this summary, I aim to present my dissertation in an unconventional way. I introduced women who, in many ways, taught me what it is like to be a black woman in a racist society and who somehow managed to pave the way for me to be the only one to study a master's degree. In the reports, which I had the honor of listening to, I will intertwine with the main theorists who explain the experiences they lived. The autoethnographic method as a theoretical-methodological process, according to Mortinho (2022), makes it possible to problematize the place occupied by the researcher. And the researcher can be the research subject in the investigation process, considering the various intersectionalities. In the master's thesis that I will present, I considered the experiences lived by my grandmothers to explain how issues of gender and race impacted their lives as black women in their time.

Keywords: autoethnography, black feminism, female ancestry, intersectionality, racism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem da cidade de Bagé/ RS.....	30
Figura 2 – Mapa demográfico do Rio Grande do Sul em 1872	34
Figura 3 – Mapa demográfico mostrando a população escrava no Rio Grande do Sul em 1872.....	34
Figura 4 – Quilombo das Palmas – Rincão do Inferno.....	50
Figura 5 – Mapa do Quilombo das Palmas- Bagé/ RS.....	50
Figura 6 – Imagem de Loiva Dias Colares.....	57
Figura 7 – Imagem de Maria Luiza Leivas Gularte	65

LISTA DE ABREVIATURAS

n. – número

p. – página

f. – folha

cap. – capítulo

v. – volume

org. – organizador

coord. – coordenador

col. – colaborador

LISTA DE SIGLAS

HTML - Hypertext Markup Language

HTTP - HyperText Transfer Protocol

XML - **eX**tensible **M**arkup **L**anguage

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO	9
RESUMO	11
1. INTRODUÇÃO	14
2. CAMINHOS TEÓRICOS, VIVÊNCIAS E O TERRITÓRIO DA PESQUISA	25
2.1 A autoetnografia como ferramenta de resistência e afirmação de existência	25
2.2. Bagé negra e quilombola	30
.....	30
2.2.1. A imprensa negra em Bagé.....	36
2.2.2 Vida social na Bagé negra.....	39
2.2.3. Quilombo e comunidades remanescentes de quilombo, no Brasil	41
2.3.1. Retorno ao quilombo de Palmas: Fabiana Alves	53
3. MULHERES QUE VIERAM DO QUILOMBO: um olhar feminista e interseccional sobre a trajetória de mulheres negras no território bajeense. ...	57
3.1 Escrevivências sobre minhas avós: memórias sobre Maria e Loiva	57
3.1.2 Dona Maria: “mulher direita é prá casar”!.....	65
.....	65
4. COMO TEORIZAR ISSO TUDO? TEORIZANDO!	74
4.1. Uma leitura interseccional sobre as escrevivências.....	74
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
5.1. Prazer, Ana!	89
6. REFERÊNCIAS.....	97

1. INTRODUÇÃO

A introdução desta vez será diferente talvez porque este trabalho esteja intrinsecamente ligado à minha identidade, às minhas origens cujo foco são as minhas ancestrais nas quais fiz questão de colocá-las como protagonistas da minha pesquisa.

Para Hall e Silva (2006, *apud Souza, 2021*) a identidade é vista historicamente e não biologicamente e essa pode sofrer alterações ao longo do tempo e, assim, vai assumindo diferentes configurações.

Parto do pressuposto que, especialmente para pessoas negras, a conexão com a ancestralidade é fundamental para a construção identitária. Todos nós quando crescemos começamos a questionar sobre de onde viemos, entretanto, quando se trata da miscigenação da população brasileira a busca pela ancestralidade pode se tornar algo complexo. E para nós, afrodescendentes brasileiros, seria imprescindível para nossas vidas sabermos de nossas raízes, uma vez que isso nos foi tirado no momento que nossos ancestrais foram sequestrados da Mãe África e colocados com outros negros de línguas diferentes dentro de um navio negreiro com a finalidade de torná-los incomunicáveis.

A ancestralidade pode ser discutida sobre diversos prismas: cultural, religioso e até político. Mesmo assim, a questão da ancestralidade tem a ver com a herança que carregamos. Do ponto de vista genético, ancestralidade:

tem um significado mais específico: os ancestrais são os indivíduos dos quais cada um descende biologicamente. A ancestralidade é a informação sobre tais indivíduos numa relação genética. (KIMURA, 2022, p.42)

No entanto, a ancestralidade para outros indivíduos pode ter outra relevância. Nossos antepassados africanos foram sequestrados ou vendidos para serem escravos não somente no Brasil, mas para outros países do continente americano. Colocados em navios tumbeiros¹ começaram a lidar com o desenraizamento de suas terras, tiveram que lidar com uma morte proeminente e com a falta dos entes queridos que deixaram no outro lado do Atlântico. (ALBUQUERQUE, 2006, p. 66)

¹ Era assim que muitos negros chamavam os navios pelos quais eram trazidos para o continente, pois os negros eram trazidos empilhados nos porões e muitos morriam antes de chegar ao destino.

Quando chegavam nos destinos perceberam que conviver com a escravidão era submeter-se a uma condição de objeto, “passíveis de serem leiloados, vendidos, comprados, permutados por outras mercadorias doados e legados” (ALBUQUERQUE, 2006, p.66). Além disso, deveriam se submeter ao domínio de seus senhores e trabalhar de sol a sol até morrer. Ceifados de sua cultura, de suas tradições e ancestralidade, foram obrigados a aceitar uma cultura que não era como a deles, assumir nomes cristãos e a devotar santos nos quais não se identificavam. Perceberam que a escravidão era uma realidade e a única forma de não sucumbirem ao sentimento de perda era ressignificar suas vidas como uma maneira de resistir e de continuar existindo. Neste momento, nossos antepassados começaram a movimentar-se, recriando a sua África que provavelmente não retornariam. (MACHADO, 2022, p 06)

Um movimento importante para o povo africano que estava na condição de escravo no Brasil foi o Candomblé, que é inclusive um dos primeiros movimentos de sincretismo religioso, pois o Candomblé foi fundado com a união de vários negros de diferentes tribos e etnias e decidiram cultivar em um só lugar os seus ancestrais. O candomblé surge como uma alternativa religiosa, política, ética e social, com o objetivo de cuidar de suas espiritualidades e construir pequenas Áfricas no qual podem alimentar suas raízes. Portanto a ancestralidade, neste caso, aparece “como meio fundante para essa construção, como conceito filosófico, estético, ético, metodológico de construção dessas comunidades”. (MACHADO, 2022, p. 06) E a partir dela foram estabelecidos os ritos, tradições, feitura, princípios e valores fundamentais dos povos de santo. E posteriormente uma bandeira de luta, uma vez que ela fornece todos os elementos de afirmação do povo negro.

A Ana Paula Pinto que hoje escreve esta dissertação, sem dúvida nenhuma é diferente àquela de 2008, quando entrou na Unipampa. Fiquei muito tempo sem entender o motivo pelo qual poderia escrever qualquer coisa na minha vida, mas sou uma pessoa que gosto de saber, de me posicionar e compreender sobre as coisas que ocorrem à minha volta, principalmente sobre assuntos que impactam diretamente a minha vida, como o racismo, por exemplo.

Foi durante a escrita desta dissertação de mestrado que tive a oportunidade de ler o livro *Memórias de Plantação: Episódios de racismo cotidiano*, de Grada Kilomba, no qual eu consegui encontrar o sentido para a necessidade de escrever.

Segundo a autora, escrever o seu livro foi “uma forma de transformar, pois aqui eu não sou a “Outra”, mas sim eu própria. Não sou o objeto, mas o sujeito. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político” (KILOMBA, 2020, p. 19)

Entrei na instituição federal totalmente a favor as cotas, no entanto, não tinha me aprofundado sobre a dimensão desta política pública para nós negros. Não tinha consciência sobre as lutas de nosso povo por liberdade e quanto sangue foi derramado, tanto no tronco, quanto nas rebeliões. Fomos escravizados por trezentos e oitenta e oito anos e, após cento e trinta e cinco anos, os nossos antecessores sequer foram indenizados, pois simplesmente abriram os portões das senzalas e os mandaram embora, inclusive alguns ficaram nas fazendas porque não tinham como sobreviver à nova realidade. No entanto, os seus antigos senhores tiveram sua recompensa com milhares de contos de réis e sua geração recebe até hoje o bônus da exploração.

Eu desconhecia sobre a verdadeira história da escravidão no Brasil; do mito da abolição; da exclusão dos negros da reforma agrária de forma covarde a partir implementação da *Lei de Terras*. Esta lei, a Lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, dizia que os cidadãos brasileiros só poderiam obter terras através da compra e venda. Sabendo que os negros não teriam condições de comprar suas terras, pois eram pessoas escravizadas, estes “senhores” criaram esta lei, que simplesmente colocou o negro na marginalidade de forma “legal” e nem sequer pautou um projeto de lei que regularizasse uma distribuição de terras para os escravizados de forma justa. Graças a esta lei aumentou ainda mais desigualdade social no Brasil, uma vez que os que mais adquiriram terras foram os homens com títulos de nobreza como Barões e Condes.

É como dizem: o Brasil não é para amadores!

Os “manda-chuva” são criativos até para ferrar a vida do negro!

Desconhecia sobre a criação das penitenciárias que se deu logo após a falsa abolição; da Lei da Vadiagem, que tinha como objetivo reprimir ainda mais os irmãos negros nesta terra de “tupiniquins”; não sabia que a Lei da Capoeira proibia os negros de jogar este esporte; da limpeza étnica a partir do assassinato de mulheres e homens negros, do negligenciamento desta população em todos os setores da

sociedade nas quais buscava ser feita através da imigração, especialmente dos europeus, que ganharam terras como forma de incentivo.

Fico triste com a forma que a figura do negro é transmitida pela mídia na qual o branco quando comete crimes é retratado como empresário e o negro é definido como bandido; com o fim trágico dos Lanceiros Negros que tiveram suas vidas ceifadas de forma covarde pelos ditos “Heróis Farroupilhas”, após lutarem por um projeto de “pátria” no qual eles não estariam incluídos. Estudando um pouco sobre o Darwinismo Social percebi o quanto foi e é destrutivo para nós negros e o quanto esta “ciência” determinou a vida social e econômica que os negros deveriam ter e, graças a isso, possibilitou que os brancos tivessem as melhores oportunidades, restando aos negros o trabalho doméstico e recolherem cocô das casas. Já ouviram falar sobre os Negros Tigrados?²

Com toda esta gama de informações, fiquei cada vez mais revoltada com esta sociedade. Após vários estudos e leituras sobre os ditos heróis brasileiros percebi que estamos no caminho errado.

Temos, como sociedade, a tradição de levantar estátuas em homenagem a personagens históricos que contribuíram para a história do Brasil. Como temos coragem de levantar estátuas para personagens que mataram, escravizaram indígenas e negros e banalizarmos ícones da nossa história que protagonizaram de forma honrosa o cenário brasileiro!? Falo de personalidades como Carolina Maria de Jesus, Cecília Meireles, Dandara, Luiz Gama, Nise de Oliveira, Maria Quitéria, Aleijadinho, Lélia Gonzales, entre muitos que contribuíram para o crescimento intelectual e que contribuíram para a nossa história de forma positiva.

Hoje através da lenta democratização do ensino permitiu que muitos negros, como eu, pudessem ingressar em instituições de ensino superior. Nestas instituições, soubemos as verdades sobre os nossos líderes negros como Zumbi dos Palmares, Dandara, Luís Gama, Aquilino que foram subjugados durante séculos por nós negros, pois demoramos muito para compreender que a história é contada pelos “vencedores”- os Brancos. Infelizmente, o saber sempre foi delegado aos que estão no poder para que possam dominar as classes inferiores.

² Devido à falta de saneamento básico na cidade do Rio de Janeiro, capital do Império, e nos espaços urbanos brasileiros, escravos domésticos eram designados para recolher os excrementos humanos das casas da alta burguesia e despejar os barris nos rios das cidades. Inevitavelmente esses excrementos escorriam pela pele destes escravos que ficavam com a aparência dos pelos de tigres, por isso o nome Negros Tigrados. (PEREIRA, 2019)

Por isso, saúdo todos os heróis anônimos que morreram no tronco ou queimados vivos, lutando no combate às desigualdades raciais neste país!

Considero de extrema importância a luta do movimento negro por mais igualdade racial e a força de atuação de ativistas como Angela Davis, Rosa Parks, Sojourne Truth, Harriet Tubman, Jose do Patrocínio, Antonieta de Barros, Sueli Carneiro, Milton Santos, Abadias do Nascimento, Martin Luther King, Malcon X, Tupac, Racionais Mc's, entre outros. Vivemos em uma sociedade racista, misógina, xenofóbica, lgbtfóbica, transfóbica, machista e isso se reflete em todos os setores da sociedade, mesmo onde não deveria haver este reflexo: nos ambientes escolar e acadêmico. No entanto, a escola e os institutos de ensino superior também são campos sociais e nesses locais fica bem escura as formas de violências que as minorias sofrem uma vez que muitos alunos trazem os preconceitos do berço familiar.

Há professores que também reproduzem os preconceitos inseridos na sociedade. Porém, isso não significa que é culpa dos docentes, mas de uma estrutura social patriarcal, racista e violenta que diz que o negro é inferior, que o homossexual tem que apanhar, que a mulher tem que ser submissa. Não esqueçam: a escola é lugar de transmissão de conhecimento e educação vem de casa.

A culpa é de todos nós!

E é lógico que os negros reproduzirão o racismo e outras formas de preconceito! Então, podemos afirmar que esta fala histórica de que o negro é racista com o irmão da mesma cor é uma forma de nos mantermos manipulados e desunidos. Até porque não há negros donos dos meios de produção, certo?

Infelizmente somos racistas uns com os outros porque reproduzimos o racismo³ que está na nossa estrutura social. Eles – os brancos dominantes- nos ensinaram a odiarmos nossos traços e os nossos semelhantes, pois somos reflexos uns dos outros e consequentemente fomos levados a tomar atitudes que tem como objetivo sermos validados como seres humanos e uma delas são os casamentos inter-raciais. Graças a ele muitos homens negros acreditam que estão no mesmo patamar dos homens brancos uma vez que se casam com uma mulher branca. O que resta às mulheres negras? Uma vez que nós mulheres pretas somos vistas

³ Segundo Silvio Almeida, o racismo “ é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam. ” (2019, p.23),

como aquelas que não servem para casar, somos preteridas nos relacionamentos afetivos, mas as preferidas nos relacionamentos sexuais casuais. Tenho a sensação de que nossa figura feminina foi personificada em uma Jezebel negra e a liberdade dos homens usem isto como justificativa ao estuprar os corpos negros femininos deliberadamente. A expressão mulatas somente para a sexo e retintas para a cozinha, presente na classificação feita por Gilberto Freyre, em “Casa Grande & Senzala” hoje ainda faz muito sentido para muita gente, certo?

São covardes, né?

Se lembram da Tia Anastácia? Pois é! A partir daí, percebi em qual lado da moeda Monteiro Lobato⁴ está! Percebemos o quanto o poder de quem manda neste país pode nos manter como marionetes e usa até da literatura para destilar o seu veneno, produzindo hierarquias e desumanizando a população negra.

Já ouviram falar sobre a solidão da mulher preta⁵? Sabem os motivos disso? Não vou explicar agora! Peço apenas que reflitam sobre isso!

Biologicamente sou uma mulher preta, com 36 anos, mãe solo, filha de pais negros pobres, neta de empregadas domésticas, padeiro e alambrador. Mas, historicamente, eu não sabia quem eu era e a qual grupo pertencia. Tudo mudou quando descobri, em uma aula na Universidade Federal do Pampa, que Palmas, o local onde minha avó paterna nasceu e cresceu, casou e teve os seus filhos, é uma Comunidade Quilombola.

Neste momento, a minha história de vida ganhou um novo capítulo e uma nova ruptura com aquilo que previamente sabia. Minha finada avó paterna falava sobre fatos que nunca procurei: ela dizia que o avô dela era um abissínio da cara cortada. Fui procurar sobre os abissínios e descobri sobre a incrível história desta região que foi governada por uma mulher: a Rainha de Sabá. Composta por países de religião mulçumana, hoje o local é a atual Etiópia. Sei muito pouco sobre a minha origem. Da minha origem branca, meu bisavô materno era branco e, segundo a

⁴ Monteiro Lobato, um dos maiores escritores brasileiros, defendia abertamente a eugenia, teoria racista na qual defendia a superioridade da raça branca. Em suas obras infantis ele consegue desumanizar a imagem da Tia Nastácia, a personagem era a cozinheira negra do Sítio do Pica-pau Amarelo. Em Caçadas de Pedrinho, de 1933, os termos “macaca de carvão” e “carne preta” foram utilizados para caracterizar a Tia Nastácia. Fonte: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/10/racismo-na-obra-lobatiana-uma-analise-do-livro-cacadas-de-pedrinho> . Acesso em 20 mai. 2023.

⁵ A solidão da mulher preta ocorre de várias formas: quanto ela é preterida nos relacionamentos; quando é vista como aquela que nunca vai casar; que é procurada para relações sexuais sem compromisso e nada mais. Esta solidão também se estende para o trabalho profissional. A mulher negra é vista em um lugar de solitude, no qual o seu papel é somente servir, inclusive sexualmente. Fonte: <https://acesse.dev/tRibe> . Acesso em 20 mai. 2023.

minha mãe, se chamava Adão Trindade. No entanto, minha avó materna já fazia parte da estatística que hoje é contada pelo IBGE: ela não tinha o nome do pai na certidão de nascimento. Minha bisá materna era baiana e veio para Lavras do Sul, onde teve minha avó Maria e mais 5 filhos, todos sem pai. Talvez ela tenha convivido com a solidão de maneira mais cruel, pois os *bunito* chegavam e faziam um monte de promessas e quando ela engravidava, os homens sumiam. Minha mãe comentava que minha bisá materna ficava por horas sentada e pensativa sobre a vida e os abandonos afetivos, talvez posso dizer que isso seja uma das faces da solidão da mulher negra.

Talvez minha história mude novamente quando souber das minhas origens brancas. Por enquanto sou mulher preta, de cor escura e sou a primeira da minha família a concluir o Ensino Superior e a única que está em um curso de Mestrado.

Apresento a introdução desta forma porque preciso me afirmar como pessoa e quero que vocês saibam quem eu sou, minha trajetória e sobre as dores de ser negro na cidade de Bagé sob a minha perspectiva de ouvinte das histórias de racismo, violências, discriminações que os negros da minha família sofrem. O eu aqui citado vem junto com toda uma coletividade que está presente em mim e que me acompanha e que forma o meu caráter. Eu não estou sozinha! Optei por colocar minhas avós como o principal foco de pesquisa e com isso trazer a ancestralidade feminina negra para esta discussão, pois em cada situação difícil nos agarramos a nossa ancestralidade que nos ensina a nos reinventarmos. Trago para esta discussão o quanto as mulheres negras que nos antecedem tiveram que agir como Exu que a cada pedaço picotado de seu corpo teve que se transmutar e se reconstruiu como um novo ser e se colocou a caminhar e a inventar a vida enquanto possibilidade (RUFINO, 2019, p. 22).

Nós negros vivemos em uma sociedade onde o racismo faz parte da nossa estrutura e o pior é que às vezes é velado e outras não. Se tu perguntares para um negro adulto sobre os seus tempos de escola, em sua grande maioria, relatarão as perseguições sofridas e enfrentadas na escola, desde a pré-escola até o Ensino Médio, devido a cor da sua pele e o tipo de cabelo. Com certeza já ouviram músicas como “Nega do cabelo duro”, piadas de mal gosto, apelidos pejorativos.

Com certeza essas passagens permitiram que odiássemos nossos cabelos, nossa pele, nossa cor. Relato isso pelo fato de muitas vezes estar em um processo

de amor e ódio com o meu cabelo, pois queria ele sem volume e liso e fazia relaxamentos para mantê-lo.

Durante estes meus poucos anos de vida, ouvi muitas histórias de segregação racial na cidade de Bagé onde os negros e brancos caminhavam em ruas diferentes, estudavam em escolas diferentes, eram tratados de formas distintas.

Muitos tiveram seu direito de ir e vir negados pelo Estado, inclusive a criação de grupos negros como o Zíngaros foi consequência e a melhor solução para resolver isso. Muitos negros não entravam nos clubes brancos de Bagé pelo fato de serem negros e isso deixavam bem evidente. Minha falecida avó materna foi um exemplo disso: um belo dia de carnaval ela saiu com sua mãe de criação⁶ e foi barrada na porta do Clube Comercial⁷ pelo fato de ser negra. A minha falecida vó materna dizia a fala do segurança: ” - vocês entram, mas ela (minha avó) não! Porque ela é negra! ” Vale a pena ressaltar que ela não era a exceção. A cidade era segregada aos negros o que resultou no surgimento dos clubes negros como o Zíngaros, pois estes lugares eram os únicos responsáveis por intensificarem o coletivo para uma significativa parcela da sociedade principalmente no período pós-abolição (SILVA, 2021, p.124). Período no qual os negros começaram a criar espaços próprios e ter autonomia uma vez que a política do Estado brasileiro se ocupava em estratificar a população e o peso da exclusão caiu justamente na população negra (SILVA, 2021, p,130).

Minha mãe nunca se empregou nas lojas de Bagé, porque quando eram informados sobre alguma vaga aberta, meu avô levava a minha mãe até o estabelecimento e nestes locais os empregadores diziam o contrário. Quando os amigos brancos do meu avô materno se dirigiam aos locais para questionar, eles relatavam que a ordem era de não empregar **pessoas de cor**. Isso é resultado do racismo estrutural no qual vivemos e que nada mais é que um conjunto de práticas, situações presentes no cotidiano que promove o cenário de preconceito (ALMEIDA, 2021, p. 01). Essa ordem era dada, pois o lugar do negro na sociedade era em empregos como faxineira, empregada doméstica, pedreiro, padeiro, gari, etc. Ou seja, já era um hábito colocar os negros neste lugar de submissão.

⁶ Mulher branca que pegava os negrinhos para trabalhar nas casas em troca de comida- detalhe: minha vó materna era “negra dada”.

⁷ Clube localizado no centro da cidade de Bagé – RS.

Minha mãe não foi a única que sofreu com os hábitos e costumes do racismo estrutural.

Minha finada prima materna teve que parar de estudar por causa de atitudes racistas. Ela foi matriculada em uma escola chamada Santa Isabel, onde hoje está localizada a Funba, mais conhecida como Urcamp, no qual foi hostilizada de forma brutal pelos seus colegas brancos, pois ela era preta retinta e o cabelo era do tipo 4 C⁸.

Então, vocês já devem imaginar o quanto ela sofreu! Infelizmente saiu da escola e se revoltou.

Quanto a minha família paterna, meus avós eram trabalhadores rurais: meu avô era Alambrador⁹ e minha avó Empregada doméstica nas estâncias da região. A fome e a falta de recursos do Estado brasileiro para esta Comunidade prejudicavam o status de vida daquela comunidade e isso impedia que eles tivessem uma vida digna, inclusive minha avó, quando a fome apertava, colhia plantas no mato (PANCS) para dar aos filhos. Muitos de seus filhos saíram desta situação e foram para a cidade em busca de uma vida melhor.

Eu tive meu primeiro contato com Palmas quando era pequena, pois minha finada avó paterna e os seus filhos viajavam até a Comunidade para visitar os túmulos de nossos antepassados no Dia de Finados. Isso era religiosamente cumprido pela minha avó. Eu acho aquele lugar lindo, mas para os meus familiares que viveram naquele lugar representa muito sofrimento. Meu pai relatava que tinha que levar comida para os irmãos em um saco de estopa nas costas e ele, como era muito pequeno e estava escuro, tinha medo de ir sozinho então ele aproveitava quando alguém passava para ir junto, assim, se sentia mais seguro.

Quem permaneceu em Palmas foram meus avós e seus filhos mais novos. Quando minha avó veio para a cidade ela ainda trabalhou como empregada doméstica e ainda morava de favor. Ela se aposentou aqui em Bagé e meu avô ficou lá até perder suas forças.

Minha infância não foi tão ruim, mas também não foi um mar de rosas, porém as melhores fases são as de meu avô Valdomiro chegando na casa da Vó Loiva. Eu

⁸ Cabelo crespo mais volumoso do que os outros e que precisa de cuidados intensos. Sem curvatura em espiral, os fios deste tipo de cabelo apresentam uma forma de zigue-zague. Pejorativamente, este cabelo é conhecido como “pixaim”. Mulheres retintas e com cabelos 4c tinham um destino: cozinha (Tia Anastácia).

⁹ É o profissional que faz cercas com paus de madeiras e arrame e as coloca nos campos onde o gado é colocado.

o abraçava com muita alegria e ele com aquele sorriso doce me recebia com moedas para comprar guloseimas. Lembro-me de um desses dias: quando eu via ele chegando eu corria para encontrá-lo e abraçá-lo, pois gostava da textura de seu casaco.

A textura deste e o cheiro de cigarro estão até hoje na minha memória!

Recordo-me que ganhei um chinelo da marca Rider da cor rosa, fora balas e pirulitos e um monte de moedas.

Talvez seja por isso que eu esteja desenvolvendo este trabalho.

É uma viagem a mim mesma. Aqui eu saúdo a minhas ancestrais e o quanto elas me ensinaram.

Agora estou no mestrado.

Convido a todos a acompanharem-me nesta jornada do conhecimento em uma cultura que ainda não é reconhecida e é marginalizada, trazendo como pano de fundo a histórias das matriarcas da minha família.

Apresento como tema de pesquisa: como a ancestralidade negra pode transformar a visão do pesquisador; fazer com que o mesmo possa se reconhecer como parte daquela sociedade e ainda produzir conhecimento sobre um estrato populacional tão estigmatizado como as mulheres negras, partindo de um estudo interseccional?

Está alicerçado neste foco o objetivo principal colocar minha ancestralidade no centro da pesquisa, marcar neste trabalho as vivências das matriarcas de minhas duas famílias sobre a vida no quilombo e na zona rural. Quero ainda saber até que ponto minha ancestralidade está ligada a estes territórios. Os objetivos específicos são: correlacionar o trabalho de pesquisa com o processo de construção identitária do pesquisador; mostrar que as escrituras podem ser um objeto de estudo em uma pesquisa autoetnográfica e interseccional; identificar as interseccionalidades presentes nas narrativas; discutir teoricamente as narrativas de minhas ancestrais; escurecer o quanto as interseccionalidades afetaram a vida de minhas avós.

A metodologia apropriada para esta pesquisa é a autoetnográfica, tendo como foco analisar as intersecções inseridas nas narrativas.

Começo minha pesquisa pela revisão de literatura no qual abordarei teóricos que discutam sobre quilombo, memória, ancestralidade, a história do negro em Bagé. Também farei uma breve explanação sobre o a Escola Rural Simões Pires no

qual relacionarei com a necessidade de discutirmos sobre a necessidade de ter uma escola quilombola na região. Caracterizarei a Comunidade de Palmas e falarei um relato sobre o retorno à comunidade, via Fabiana Franco de Alves, mulher quilombola, estudante de mestrado e liderança comunitária e contar como tudo isso começou. Apresentarei as histórias de vida contadas pela Dona Loiva e Dona Maria.

Por fim, a análise dos resultados no qual eu discutirei as escrevivências, trazendo para este ambiente teóricos que escureçam de uma vez de todas que as opressões sociais atingem duramente a mulher negra, sejam elas de qualquer época e isso nos é repassado por gerações.

Esta dissertação foi construída em várias mãos, pois nós somos coletivos.

Carinhosamente,

Uma mulher preta.

2. CAMINHOS TEÓRICOS, VIVÊNCIAS E O TERRITÓRIO DA PESQUISA

2.1 A autoetnografia como ferramenta de resistência e afirmação de existência

Quando realizamos um projeto de pesquisa sempre temos que mentalizar um trabalho que proporcione um acréscimo de conhecimento para o pesquisador sem constranger o pesquisado e, se possível, estabelecer uma troca de experiências no qual os resultados encontrados nesta troca possam produzir conhecimento para ambos. Mas quando o foco de pesquisa é a própria pesquisadora?

A própria pesquisadora quando se torna objeto de sua pesquisa, a análise parece ser mais subjetiva. Este tipo de investigação pode despertar em quem pesquisa sentimentos de pertencimento e autoconhecimento. Nas culturas marginalizadas como a minha, por exemplo, o retorno às origens significa uma ressignificação de sua existência.

A autoetnografia é considerada uma teoria emergente de pesquisa. Mortinho (2022) cita Wall (2006) para explicar que este

é um método emergente de pesquisa qualitativa que permite ao autor escrever em um estilo personalizado, com base em sua experiência, com vistas a ampliar a compreensão sobre um fenômeno social, baseado em um ramo da filosofia pós-moderna e na teoria crítica. (Mortinho, 2022, p. 42 *apud*, Wall, 2006, p 03)

Segundo Mortinho (2022) a autoetnografia, como processo teórico-metodológico, possibilita problematizar o lugar ocupado pelo pesquisador, como sujeito pesquisador e pesquisado, no processo de investigação e no texto construído, considerando as diversas interseccionalidades que norteiam o indivíduo tais como: nacionalidade, raça, gênero, classe social. Essa pesquisa está alicerçada nas escrituras, nos termos discutidos por Conceição Evaristo (2017), narradas pelas minhas avós e a partir destas detectar as intersecções que as matriarcas negras da minha família – minhas avós - atravessaram a sua existência nesta terra.

Segundo Ellis (2019) a autoetnografia é uma aproximação entre a investigação e escrita com o objetivo de descobrir e sistematizar (grafia) experiências pessoais (auto) para compreender a experiência cultural (etno). (2019, p.18)

“La autoetnografía es un acercamiento a la investigación y la escritura que busca describir y analizar sistemáticamente (grafía) experiencias personales (auto) para entender la experiencia cultural (etno).” (Ellis, 2004; Holman Jones, 2005).

A autora ainda ressalta que esta nova perspectiva de pesquisa desafia as formas convencionais de realizar pesquisas investigativas e a forma de representar o outro, pois este considera a investigação como um ato político, socialmente justo e consciente. (2019, p. 18) O investigador utiliza princípios de autobiografia e etnografia para escrever a autoetnografia, “por ello, como método, la autoetnografía es ambas proceso y producto” (p.18)

Com a crise de confiança como resultado da instauração do pós-modernismo na década dos anos 1980 os conceitos emergentes de fazer pesquisa dentro das ciências sociais tornam-se mais evidentes. O objetivo era transformar as ciências sociais e renovar o modo como a investigação era realizada, bem como romper com o paradigma dominante das ciências e uma necessidade crescente de resistir ao colonialismo que através de seu método improdutivo se inserem em uma cultura, explora os membros desta para obter lucros econômicos ou profissionais.

Aún más, había una necesidad creciente de resistir al colonialismo, a los estériles impulsos de investigación que se inscriben autoritariamente en una cultura para explotar a sus miembros, y después, despreocupadamente, partir y escribir para obtener beneficios económicos o profesionales, ignorando lazos con los miembros del grupo investigado (ELLIS, 2019, p. 19, apud, Conquergood, 1991; Ellis, 2007; Riedmann, 1993).

Assim os acadêmicos se concentram em formas de produzir pesquisas de cunho pessoal, trazendo questões que discutam as experiências vividas com teorias para sensibilizar o leitor para discussões sobre identidade política, gênero, raça, sexualidade e que permite aprofundar nossa capacidade de se empatizar com os outros e com nós mesmos.

A autoetnografia parte do princípio da autobiografia e etnografia, teorias novas de conhecimento dentro de suas áreas de origem. Amurabi Oliveira (2013) explica que etnografia não é algo estático. Relembra que em 1922, o Antropólogo Malinowski traz essa nova tradição na antropologia: o trabalho de campo. Ele levanta um conceito novo na disciplina no qual diz “que para conhecer o “outro” é necessário muito mais que simples relatos e dados secundários de toda ordem; é necessário “estar lá” (OLIVEIRA, 2013, p.125 e 126).

O fazer antropológico, segundo Gusmão e Souza, no campo de pesquisa considera que o vivido e como é vivido representam um processo de aprendizagem de outros grupos da sociedade. Assim, o “processo de aprendizagem vai além das

relações entre o eu e o outro e se estende aos sujeitos pesquisados” (2018, p.126).

As relações que as autoras pressupõem são alteridade, estranhamento, troca e compartilhamento como fases que integram das anotações em um diário de campo até a escrita etnográfica “como resultado do observar em tempo integral o universo em estudo, do “estar lá”. Para esse processo exige presença em campo, observação atenta e as indagações postas pelo cotidiano sobre as relações entre os sujeitos.

A autobiografias em educação, segundo Bonfim (2021) surgem com o objetivo de se contrapor com os métodos convencionais científicos. No meio pedagógico começam a surgir pesquisas voltadas para a vida e o percurso profissional dos professores. A autora traz Bourdieu (1996) para expressar a importância de escrever sobre si:

Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco. [...] uma vida, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história. É exatamente o que diz o senso comum, isto é a linguagem simples, que descreve a vida como caminho uma estrada, uma carreira, com suas encruzilhadas [...] (BOURDIEU 1996, p. 183). (BONFIM, 2021, p. 03)

Assim nos anos 1980 começam a surgir nas grandes universidades os memoriais autobiográficos e narrativas de formação. Quando falamos de nós mesmos e nos colocamos na pesquisa não existirá achismos, mas a nossa verdade nua e crua. Externalizaremos uma série de fatos e acontecimentos importantes da nossa vida de forma que todos entendam. E é pela narrativa, um gênero que permite utilizar uma linguagem mais simples, que minha história e de minhas ancestrais serão contadas.

O método autobiográfico é uma pesquisa ainda recente que surgiu na Alemanha no final do século 19, como uma alternativa sociológica ao positivismo. Os primeiros que usaram este método de forma sistemática foram os sociólogos da Escola de Chicago em 1920.

As pesquisas autobiográficas segundo Wiercinski:

configuram-se como uma forma de pesquisa onde, segundo Abrahão (2004), o sujeito se desvela, para si, e se revela para os outros, como uma história autorreferente carregada de significado. Essa necessidade de falar de si como possibilidade de explicitar o não visto, o que não se mostra a não ser por este movimento autobiográfico que Delory-Momberger (2008), chama de hermenêutica prática para dar sentido à vida (bios), a si mesmo (auto) e à própria escrita (grafia). (2014, p. 01)

A forma de contar a história segundo Wiercinski (2014), não se restringe somente em narrar fatos e acontecimentos de uma trajetória. Quando pensamos na autobiografia como recurso de investigação científica acredita-se no poder de construir um trabalho de investigação e reflexão sobre os acontecimentos dos percursos pessoais e profissionais.

Diante toda a discussão sobre esta nova forma de pesquisa, cabe aqui dizer que embora a autoetnografia possa retratar sobre o “eu”, devemos que ter em mente que o “eu” mencionado não é o egocêntrico, mas o que advém de uma ancestralidade negra que faz parte de uma coletividade negra e que construiu a pesquisadora que vos escreve, pois partimos do conceito de que eu sou porque nós somos. Ubuntu!

Nesta pesquisa de mestrado, revelo para o público acadêmico as minhas ancestrais, que não tiveram escolhas para que eu hoje pudesse tê-las. Elas se agarram com unhas e dentes na vida para fazer o que dava. E hoje, graças a elas, sou uma mulher negra, independente, acadêmica, mãe solo, filha de Xangô e Iansã, chefe de família e dona do meu destino. Vou falar das coisas que ouvi e vivi junto com minhas avós e a partir daí, reflito e discuto, com base nos teóricos que discutam todas as adversidades que vivemos graças a desigualdade social que herdamos do colonialismo.

As heranças coloniais são feridas causadas pela sociedade branca dominante e elitista, que estão abertas até hoje na pele dos negros. Para as mulheres negras a dor ainda é maior: deixadas de lado pelo feminismo hegemônico, que não quis olhar para a mulher negra como parte deste movimento, pois elas reproduziam o racismo por pertencerem a elite que ainda defendia o trabalho escravo, nossas ancestrais ainda sofriam todos os abusos possíveis abaixo dos narizes das patricinhas, que se ficavam “cegas” diante as barbaridades. Nossas ancestrais eram desumanizadas pelo racismo e, por isso, eram destituídas de direitos.

Assim nesse emaranhado de problemas sociais e econômicos que as atingem fatalmente, muitas mulheres negras começaram a definir pesquisas e conceitos que poderiam explicar melhor como isso ocorre. Em 1989, a palavra *Interseccionalidade* surgiu na voz de uma das vozes na luta dos direitos afro-americanos, a jurista afro-americana Kimberlé Crenshaw. Ela trouxe esse termo, pois percebeu que há interseções entre identidades sociais em determinadas situações e que quando isso

ocorre, as discriminações podem ocorrer de formas diversas (SILVA, 2016, p. 07). Categorias sociais e biológicas como raça, gênero, sexo, sexualidade, religião e classe quando se intersectam e se interligam geram opressão, cuja as discriminações se apresentam por diversas facetas. (SILVA, 2016, p. 07)

O conceito foi criado para preencher diversas falhas teóricas, judiciais e políticas e assim explorar conceitos ligados aos próprios processos de discriminação nos quais o feminismo negro e o movimento negro não conseguem explicar por si só as situações em que não é somente o gênero ou a raça, uma vez que esses conceitos não podem ser vistos de uma maneira isoladas, mas, sim, interligadas. A Interseccionalidade surge no feminismo negro a partir da concepção de que a opressão não ocorre de forma singular ou uma relação política binária, mas deve ser vista como um sistema múltiplo. (SILVA, 2016, p. 07)

O caso desencadeador deste conceito é um processo movido por mulheres negras contra a empresa automobilística General Motors que não empregava mulheres negras na sua empresa. A advogada Kimberlé alegava nos autos do processo que as mulheres sofriam discriminação racial e de gênero, uma vez que empregavam homens negros, enquanto nas colocações que poderiam as mulheres serem escolhidas, as brancas ocupavam os lugares.

Desta forma, a presente pesquisa, autoetnográfica, qualitativa, apresenta-se aqui por meio de uma estrutura como versão final da dissertação. O referencial teórico e as primeiras aproximações em campo, bem como as memórias de minha vida e de minhas ancestrais, estão dispostos em: Introdução, pelo qual apresento de maneira não convencional, explicando os porquês desta pesquisa juntamente com a justificativa e objetivos deste trabalho. No referencial teórico, discutirei os teóricos que embasaram minha pesquisa. E apresentarei os motivos pelos quais a autoetnografia é uma alternativa de investigação científica bem como explicar que a escrevivência negra é uma narrativa que tem como personagens homens e mulheres negros cujas realidades podem se confundir com a realidade. Nesta pesquisa, as escrevivências são de mulheres anciãs que relataram suas vivências para nos inspirar a reinventar a rota de nossas vidas. Talvez esta tenha sido a minha melhor demonstração de amor.

Na Análise dos resultados, conhecerão minhas avós através das narrativas feitas por mim, que fui ouvinte durante uma boa parte de minha vida. Ancestrais

femininas que foram atingidas pelo padrão branco do colonialismo que segundo Carla Akotirene é responsável pela promoção e reprodução dos racismos e sexismos institucionais que atingem as estruturas da sociedade e ferem as leis antidiscriminatórias. (AKOTIRENE, 2019, p. 2019). A partir disto, identifico e discuto as interseccionalidades pelas quais poderão ser discutidas na academia. Analiso todas as nossas adversidades que só uma sociedade racista sabe impor às mulheres negras. Na conclusão final, me apresento e escrevo sobre o que esta pesquisa me propiciou aprender como mulher negra, acadêmica, mãe solo e chefe de família e assegurar que esta pesquisa é uma possibilidade de estudo no meio acadêmico.

2.2. Bagé negra e quilombola



Figura 1- Imagem da cidade de Bagé. Sede do Poder executivo, ao lado a Igreja Senhora da Conceição.

Fonte: Blogger. com. Bagé – Rio Grande do Sul (0453-5.570).

No contexto bajeense, os historiadores mais conhecidos se ocuparam em defender os grandes feitos de figuras ilustres de nossa cidade, que eram brancas, de famílias tradicionais e ricas. Silva (2019) aponta para o fato de que há muito tempo a construção do gaúcho é atribuída a um homem de grande bravura, montado em um cavalo, fazendo churrasco, tomando mate. Sendo que nós já sabemos que esta imagem foi criada para que o povo gaúcho tivesse uma representatividade. Rafael Rosa (2019) apontou em suas pesquisas que os historiadores bajeenses

projetaram essa imagem do gaúcho para o povo de Bagé e os representa como “berço e morada de bravos e heroicos guerreiros, estadistas, políticos, artistas, comerciantes, fazendeiros”. (SILVA, 2019, p.28-29 apud LEMIESZEK e GARCIA, 2013, p.12).

Em 1846, a população de Bagé contava com 3.504 habitantes¹⁰ sendo 2.228 (65,29%) de homens livres, 8 (0,22%) de negros libertos e 1.208 de escravos, cerca de 34,47%. Esses resultados mostram o quanto a quantidade da população escrava era grande na cidade.

Em 1858, a população escrava em relação a população em geral continuava alta nos três distritos da nossa cidade:

- 1º distrito: dos 4376 habitantes, 2.950 (67,41%) eram de homens livres, 128 (2,92%) de escravos libertos e 1.298 de escravos, cerca de 29,66% da população.
- 2º distrito: dos 1.366 habitantes, 762 (55,78%) eram de homens livres, 44(3,22%) de escravos libertos e 560 de escravos o que corresponde a 40,99% da população.
- 3º distrito: dos 2764 habitantes, 1844 (66,71%) de homens livres, 31 (1,12%) e a população escrava era de 889, cerca de 32,16% da população.

SILVA (2019) mostra dados do ano de 1859, em que Bagé já era categorizada como cidade e sua população contava com cerca de 12.432 habitantes, sendo que 4.016 era constituída de negros escravizados, o que representava 32,53% da população (p. 29).

Nesta época Bagé era palco de grandes guerras e foi considerado um importante expoente. A posição geográfica e a exploração da agropecuária, incentivou o tráfico de negros à cidade, para trabalhar nas estancias dos senhores. Na região tinham pecuaristas muito ricos e influentes na República e no poder “ que tornaram Bagé um símbolo de riqueza, com grandes proprietários de escravizados, fazendo desta cidade a 6ª em número de escravizados de todo o estado do Rio Grande do Sul. ” (ÁVILA, 2022, p. 30)

Diante todo o contexto histórico exposto, podemos deduzir que estamos vivenciando uma tentativa de apagamento histórico do negro na cidade. Segundo

¹⁰ Segundo o laudo, possivelmente trata-se da população encontrada na sede do município sem contar os distritos.

Silva (2019), os historiadores locais não mencionam a importância da mão escrava na região sendo que existiam quase 35% de negros nesta cidade. Ávila reforça este pensamento

Apesar do vasto acervo histórico que remonta as antigas guerras e mantém preservada a história destas terras, sobretudo a partir do século XVIII, nada se fala na contribuição dos negros para a formação da região, como se eles nunca tivessem existido e contribuído desde os primórdios para a existência, colonização, trabalho e cultura local. (ÁVILA, 2022, p.43)

No entanto, o processo histórico pode explicar a invisibilidade. Nossa cidade foi fundada pelos portugueses em meados do século XVIII, provavelmente toda a construção identitária, social, econômica foi estruturada nessa perspectiva europeia, pois sabemos que para colonizar uma população é necessário impor sua língua, economia, educação e aspectos sociais.

Bispo (2015) relata que durante o período escolar, inclusive eu, ouvimos nas aulas sobre narrativas sobre o processo de colonização do Brasil e ele relata que uma das mais exóticas foi a história de que os portugueses chegaram aqui por engano, pois a intenção deles era chegar até Índia em busca de especiarias. E ainda, acrescenta o autor, que o adjetivo "índio", dado aos povos nativos sob a justificativa de que eles teriam acreditado que estavam no país asiático. Mesmo chegando no país errado, já trataram de denominar o país para Monte Pascoal. Quando perceberam que não existiam montes, mudaram para Terra de Vera Cruz e por último mudaram para o nome Brasil. Bispo ainda observa que os nativos encontrados de língua tupi que chamavam esta terra de Pindorama (Terra das Palmeiras) continuavam sendo chamados de índios. Os povos indígenas têm diversas denominações, porém ao generalizarem apenas como "índios", os colonizadores portugueses estavam desenvolvendo uma técnica muito usada pelos adestradores, pois sempre que se quer adestrar um animal a primeira coisa que se muda é o seu nome. (BISPO, 2015, p. 27)

Isto significa que os denominando como "índio" os colonizadores estavam impondo uma denominação generalizada com o intuito de quebrar a sua identidade para desumanizar e coisificar o povo nativo. E assim, coisificando os nativos, os colonizadores tomaram a liberdade de exterminar a maioria dos povos indígenas e os sobreviventes da chacina ou morreram por doenças trazidas pelos portugueses ou se tornaram escravos. Sobre o processo de colonização dos povos africanos, aprendemos na escola várias versões e uma delas é o fato de que pelos indígenas

terem se rebelado contra a escravidão, eles precisaram trazer o povo africano para o território brasileiro, pois os negros eram mais “dóceis”, logo, facilmente “domesticáveis”. Contudo, os negros tanto quanto os indígenas se rebelaram contra o sistema. Ao chamá-los de “negros” estavam utilizando a estratégia de dominação que aplicaram nos indígenas: a quebra de identidade via técnica de domesticação. (BISPO, 2015, p.27)

Bispo (2015) cita a bula papal pela qual determinava que:

Nós [...] concedemos livre e ampla licença ao rei Afonso para invadir, perseguir, capturar, derrotar e submeter todos os sarracenos e quaisquer pagãos e outros inimigos de Cristo onde quer que estejam seus reinos [...] e propriedades e reduzi-los à escravidão perpétua e tomar para si e seus sucessores seus reinos [...] e propriedades" (Bula "Romanus Pontifex", Papa Nicolau V, 08 de janeiro de 1455) (2015, p. 28)

Isto é, a Igreja Católica deu a liberdade de fazer o que quisessem com os povos considerados pagãos e sabe-se quem eram esses povos. Eles consideravam os povos negros, mulçumanos, indígenas como inimigos. Isto explica toda a intolerância religiosa e racial que estes povos, no qual faço parte por ser negra e umbandista, sofrem até hoje.

Segundo Ávila (2022) muitos idealizavam um arianismo gaúcho pelo qual acreditam que na região dos pampas há características diversas do restante do Brasil e por causa disto ela é considerada uma das áreas com menor população de indígenas, negros. Ela utiliza Cardoso (2003), citando Oliveira Vianna (1952) para escurecer melhor o assunto no qual ele afirma que:

Tal ideia remete à crença de que a formação da população dos pampas, dados os contingentes étnicos que para ali convergiram, teria sido diferente das demais regiões do país. O território seria representado por minuanos, tapes, charruas e o homem branco, advindo dos continentes peninsulares, razão pela qual os homens brancos tiveram preponderância, com elementos arianos, formando classes superiores que influenciaram na formação de um núcleo único, reposicionado em grupos étnicos, demarcados e valorizados, inclusive com políticas de ensino de línguas originárias destas culturas, como parte integrante do currículo base das escolas, dentre outras formas de valorização dessas outras nacionalidades, como superiores à brasileira. (ÁVILA, 2022, p. 24-25)

Segundo o Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul, os dados estatísticos mostram que cerca de 434.813 pessoas habitavam o estado em 1872 sendo 15% desta população era escrava, ou seja, 65.221,95.

Podemos observar esta demografia nos mapas a seguir. O primeiro mapa estava a população gaúcha em 1872 e o segundo mostra a população escrava.



Figura 2- Mapa demográfico da população total do Estado do Rio Grande do Sul em 1872.
Fonte: IBGE

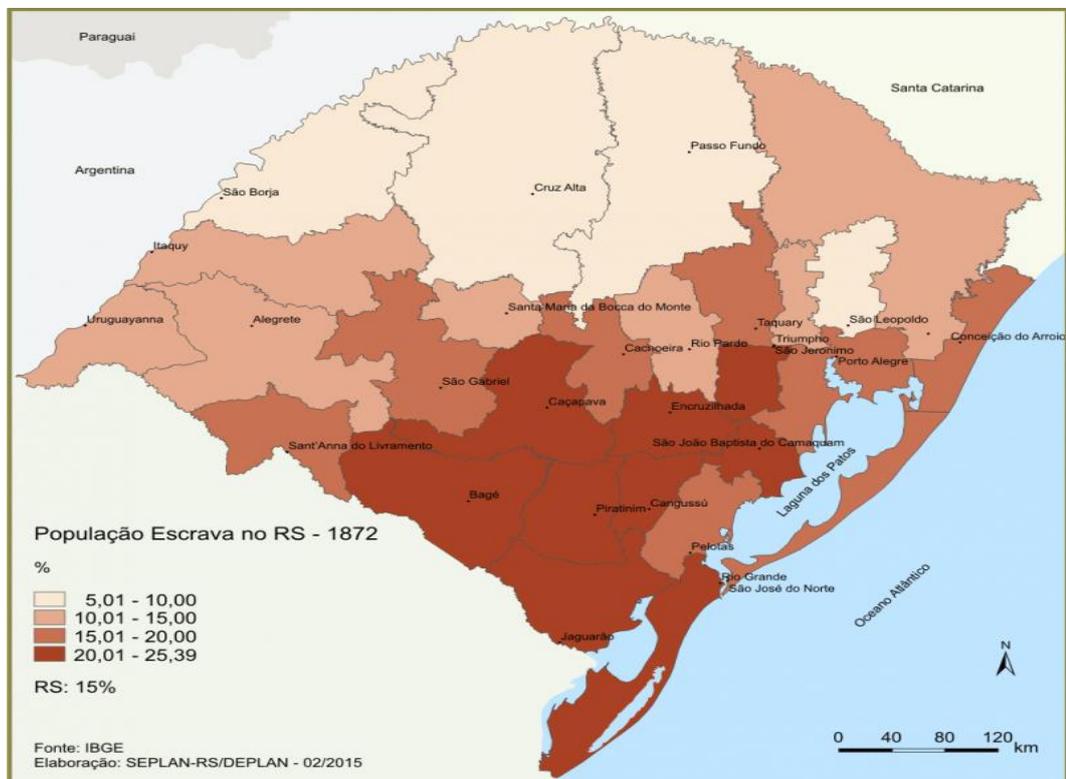


Figura 3- Mapa demográfico da população escrava no estado do Rio Grande do Sul em 1872.
Fonte: IBGE.

Na figura acima (figura 2), podemos observar que a maioria dos habitantes daquela época estavam em localidades situadas ao norte e ao leste do estado, principalmente na região de Cruz Alta, São Leopoldo e Porto Alegre. Pela primeira vez é contabilizada a população escrava que conta com mais de 65 mil pessoas, distribuídas majoritariamente na região sul do estado gaúcho, local onde se desenvolvia as atividades nas charqueadas, como está exposto na figura 3.

De acordo com Laudo Antropológico sobre o Quilombo de Palmas, em 1874, após dois anos do primeiro censo que já contabilizava a população escrava, o estado do Rio Grande do Sul já contava com 98.450 escravos, sendo assim, a terceira província com maior proporção de escravos em sua população, ficando atrás somente dos estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro e a frente da Bahia e Minas Gerais. Portanto podemos dizer que o Arianismo gaúcho é apenas uma teoria racista para inviabilizar a figura do negro e do indígena neste Estado e uma forma de esconder um passado criminoso que ceifou milhares de vidas.

A herança positivista, que também influenciou nossa vida social e política, determinou para esse apagamento histórico do negro. Os positivistas defendem que cada ser humano tem sua função social e quando isso é rompido passa ser um problema para o bem comum, tendo que ser normalizado. Em A produção discursiva do racismo: da escravidão à criminologia positivista, Catoia (2018) enfatiza que o Estado enxerga o negro de forma estereotipada e com atitudes inadequadas ao contrário da raça branca, que era julgada como a mais evoluída. A maior aliada para o controle dos corpos negros foi o sistema penal que disciplinava os corpos negros distintivamente. Ela colocou como exemplo Nina Rodrigues, principal expoente da criminologia positivista no Brasil, que expressou de forma clara o primitivismo do negro e não teve dificuldade de reconhecer o negro como um delinquente nato.

Pode-se admitir que os selvagens americanos e os negros africanos, bem como seus mestiços, já tenham adquirido o desenvolvimento physico e a somma de faculdades psychiccas, suficientes para reconhecer, num caso dado, o valor legal do seu acto [discernimento] e para se decidir livremente a commette-lo ou não [livre-arbítrio]? Por ventura pode-se conceder que a consciência do direito e do dever que tem essas raças inferiores, seja a mesma que possui a raça branca civilizada? (...) O negro crioulo conservou vivaz os instinctos brutaes do africano: é rixoso, violento nas suas impulsões sexuais, muito dado à embriaguez e esse fundo de character imprime o seu cunho na criminalidade colonial actual (CATOIA, 2018, p. 269, apud; NINA RODRIGUES, 1984 apud SILVA JR, 2000, p. 365).

Se observarmos como a justiça e a polícia tratam os negros e brancos no país perceberemos que tem muito a ver com esta citação acima. O quadro de *A redenção de Cam*, pintada por Modesto Brocos em 1895, quase dez anos após a abolição, é uma obra consagrada que retrata bem qual era o projeto nacional profetizado pelos representantes da elite brasileira. Neste quadro, retrata uma mulher negra retinta levantando as mãos para o céu como forma de agradecimento pela filha, negra de pele mais clara, ter se casado com um homem branco e desse matrimônio ter nascido um filho branco. Reza a lenda, segundo O Novo Testamento, que os negros pertencem a linha de Cam, filho de Noé, que foi amaldiçoado pelo seu pai, pois o viu bêbado e nu. Por isso, somos considerados uma raça amaldiçoada/ impura.

Nascimento e Santana (2018) ressaltam que além de termos sido sequestrados da Mãe África e escravizados, sofremos até hoje com a imposição da cultura euro-cristã e com a dualidade bem/mal, no qual toda a diferença é vista como mal. Assim, todas as religiões eventos sociais e costumes que não estejam ligadas a cultura euro-cristã são vistas como objetos do mal, como por exemplo, as religiões africanas e afro-brasileiras, o carnaval e o próprio negro como sujeito político-social.

Mesmo assim, a comunidade negra conseguiu promover uma organização com o objetivo de resistir ao sistema opressor e promoção na sociedade.

2.2.1. A imprensa negra em Bagé

A imprensa negra surgiu antes da abolição da escravatura e após vinte e cinco anos desde o registro do primeiro periódico realizado no Brasil. Os periódicos foram feitos por cidadãos negros e para os negros e os assuntos desenvolvidos eram de interesse desta parte da população. Além disso, esta população não se sentia representada pelos meios de comunicação da época – brancas e elitistas- e esses exemplares reforçavam os estereótipos dos negros. As aparições dos mesmos estavam restritas as páginas policiais nas quais reforçavam a cor da pele, fortalecendo concepções racistas. Estes fatores impulsionaram os negros para a necessidade de criar um meio de comunicação que os representem e que fale de suas angústias, sobre a realidade absurda que vivem e ainda construir uma unidade de identificação e reconhecimento de um grupo nos âmbitos sociais e culturais. Isso, só foi possível porque, na sociedade, haviam poucos negros letrados que tiveram

coragem de gerar e absorver as ideias veiculadas e transmitir para os negros iletrados (Pinto, 2011 p. 243)

Um dos primeiros jornais negros que temos conhecimento é o chamado O homem de cor ou O mulato, por Francisco de Paula Brito¹¹ em 1833 na cidade do Rio de Janeiro. O surgimento deste jornal no Brasil ocorreu durante o período regencial e auxiliou durante o processo abolicionista como uma forma de resistência e ainda se posicionou contra ao sistema que oprimia os negros no período pós-abolição. Durante o período regencial Francisco começou a editar os jornais com assuntos relevantes ao povo negro. Além disso, ele se “apropria da comunicação para questionar a precariedade da liberdade e o descaso com a cidadania de sua gente” (OLIVEIRA, 2018, 02). Desde o início, o jornal foi uma das formas de fazer frente aos estigmas e estereótipos delegadas aos negros durante a escravidão, inclusive colocava em pauta os embates raciais existentes no país.

A imprensa negra teve seu ápice somente no século XX no qual começou a serem discutidos as questões raciais com mais frequência influenciando na nova conjectura judicial e policial no Brasil. No momento da libertação dos negros, essas camadas de poder começam a costurar ideias que levariam o negro próximo a barbárie humana, utilizando pressupostos científicos no processo exclusão desta parte da população do meio social. E assim a imprensa negra finca suas raízes com objetivo de enfrentar o novo sistema: o racismo estrutural.

A imprensa negra felizmente estendeu os tentáculos para a região sul, especificamente no estado do Rio Grande do Sul. Em território gaúcho, a imprensa se manifestou contra a invisibilidade no processo histórico da população negra. Justifica-se pelo fato de que os nossos antepassados sequer são lembrados pelos historiadores, dando lugar a uma narrativa mais singela quanto ao processo de escravidão em relação ao restante do país e ainda trazer o mito da construção do povo gaúcho a partir dos povos europeus. As cidades gaúchas que mais circularam estes exemplares foram: Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre e Bagé.

Por serem jornais realizados pelos grupos marginalizados pela sociedade não tinham o amparo que os jornais de elite tinham naquela época então os jornais somente circulavam de acordo com a condição financeira dos responsáveis pelos jornais. Cabia a imprensa negra fazer com que os negros pudessem se conscientizar

¹¹ Francisco de Paula Brito (1809-1861) foi impressor e editor que atuou no Rio de Janeiro de 1831 e 1861. Ele era filho e neto de libertos.

da sua importância como protagonista papéis na sociedade como cidadãos e se imponham na sociedade brasileira para que seus direitos sejam garantidos, superando assim a passividade e o conformismo (PINTO, 2013, p. 23). Na cidade de Porto Alegre o primeiro exemplar que circulou chama-se O Exemplo (1892-1930). Este exemplar tinha como foco discutir formas de enfrentamento da população negra contra o racismo e a inserção do negro na sociedade. Ao sul do estado, em Pelotas, A Alvorada (1907-'1965) foi outro impresso significativo na imprensa negra, inclusive um dos jornais mais longevos já conhecidos. Este jornal tinha como foco a luta contra a discriminação social, a defesa dos operários pelotenses e a disseminação de ideias.

Em Bagé, a imprensa negra esteve presente durante pós-abolição nas primeiras décadas dos anos 1900. Esses jornais foram responsáveis por manter a comunidade afrodescendente bajeense atenta aos movimentos das sociedades negras locais bem como sobre o comportamento de sujeitos negros tanto no espaço público como em eventos sociais de evento privado (ROSA, 2018, p. 57) Além disso, os jornais queriam corresponder aos anseios e os projetos políticos de seus redatores nos quais os assuntos relacionados as problemáticas do pós-abolição eram evidentes (ROSA, 2018, p. 57) Durante este período, surgiram os exemplares O Rio Branco (1913), A Liberdade (1920), A Defeza (1920), O Palmeira (1922, 1927, 1949, 1952), O Rouxinol (1924), A Revolta (1925), O Teimoso (1928), O Boato (1929), Lampeão (1934), Socega Leão (1937; 1939) e O 28 de Setembro (1937, 1938, 1939). Tiago Rosa ressalta que mesmo sendo uma cidade interiorana e pequena os negros bajeenses conseguiram se organizar e produzir exemplares para os conterrâneos da mesma cor e que traziam assuntos de interesse (ROSA, 2018). Nesses jornais, os assuntos buscavam a valorização dos sujeitos negros e a valorização dos espaços de recreação e lazer; sobre aspectos da vida privada ao atentar aos comportamentos de homens e mulheres negras e valorização dos aspectos políticos. Esses jornais também se preocupavam com o grau de instrução em que defendiam que superar as condições de trabalho braçal que era imposto durante a escravidão abriria para uma perspectiva para que os negros ocupassem o lugar de homens letrados e assim apoderar-se da posição social de homem letrado lugar intangível devido ao preconceito (SANTOS, 2011, p 124 *apud* ROSA, 2018, p. 73)

É tão significativo este meio de comunicação entre a população negra que a mesma retratava casamentos, batizados, datas festivas, anúncios de doenças e funerais. (PINTO, 2013, p. 23).

2.2.2 Vida social na Bagé negra

No período pós-abolição acredita-se que a partir desta data os negros e negras poderiam frequentar os mesmos lugares e ter os mesmos direitos de ir e vir.

No entanto, isso foi ilusão. A partir da implementação do racismo estrutural o Estado brasileiro promoveu uma série de medidas para que negros ficassem à margem da sociedade. Em Bagé, uma das medidas foi uma segregação absurda em que negros e brancos caminhavam em ruas diferentes, viviam em bairros longe dos grandes centros; tinham o acesso negado aos principais clubes da cidade e não conseguiam se empregar nos estabelecimentos da área central da cidade. Neste contexto catastrófico para a população negra emergiu uma estrutura capaz de proporcionar a esta comunidade momentos de lazer como os clubes negros, o futebol amador, as sociedades recreativas, a imprensa negra, os blocos carnavalescos. Como o Estado não atendia as necessidades mínimas da sociedade pós-liberta, os negros que tinham o mínimo de letramento arquitetaram uma estrutura pela necessidade de dar o que foi negligenciado pelo Estado: o direito ao lazer, ao esporte e a uma vida social e cultural. Tiago Rosa, em suas pesquisas sobre a comunidade negra em Bagé em sua tese de mestrado, escurece, citando Domingues (2008), que na imprensa negra muitos jornais eram ligados aos clubes e a centros cívicos no pós-abolição. Ela exemplifica o periódico O Propugnador, que pertencia a Sociedade Propugnadora 13 de maio e o jornal Elite, que pertencia ao Grêmio Dramático. Em Bagé não era diferente, o pesquisador explica que muitos dos jornais veiculados para o povo negro pertenciam as sociedades esportivas, dramáticas e culturais negras e com os clubes sociais negros. Ao observar os jornais negros, Rosa constata que os eventos desta parte da população eram constantemente divulgados na imprensa negra. Excluídos do ramo esportivo pela sua cor de pele, integrantes da população negra fundaram seus próprios times de futebol bem como os eventos esportivos. A Liga 13 de maio, conhecida como a liga mais antiga que abrangia todos as sociedades esportivas negras da cidade. Fundada em 1913 a liga era composta pelos Clubes Sport Club Palmeira, Riachuello

Football Club e o Sport Club União. A partir de 1930, com a profissionalização do futebol diversos times contrataram atletas de camadas populares, inclusive negros, para jogar em seus times, enfraquecendo os times e as ligas negras.

Além do futebol as sociedades negras também se dedicaram as artes principalmente ao teatro desde o século 19 se estendendo ao século 20. Em Bagé existiram o Grupo Dramático Palmeira; o Grêmio Dramático José do Patrocínio e a Companhia Negra. Os grupos de teatro negro eram responsáveis por movimentar a vida cultural da população negra bajeense, realizando festivais para arrecadar fundos para suas sociedades.

Os clubes negros também tiveram sua contribuição na organização da sociedade negra em Bagé. Fernanda Souza da Silva (2017) define clubes negros a partir de uma linha de raciocínio no qual delimita o clube negro como uma categoria histórica própria das sociedades nas Emancipações e Pós Abolição:

“os clubes negros são espaços associativos criados a partir do século XIX, sobretudo a partir da década de 1870, por e para pessoas negras – com base em uma ideia de raça – auto identificadas como negras; pretas; morenas; mulatas; colored; da raça de cor/raza de color; 375 etiópica; de cor; conrazanea; mantidos por associados e associadas, instalados em uma sede física, própria ou não, na qual desenvolviam/desenvolvem atividades sociais – de caráter autodenominado cultural; social; político; bailante/dançante; beneficente; recreativo e/ou carnavalesco – cuja nomeação era/é auto atribuída como club/clube, centro, associação e/ou sociedade e cujo objetivo era/é manter um espaço de convívio social no qual eram/são realizadas festas.” (2017, p.149)

As entidades que mais se destacaram no cenário negro bajeense foram a sociedade recreativa Os Zíngaros, fundada em 02 de janeiro de 1936 e os Piratas do Amor, entidade que se destacou no carnaval de rua de Bagé entre os anos de 1940 e 1950. No entanto acrescenta Fernanda Rosa (2017) que nesta mesma época outro clube negro surge na cidade juntamente com o Zíngaros que é o Club Recreativo Palmeira.

Nesses espaços, as atividades de recreação eram no sentido pedagógico. O controle sobre os que frequentavam as sedes era constante, principalmente sobre as mulheres, e os frequentadores eram somente os convidados e os associados. O baile, segundo a autora, era o ponto alto da sociabilidade e também um lugar de tensões no qual a maior preocupação era não transgredir as normas sociais no sentido de evitar o aumento dos estereótipos já empregados aos negros. Por isso

eram proibidas as danças entre pessoas de estados civis diferentes e, “cujos pares não fossem reconhecido pela família composta por pais, devidamente casados” (SILVA, 2017, p. 148).

Silva também fala sobre as relações entre indivíduos negros de outros clubes negros de outras cidades, entre países diferentes e clubes do mesmo município.

O Fica Ahí deslocava-se até Bagé por meio das excursões e caravanas e, nesse momento, se encontrava com a comissão d’Os Zíngaros quando era recepcionado na sede do Palmeira. Nos bailes de Bagé, especialmente n’Os Zíngaros, estavam também os negros uruguaios e a representação formal do Centro Uruguay que, por sua vez, recepcionava os associados d’Os Zíngaros e do 24 de Agosto, e esse recebia grupo de associados do Centro Uruguay, especialmente os residentes em Rio Branco entre 1942 e 1945. (SILVA, 2017, p. 148)

Os clubes negros surgiram antes da abolição e protagonizou momentos de lazer e socialização dos negros de diferentes estados, cidades e até mesmo países com o objetivo de manter a unidade negra viva, embora tentassem matar (e ainda continuam) não bastasse os momentos de dor e humilhação. Com o passar do tempo, alguns clubes deixaram de existir e outros permaneceram na luta por equidade e cidadania digna. Dois exemplos são o Clube 24 de Agosto, localizado na cidade de Jaguarão e a outra é a Sociedade Recreativa e Cultural *O Zíngaros* que este ano completa 88 anos de muitas lutas contra as dificuldades que só clubes marginalizados entendem.

2.2.3. Quilombo e comunidades remanescentes de quilombo, no Brasil

Segundo Munanga (2008, p. 58), quilombo é uma palavra originária dos povos de língua bantu (kilombo, traduzido para o português, quilombo). De acordo com o mesmo autor, sua presença e significado no Brasil tem a ver com vinda de uma grande parcela de negros de origem bantu para serem escravizados. Os povos que provavelmente vieram do continente africano para o território brasileiro são: os lunda, os ovinbumdu, os mbundu, os kongo e os imbangala.

Segundo Beatriz Nascimento (2021, p. 93), a visão da palavra quilombo e sobre os negros que viviam nestes locais eram vistas de forma preconceituosa e estereotipada. Conforme a autora, os negros que viviam nestes lugares eram caracterizados como seres primitivos, malfeitores e irresponsáveis e os quilombos

como bandos destituídos de qualquer papel político. Ela ainda ressalta que nessa literatura o quilombo é visto como “refúgios ou ‘vacalhouts’¹² de negros” (2021, p 93) e sua importância só era considerada para ser pano de fundo em situações de grande impacto na história do Brasil. Ela cita como exemplos, o Quilombo dos Palmares, em Alagoas, que serviu de cenário para a Invasão Holandesa no Brasil no século XVII e o Quilombo do Cosme, localizado no estado do Maranhão, que foi cenário para a Revolta popular Baianada, ocorrida na metade do século XIX. A mesma autora ainda nos revela que na bibliografia voltada para o estudo dos quilombos, que se mostra pouco numerosa, somente o Quilombo dos Palmares ganhou mais destaque.

As comunidades quilombolas existem desde a chegada dos primeiros trabalhadores escravizados no território brasileiro. Embora os portugueses tenham destacado a presença destas sociedades em 1569, as comunidades foram oficialmente contabilizadas em 2 de dezembro de 1740 quando o Rei de Portugal, em resposta ao conselho ultramarino, conceituou quilombo como “toda a habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenha ranchos levantados e nem se achem pilões nele” (MOURA, 1991, p. 07).

Segundo Clóvis Moura (1988), o quilombo marcou presença durante todo o período escravista e esteve presente em todo o território brasileiro e na medida que a estrutura escravagista aparecia mais estas sociedades se perpetuavam como forma de negação. Por isso, não é adequado e sensato a história destacar somente estes dois quilombos na história, pois Clóvis Moura em seu livro *Rebeliões na Senzala* diz que o quilombo não era um fenômeno atomizado, circunscrito a uma determinada área geográfica, uma vez que o quilombo estava sempre presente onde havia escravidão. O autor ainda diz que o quilombo era uma sociedade natural da sociedade escravagista e que estas estruturas marginais também fizeram diferenças nas localidades inseridas. Também não pode ser classificada como uma manifestação tópica, pois eram estruturas muito bem organizadas em relação a resistência que enfrentava, inclusive se reerguiam a cada invasão e destruição de seus espaços pelo colonizador.

No entanto, há estudos que trazem uma outra visão de quilombo diferente das que já conhecemos. Carvalho (2013), traz os conceitos de Almeida em que revela

¹² Conforme o Dicionário Informal, vacalhouto significa um local seguro, protegido.

que há quilombos que foram constituídos a partir de desapropriação de terras jesuíticas; pela doação de terras como recompensa de serviços prestados a grandes proprietários ao período de declínio da produção da cana de açúcar e algodão. Nesse caso, com a decadência dessas produções, a autonomia dos cativos aumenta na medida que os senhores perdem o poder de coerção. Outra forma de aquilombamento acontecia na própria área da casa grande tendo a sensação de que o quilombo tenha sido trazido para a casa grande ou mesmo aquilombado a casa grande (Carvalho, 2013, apud, Almeida 2002 p, 59) o autor citado por Carvalho cita como exemplo o quilombo Frechal, localizado a 100 km da casa grande no estado do Maranhão, próximo ao município de Mirinzal a 188 km de São Luís.

Podemos dizer que, segundo Carvalho, o conceito de quilombo não se restringe a um local de fugas e refúgio de escravos, “mas refere-se, sim, à formação de grupos familiares que, buscando uma produção autônoma e livre, baseada na cooperação, faziam frente ao sistema escravocrata”. (Carvalho, 2013, p.331)

Maestri (1996) que estuda a presença dos quilombos no Rio Grande do Sul diz que muitas foram as causas para construir quilombos no nosso estado: a distância e a dificuldade para chegar à fronteira com países vizinhos; o apego a terra; a falta de vontade de trabalhar como peão castelhano, o medo do desconhecido, o caminho desconhecido pelos escravos e o controle dos brancos. O autor complementa dizendo que muitos cativos fugiram e aquilombaram-se em florestas agrestes, serras despovoadas, ilhas isoladas e no meio de banhados. Mas essas informações não foram reveladas uma vez que, apesar da abundância documental sobre o rastro dos quilombos, essas informações foram perdidas. (REIS; GOMES, 1996, p. 295). Talvez seja por isso que muitos romantizem tanto a escravidão no sul.

Ao se referir ao quilombo, imagina-se que seja um local onde há negros, vivendo em choupanas de palha localizadas em meio a mata nativa. Essa questão que pode ser contestada quando, Clovis Moura (1988) relata sobre cartas enviadas a Portugal, exigindo providência quanto aos roubos realizados pelos escravos do Mocambo Cumbe, localizado nas regiões do Sertão do Cariri, Tapuá e Taipu. Nesta carta, foi relatado a presença de índios e negros neste lugar no qual contavam com setenta moradores. (1988, p.107)

Segundo Munanga quilombo é um lugar que amadurecido "tornou-se uma instituição política e militar transétnica, centralizada, formada por sujeitos masculinos submetidos a um ritual de iniciação. " (2008, p.08)

O mesmo autor explicita que O Quilombo dos Palmares tem a mesma estrutura que a do africano. Liderado por Zumbi, foi reconstruído no Brasil pelos escravizados em oposição ao sistema escravo, de política excludente que coloca estes seres em uma posição marginalizada. Os escravizados revoltados organizaram-se e fugiram das senzalas e plantações para lugares de difícil acesso, não povoados. Tendo como norte o sistema africano, os negros transformaram esses lugares de difícil acesso e não povoados em "campos de iniciação à resistência", (2008, p.63) abertos a todos que se encontravam à margem da sociedade e que se sentiam oprimidos em relação a política excludente do Brasil império (negros, indígenas e brancos pobres), "prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o Brasil ainda está a buscar" (2008, p. 63). Mesmo assim com este modelo plurirracial, os escravizados africanos, além de não ficarem presos ao modelo excludente brasileiro ainda conseguiram desenvolver-se "dentro do modelo transcultural, com o objetivo de formar identidades pessoais ricas e estáveis que não podiam estruturar-se unicamente dentro dos limites de sua cultura" (2008, p. 63). E com isso deram abertura a outros indivíduos para que pudessem adquirir conhecimentos culturais de outros povos, sem abrir mão de suas raízes históricas, culturais que trouxeram consigo.

Segundo Gomes, com o fim da escravidão muitos quilombos começaram a se reproduzir e dispersar pelo território brasileiro, desaparecendo dos boletins de ocorrência e dos jornais:

Os vários quilombos — que já eram verdadeiras micro comunidades camponesas — continuaram se reproduzindo, migrando, desaparecendo, emergindo e se dissolvendo no emaranhado das formas camponesas do Brasil de norte a sul (2015, p.58).

No final do século 19 com a abolição da escravatura e o início da industrialização, os quilombos começaram a se ampliar, saindo do movimento abolicionista para os movimentos sociais, "tornando-se parte de um projeto político de uma sociedade democrática e mais justa" (LEITE, 2008, p. 966). Com o fim da

escravidão e a diminuição do poder dos grandes fazendeiros, o quilombo passa a integrar a ordem pós-abolicionista e assim se relacionar com muitas batalhas as estruturas pós-coloniais. No entanto, a luta pela terra continua, pois, o negro continua marginalizado socialmente e sofrendo com políticas que promoviam a imigração de europeus, com direito a um pedaço de terra, com o objetivo de promover o embranquecimento do país. Aqui na região Sul, por exemplo a maioria das terras foram ocupadas pelos imigrantes europeus que são consideradas raças superiores e esse processo resultou na redução de territórios negros.

Segundo Arruti, começaram a aparecer no cenário social sujeitos que começaram a exigir também suas demandas como função de criar novas figuras legais o que o autor denomina como direitos insurgentes. Esses grupos penetram no nosso direito positivo através de rachaduras hermenêuticas que são os direitos difusos. (ARRUTI, 1997, p. 07). Nos anos 1970 e 80, o quilombo passou a ser discutido no cenário político, mais especificamente no Congresso Nacional, através de grupos como a Frente Negra Brasileira e parlamentares como Abadias do Nascimento, como forma de denunciar a exclusão dos negros do projeto republicano do Estado brasileiro e o embranquecimento da nação

Assim ganhou espaço as discussões com o objetivo de transformar em um dispositivo jurídico “capaz de promover a defesa e a efetiva entrada dos descendentes dos africanos na nova ordem jurídica da Nação” (LEITE, 2008, p 968).

Esse processo de discussão resultou no artigo nº 68 que oficializa a existência dos povos tradicionais denominados como remanescentes de quilombos.

Incorporado pela Benedita da Silva, primeira senadora negra eleita, o artigo 68, do Ato de Disposições Constitucionais Transitórias, constituída em 1988, diz que

Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos (BRASIL,1988)

A partir deste decreto começou o processo de reparação histórica e reconhecimento da existência de um povo que construiu esta nação; que foram retirados de suas terras e tiveram suas vidas ceifadas pelas crenças e tradições dos colonizadores europeus. Os movimentos negros se movimentaram para reforçar a retórica de reparação histórica de um “processo inacabado e da dívida” (LEITE, 2008, p 969). Mas a luta não para por aí: o texto incorporado enfrentou muita

resistência principalmente pelos grupos de parlamentares da câmara dos deputados e do senado, representados pela elite que mantém os bônus de nosso sangue no tronco, e demorou 20 anos para ser homologado.

A expressão *comunidades remanescentes de quilombo* era recentemente utilizada na constituinte. Segundo Leite (2008), começou a ser usada no final da década de 1980 para nomear os territórios ocupados por africanos e seus descendentes. Além disto, discute um “processo de cidadania incompleta” e:

veio também sistematizar um conjunto dos anseios por ações em políticas públicas visando reconhecer e garantir os direitos territoriais dos descendentes dos africanos capturados, aprisionados e escravizados pelo sistema colonial português (LEITE, 2008, p 969).

A partir das reivindicações do movimento negro e de grupos de políticos progressistas foram incorporados dispositivos judiciais que pudessem instaurar uma reparação histórica para os negros, que sofreram e sofrem com uma opressão histórica neste país, na Assembleia Constituinte de 88.

Um destas iniciativas são os princípios que promoveram o reconhecimento do quilombo forma justa:

- 1 - Quilombo como direito a terra, como suporte de residência e sustentabilidade há muito almejadadas nas diversas unidades de agregação das famílias e dos núcleos populacionais compostos majoritariamente, mas não exclusivamente de afrodescendentes.
- 2- Quilombo como um conjunto de ações em políticas públicas e ampliação de cidadania, entendidas em suas várias dimensões.
- 3- Quilombo como um conjunto de ações de proteção às manifestações culturais específicas. (BRASIL, 1988)

Em 1988, com os princípios estabelecidos, os negros quilombolas conquistam o tão sonhado direito à cidadania; ao reconhecimento de sua identidade e existência; como um povo que deveria fazer parte do Estado.

No entanto, o processo pelo tão sonhado direito a terra está atravessando por diversos embates e, conseqüentemente, muitos assassinatos de ativistas da terra.

Vale a pena ressaltar que para que estas comunidades tenham seus direitos adquirido, ela precisa passar por algumas etapas. Primeiramente ela precisa obter na Fundação Palmares uma certidão de registro no Cadastro Geral de Comunidades Remanescentes de Quilombos; após certificadas o Incra realiza um estudo para realizar o Relatório Técnico e Delimitação (RTID), formado pelo laudo antropológico,

pelo levantamento fundiário, pela elaboração do mapa territorial e pelo cadastramento das famílias. Encerrando esse processo a documentação levantada será avaliada por diversos órgãos que poderão ser analisadas e se for necessário fazer alterações. O RTID será analisado por outros órgãos responsáveis: Fundação Palmares, FUNAI, IPHAN, SPU, Conselho de Defesa Nacional, Serviço Florestal Brasileiro, IBAMA, Instituto Chico Mendes. Com a aprovação dos dados levantados a comunidade terá sua titulação.

A partir da homologação da lei 4887/03, que regulamenta os procedimentos para a "Identificação, Reconhecimento, Delimitação, Demarcação e Titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos", muitas comunidades quilombolas, através das lideranças, começaram a procurar legalmente pelo reconhecimento de suas comunidades, de suas identidades, de suas histórias.

A legislação não foi o suficiente para assegurar o direito à terra. Segundo Dealdina (2021), por quatorze anos as comunidades vivem sob ameaça dos direitos serem retirados de repente. A Ação Direta de Inconstitucionalidade- ADI- movida pelo Partido da Frente Liberal (PFL), atual Democratas (DEM), questiona a legalidade do decreto. Ela observa que o poder utiliza o Supremo Tribunal Federal para oprimir os povos tradicionais, mantendo-os reféns da ameaça da ilegitimidade dos seus direitos. A autora ressalta que a ADI foi derrubada pelo Supremo em fevereiro de 2018 o que foi considerado um marco da luta pelo direito a terra, contudo não bastam somente vitórias jurídicas, mas um empenho do Poder Executivo para garantir que as titulações das terras aconteçam. As comunidades quilombolas enfrentam a violência do Estado racista e de agente privados com detentores de poder há muito tempo. Além das ameaças de morte, os quilombolas têm que lidar com o preconceito, repressão por parte dos latifundiários, perda de oportunidades na vida social, bem como a dificuldade de implementar uma Associação de Moradores.

Selma dos Santos afirma sobre a luta quilombola:

A luta negra quilombola está representada nos quilombos que até hoje lutam por igualdade social, racial e de gênero. Acesso à terra, água, à moradia, à educação, valorização da agricultura tradicional, proteção de defensoras e defensores de direitos humanos e salvaguarda das sementes e do meio ambiente são algumas das pautas de luta dos quilombos. (DEALDINA, 2021, p. 31-32)

Em *Toda a mulher negra é um quilombo*, Selma dos Santos relembra nomes de mulheres que lutaram pela continuidade da luta pela terra. Mulheres como Dandara dos Palmares, Anastácia, Aqualtune, Zeferina, Acotirene, Teresa de Benguela, Maria Aranha, Zacimba Gaba e outras mulheres foram as pioneiras, e legítimas representantes do nosso povo, desta luta que perdura até hoje. Queriam a liberdade livre da opressão e do racismo. Foram e são mulheres que desafiavam e desafiam a estrutura machista que lhes eram impostas em diferentes períodos históricos do nosso país. Hoje nós, mulheres negras, principalmente as que lutam pelo direito a terra, somos desafiadas a lutar contra a opressão e violência sobre os nossos corpos. “Nós mulheres quilombolas temos um papel de extrema importância nas lutas de resistência pela manutenção e regularização de nossos territórios.” (DEALDINA, 2021, p. 37)

Infelizmente uma das mulheres que lutavam pelos direitos a terra foi ceifada de forma brutal. Em agosto do ano de 2023 a líder quilombola, a Yalorixá Bernadete Pacífico, conhecida como Mãe Bernadete, foi assassinada com 12 tiros dentro de sua casa no Quilombo Pitanga dos Palmares, localizado na cidade de Simões Filho, no estado da Bahia. Ela estava sob “proteção do estado” a pedido da Presidente do Supremo Tribunal Federal, Rosa Weber, após a líder receber ameaças de morte. Ela foi morta simplesmente por estar lutando por algo que era seu e de sua comunidade.

Além do risco de morte, o que mais preocupa os negros rurais que vivem nos quilombos é a demora da justiça em acelerar o processo de legalização de suas terras, pois infelizmente o nosso país foi edificado em uma relação desigual de poderes no qual sabemos que status social, raça e gênero são os principais parâmetros para a obtenção da cidadania digna. Selma dos Santos alega que o Estado não investe como deveria nos processos de titulação de terras. A capacidade de instituições como o INCRA está contribuindo para a ineficácia deste trabalho. O Conaq- Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos- sabia que existiam pelo menos 31 processos relativos à titulação de quilombos que estavam na mesa do Presidente para assinar declarando que após a titulação deveria partir para a fase de desapropriação de terras e imóveis das regiões¹³.

¹³ Vale destacar que o Presidente na época era Jair Bolsonaro.

Aqui no estado do Rio Grande do Sul existem cerca de 17.436 quilombolas e ocupa o 13º lugar no contexto nacional em número absoluto de habitantes destes locais. Representam cerca de 0,16% da população total gaúcha (10.880.50 hab.).

Existem mais de 3000 comunidades remanescentes de quilombos no Brasil, sendo 146 comunidades remanescentes de quilombos reconhecidos no estado do Rio Grande do Sul. Destas 146 comunidades, cerca de 90% já possuem certificado emitido pela Fundação Palmares, no entanto somente duas são tituladas e três possuem titulação parcial¹⁴.

Uma dessas comunidades quilombolas que enfrentam problemas na titulação de suas terras é o Quilombo das Palmas, localizada na zona rural de Bagé;

Segundo Fabiani Franco, liderança quilombola, outro desafio foi a delimitação e deliberação de terras, no qual foi feita de forma injusta. Muitos que conseguiram o direito, ficaram com as piores terras. Algumas comunidades ainda não conseguiram a titulação de suas terras e muitas já foram reconhecidas há mais de 15 anos. Esse é o caso de muitas comunidades quilombolas, inclusive do Quilombo das Palmas, que foi reconhecida em 2010, mas ainda não está titulada e este documento é imprescindível para a permanência destas comunidades em suas terras, bem como a sua estabilidade social, política e econômica.

Sinceramente esperamos que no nosso país possamos exercer nossa cidadania de forma justa sem precisarmos temer pela nossa vida.

¹⁴ Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/comunidades-quilombolas>.

2.3. Quilombo de Palmas



Figura 4- Imagem do Quilombo das Palmas- Rincão do Inferno.

Fonte: <http://www.alternet.com.br/porta/wp-content/uploads/imagem17.jpg>

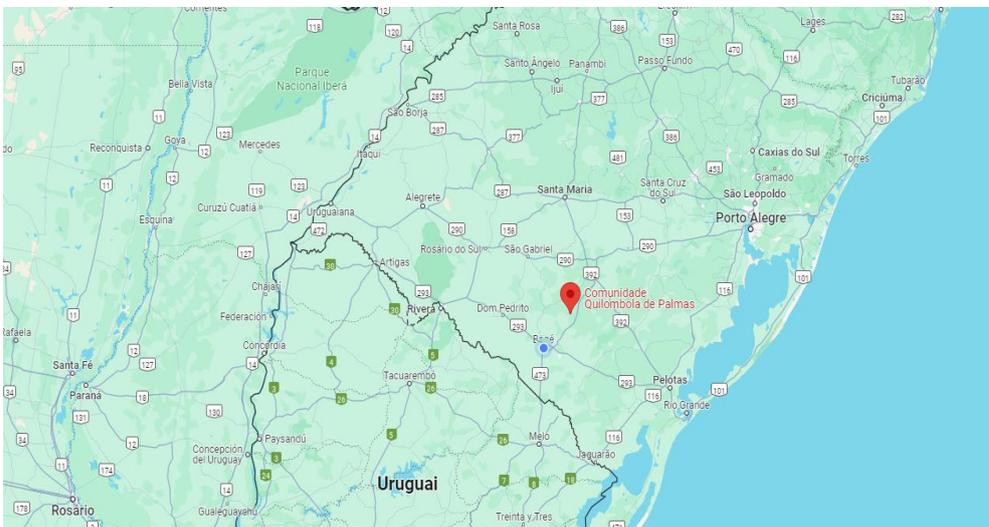


Figura 5- Quilombo de Palmas, localizado no mapa do estado do Rio Grande do sul.

Fonte: Google Maps, 2024.

Segundo o Laudo Antropológico, elaborado em dezembro de 2007, o Quilombo de Palmas está localizado na zona rural de Bagé, situada no 5º distrito do município gaúcho na fronteira oeste e sul do Estado do Rio Grande do Sul. Limita-se ao norte do município de Bagé e pertence ao Conselho Regional de

Desenvolvimento (COREDES). Com uma área de 837, 984 hectares (ÁVILA, 2022, p. 23), o quilombo faz divisa:

- Ao norte: nos municípios de Lavras do Sul e Caçapava do Sul
- Ao sul: República Oriental do Uruguai
- Ao leste: nos municípios de Pinheiro Machado, Hulha Negra e Candiota.
- Ao oeste: no município de Dom Pedrito e a República Oriental do Uruguai.

As principais vias de acesso são as estradas BR 153, BR 293 e BR 290. As regiões que compõem o Quilombo das Palmas são: o Rincão dos Alves, o Rincão da Pedreira, o campo do Sr. Ourique Ribeiro (Campo do Ourique) e o famoso Rincão do Inferno. Estas situam-se ao norte do município de Bagé, ao sul de Camaquã, ao leste do arroio Palmas e a oeste da BR 153.

O acesso se dá pela rodovia BR 153, passando pela ponte do Rio Camaquã, em direção ao sul do Estado, entrando à direita na primeira estrada vicinal. A região fica a 295 km de Porto Alegre até a entrada da estrada vicinal, mais 14 km até a entrada na porteira que dá acesso ao Rincão dos Alves.¹⁵ A área de mais de 800 mil hectares foi reconhecida definitivamente no, Diário Oficial da União, em fevereiro de 2017 pela Fundação Palmares está dividida entre Rincão da Pedreira, Rincão dos Alves, Campo do Sr. Ourique e Rincão do Inferno. No Quilombo de Palmas vivem aproximadamente cerca de 37 famílias composta por 121 pessoas. Atualmente a comunidade já ocupa 387 hectares e o restante reconhecido está incorporada às fazendas da região. (ÁVILA, 2022, p. 23)

A comunidade começou nas grandes sesmarias agropecuárias da região que pertencem à família Simões Pires, desde a época colonial e escravocrata. Os negros dos quais os habitantes descendem eram escravos da família; fugitivos que se instalaram nesta região, devido à grande desestabilização política provocada pelas guerrilhas, guerras ou revoluções ocorridas. Das pessoas que vivem nesta comunidade, quase metade está de acordo com a Associação dos Quilombolas de Palmas, responsável pelo pedido de demarcação de território e outros não se reconhecem como quilombolas. Enquanto isso outros grupos que vivem neste lugar se negaram a fazer parte deste processo por medo de represálias por parte dos fazendeiros da região. A outra além de não se reconhecerem como quilombolas entraram com o processo impedir/anular as demarcações do território comum com

¹⁵ Dados retirados do Relatório sócio, histórico e antropológico de Palmas.

“teses conflitantes em relação a sua ancestralidade e aquilombamento”. (ÁVILA, 2022, p. 24)

O tenso mapa conflituoso nesta região não começou no processo de demarcação das terras, mas após o fim da escravidão.

Bagé é uma cidade que faz parte da Região da Campanha gaúcha. As cidades desta região, principalmente as que fazem fronteira com o Uruguai, são colonizadas pelos povos europeus. O efeito desta colonização foi uma forte herança de opressão cultural e escravidão, que se perpetua por meio de manifestações simbólicas.

A cidade fica ao sul do estado do Rio Grande do Sul, faz divisa com as cidades de Lavras do Sul e Caçapava do Sul (ao Norte), com Aceguá e a República Oriental del Uruguay (ao sul), com Hulha Negra e Candiota (ao leste), com Dom Pedrito e República Oriental del Uruguay (ao oeste). A população está com 117.938 habitantes¹⁶ e 19.029¹⁷ moram na zona rural.

A agropecuária é a base econômica da cidade. Como explica Ávila (2022) durante o sistema escravagista, a mão escrava “da região foi impulsionada pelo trabalho rural, sobretudo pela monocultura das grandes sesmarias concedidas pelo Império e, posteriormente, pela República, aos militares de renome de guerra”. (Ávila, 2022, p. 25)

A mesma autora ainda complementa que atualmente a exemplo dos demais municípios da região sul do estado, Bagé sofre com um grande empobrecimento, marcado pela baixíssima distribuição de renda advinda do agronegócio. (Ávila, 2022, p. 25)

Durante o processo demarcatório houve muita resistência por parte do Sindicato Rural de Bagé, da Associação Rural de Bagé e dos fazendeiros da região. Chegou ao ponto de montarem barricadas na entrada do quilombo, permitindo a passagem somente de vans escolares com o intuito de obstruir a demarcação de terras pelo INCRA, sendo necessária a intervenção dos poderes executivo e judiciário.

Hoje a conjuntura política em relação a demarcação é a seguinte: há uma polarização entre os quilombolas que estão de acordo com a Associação e que se

¹⁶ Censo IBGE 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/bage.html>

¹⁷ Censo IBGE 2010. Disponível em: <https://www.bage.rs.gov.br/municipio/dados-estatisticos>

consideram quilombolas e a favor que se ponha em prática os direitos a eles promulgados pela legislação vigente e os que são contra o processo de demarcação que não se consideram quilombolas e ainda contestam judicialmente.

Todas as informações obtidas até aqui foram consultadas em trabalhos acadêmicos e do Relatório Sócio, Histórico e Antropológico da Comunidade Quilombola de Palmas- Bagé/RS. Este laudo ou relatório apresenta os resultados finais sobre o estudo da comunidade quilombola palmas localizado no município de Bagé. A finalidade deste é “instituir relatórios técnicos de identificação, produzidos pelo INCRA”, em cumprimento da instrução da normativa nº 20/2005.

Este relatório foi realizado com o convênio com a URGs-INCRA-FAURGS. Este estudo pode ser realizado devido o Artigo nº68 ADCT de 1988¹⁸, regulamentado pelo decreto presidencial nº 4.887, de 20 de novembro de 2003¹⁹.

Para este trabalho, foram feitas pesquisas cartoriais, investigações, registros históricos disponíveis, reconstrução de trajetórias das famílias quilombolas, entrevistas com informantes residentes no quilombo e nas cidades vizinhas como também foram realizadas reuniões com técnicos, juntamente com os quilombos. (PORTO ALEGRE, 2017, p. 05)

A execução deste estudo foi realizada pelo Laboratório de Observação Social (LABORS) que é vinculado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

2.3.1. Retorno ao quilombo de Palmas: Fabiana Alves

Conheci o Quilombo de Palmas quando era pequena, porém eu não conhecia todos os Rincões desta região. Uma vez por ano, eu me deslocava com minha família paterna para rever os túmulos de nossos antepassados.

A primeira vez que vi a líder comunitária foi em uma ida a esta região, pois estava elaborando meu Trabalho de Conclusão de Curso, pelo curso de Licenciatura em Letras. E a segunda vez foi em 2020 em um curso on-line realizado pelo professor Jacinto, Mestre em ensino pela UNIPAMPA, que era relacionado à cultura

¹⁸ “Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, D.O.U, 1988, p. 27).

¹⁹ “Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias” (BRASIL, D. O.U, 2003)

africana denominado *Arte e Cultura Afro-brasileira: valores civilizatórios e resistências históricas*, no qual seu pai e ela relatavam sobre os problemas burocráticos enfrentados pela comunidade.

Minha segunda passagem por Palmas foi de cunho profissional e ele começou quando fiz meu primeiro contato com a Fabiani Alves de Franco, líder comunitária da região e é uma figura que está ligada às questões da terra. Na época, ela ainda atuava como professora da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Simões Pires. Nossa aproximação se concretizou em uma visita a esta escola para definir os próximos passos desta pesquisa. De imediato, percebi que a conversa com a Fabiani Alves me despertou uma inquietação em relação o lugar das professoras negras nesta escola rural de contornos urbanos em um currículo predominantemente eurocêntrico. Isso fala muito sobre a Fabiani e também sobre meu lugar como pesquisadora.

Porém os desafios para o pesquisador estão sempre nos colocando a prova. A duração de seu contrato duraria até abril e então minha pesquisa sofreu algumas alterações.

Fabiani Alves de Franco é militante quilombola, formada em março de 2022 pela Universidade Federal do Pampa, no curso de Licenciatura em Educação no Campo/ Ciências da Natureza. Atualmente é mestranda pela Universidade Federal de Brasília, no curso de Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais – MESPT.

A relação dela com os alunos era muito significativa, pois conhecia a maioria dos alunos daquela instituição, inclusive alguns alunos eram seus parentes. Durante este dia, ela relatou-me sobre os principais problemas enfrentados pela comunidade. Segundo ela, os alunos quilombolas enfrentam diversas dificuldades por pertencer a este extrato social, pois ser quilombola é sinônimo de exclusão social. Na escola, os alunos enfrentam problemas como transporte público, problemas na infraestrutura. Ela, enquanto estagiária, não conseguia aplicar conteúdos ligados à terra em seus conteúdos, pois, como ela mesmo disse, a escola é um “puxadinho da cidade”, no qual o currículo não corresponde efetivamente aos conhecimentos específicos daquela comunidade.

Ela ainda ressaltou que sua comunidade ainda não é oficialmente titulada como Comunidade Remanescente de Quilombos. De todo modo, a escola se

colocava como um lugar estratégico para a comunidade, sendo um espaço de atuação e pesquisa para Fabiane, enquanto mulher e liderança quilombola.

A Resolução n.º 08 de 20 de novembro de 2012 define as Diretrizes Básicas para a Educação Quilombola na Educação Básica. A mesma determina que toda a escola inserida em uma comunidade quilombola é considerada uma escola quilombola e deve ter pedagogia própria, levando em consideração toda a conjuntura cultural dos povos quilombolas.

A escola está em uma comunidade quilombola e a maioria desta população vive lá há muito tempo e precisa de um currículo que retrate a trajetória de seu povo. Situada na Zona Rural, mais especificamente em uma área remanescente de quilombo, a Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Simões Pires está localizada no Quilombo das Palmas, mais precisamente na Coxilha das Flores, s/n, CEP: 96437-000.

A escola atende, no turno vespertino, alunos entre idades de 05 a 15 anos. Segundo o Censo Escolar da Educação Básica de 2021, a escola está com 62 alunos, distribuídos entre a pré-escola (3 matrículas), anos iniciais (22 matrículas) e anos finais (40 matrículas) e educação especial (07 matrículas).

Quanto à infraestrutura, a escola conta com 09 salas de aula, 01 sala para a diretoria, 01 sala para Atendimento Escolar Especializado, 01 Cozinha com refeitório, pátio descoberto, área verde.

Quanto à acessibilidade, a escola possui um banheiro para pessoas com necessidades especiais. Quanto ao acesso à internet e multimídia, a escola conta com internet banda larga, computadores, desktop, computador portátil, aparelhos de televisão, aparelho de som, datashow, impressora, aparelho de DVD.

O corpo funcional da escola conta com 8 professores e 2 serventes merendeiras. Atualmente, percebi que a escola enfrenta problemas como a falta de professores e necessita de reformas no prédio. Quando visitei o local no mês de junho, a escola estava passando por reformas no muro da frente.

A escola atende as crianças oriundas da zona rural e de escolas que foram fechadas por falta de alunos. A maioria dos professores e funcionários são da zona urbana, incluindo a Diretora da escola. A única professora que era da comunidade se chama Fabiani Alves de Franco, moradora da comunidade e ex-aluna da mesma, inclusive alguns dos alunos são seus parentes. Infelizmente quando cheguei ela já

estava se despedindo da escola, pois seu contrato estava acabando e estava viajando para Brasília para estudar no curso de Mestrado pela Universidade de Brasília.

Os professores e funcionários se deslocam para a escola via transporte, oferecido pela prefeitura municipal. Eles saem da cidade por volta das 05:00 - 06:00 da manhã para chegarem na escola por volta das 07:30 para que possam organizar as salas, tomar café e resolver assuntos relacionados à escola. Os alunos chegam as 09:00 e permanecem na escola até as 15h. É oferecido aos alunos café, lanche e almoço. O transporte é responsável em deixar os alunos em suas casas e esse trajeto demora mais ou menos 1 hora.

Voltar para este lugar de origem foi um movimento de buscar compreender minha própria história, a história das mulheres negras que ali habitaram e que dali partiram, espalhando seus modos de conhecer e agir no mundo. Pensei em pesquisar a prática das professoras negras daquela escola, fui provocada a pensar a escrever duas histórias de vida e disso promover descolonização de pensamentos. Percebi que contar sobre a minha ancestralidade, seria uma forma de contribuir com as lacunas desta literatura quilombola que está sendo registrada. Contar a história deste território, desta Bagé negra e quilombola, tendo no horizonte a necessidade urgente de combater uma história única, sonhando com a restauração da dignidade de um povo, tal como escreve Chimamanda Ngozi Adichie (2009).

3. MULHERES QUE VIERAM DO QUILOMBO: um olhar feminista e interseccional sobre a trajetória de mulheres negras no território bajeense.

3.1 Escrevivências sobre minhas avós: memórias sobre Maria e Loiva

3.1.1. Dona Loiva: “Eu não morro tão cedo!”



Figura 6- Dona Loiva em sua festa de 90 anos, em 2019.
Fonte: Facebook.

Loiva Dias Colares nasceu dia 12 de janeiro de 1928 na zona rural da cidade de Bagé, localizada próximo ao Rio Camaquã e faz parte das cidades que fazem fronteira com o Uruguai. Ela nasceu no Quilombo das Palmas, na Coxilha das Flores. Seu pai se chamava Trajano e sua mãe se chamava Dalila, que era uma Pessoa com Deficiência²⁰ e teve os cinco filhos de parto normal.

A vida da minha avó paterna é tão interessante e cheia de histórias que daria um livro e eu tive a oportunidade de ouvi-las.

²⁰ A mãe dela era paraplégica.

Ela pouco falava de sua infância, porém pelo o que ela contava dava para entender que foi uma etapa tranquila na sua vida se tratando da realidade da campanha, talvez não tenha passado fome. Era semianalfabeta, pois não conseguiu terminar os estudos. Ela dizia que ficava “correteando por aí”.

Ela dizia que era muito louca na sua juventude, frequentava festas com suas amigas na zona rural, pois isso era uma coisa que ela gostava muito. Durante estas festas conheceu um rapaz e acabou engravidando aos quinze anos. Ela foi mãe de uma menina chamada Maria de Jesus que foi criada por outra família, pois naquela época não era aceitável uma mulher criar um filho sozinha e muito menos fora do casamento. Além disso, honra se lavava com sangue, porém o sujeito que engravidou minha avó teve sorte porque foi preso. Ela me contou um dia na frente da casa dela, que o viu anos depois, quando já estava casada com o meu avô. Soube que ele já tinha se casado e tinha constituído uma outra família. Quanto sua primeira filha ela a reencontrou depois de cinquenta e quatro anos, já doente pelo câncer de colo de útero, enfermidade que a levou precocemente.

A sua vida mudou drasticamente após a maternidade. Em seguida ela começou a trabalhar na região das Palmas como empregada nas estâncias e casas rurais. Ela conheceu o seu primeiro marido e com ele teve dois filhos: uma menina que se chama Marli e um menino. Durante este casamento ela apanhava muito, ela me disse exatamente assim: - “ eu não pude com a vida do pai da Marli, ele me batia”. Decidiu se separar, entretanto ela teve que dar o seu menino que estava na primeira infância. Anos depois ela soube que ele tinha morrido por causa de uma mulher. Ela me contou que contaram a ela que o encontraram morto dentro de um buraco com marcas de tiro no corpo.

Depois da separação do primeiro marido, minha avó foi trabalhando de casa em casa e levando a Marli consigo, pois não tinha uma rede de apoio que acolhesse minha tia enquanto ela trabalhava. Dona Loiva chegava nas casas e deixava a minha tia trancada em um local e lá ela ficava até a vó terminar o serviço, para poder dar algo para minha tia comer e ver se estava bem ela fugia durante as limpezas.

Quando a tia Marli estava na idade da pré-adolescência as patroas que queriam ela para trabalhar. Minha avó entregou-a para uma mulher que gostou muito dela. No entanto, minha avó descobriu que a mulher era muito má e que estava maltratando minha tia e então a buscou de volta para a casa.

O destino de todas as filhas da minha avó era trabalharem muito novas em casas de família assim que saíram da zona rural. Uma delas foi embora, há quarenta anos, para o estado do Rio de Janeiro onde vive até hoje. Os filhos foram trabalhar em trabalhos forçados como pedreiro, conserto de geladeira, pintura de casas etc.

Ela se casou pela segunda vez e teve a tia Nita. Minha vó dizia que este era um bom marido, pois dava tudo para ela dentro de casa e se davam bem e inclusive com os sogros a única coisa é que ele costumava sair à noite. Uma vez correu uma história pela comunidade de que este homem na verdade era um lobisomem e a minha avó, ao saber disso, se separou dele.

Em seguida ela conheceu o meu avô e começaram a viver juntos. Um dia, deitada em sua cama com o vô Valdomiro, ela percebeu que estava gorda, meu avô disse que ela estava grávida que iria assumir a filha dela do último casamento. Detalhe: já estava no terceiro filho. Assim foi levando sua vida de casada com os filhos nascidos e a espera da sua quarta filha. E os outros filhos foram nascendo uns atrás dos outros.

Vale a pena ressaltar que naquela época não tinha televisão, celulares, computadores e rádio. Então a única coisa que tinha eram as relações sexuais. Minha avó contava que meu avô era um homem que a procurava bastante durante o dia e ela nem sempre queria, mas fazia porque era o marido dela, inclusive ela dava graças a Deus quando ele conseguia uma amante.

Ela contava que quando a menstruação não descia começava a tomar muitos chás até descer. Quando não acontecia era sinal que a criança tinha vingado. Minha avó não parou de trabalhar porque engravidou, pois ela tinha os outros filhos para cuidar, então ela continuou na lida até o fim em todas as gestações.

Os partos de minha avó eram feitos em casa por ela mesma. Quando ela começava a sentir as dores, fazia todas as atividades da casa enquanto as dores não apertavam. Quando isso acontecia ela se agachava em um banquinho e ganhava a criança. Após o parto ela mesma fazia os cortes umbilicais. Ela me explicou como cortava o cordão umbilical: primeiro ela deixava o sangue do cordão secar primeiro; depois contava os palmos e cortava o cordão com uma tesoura e por fim ela tirava a placenta de dentro dela. Ela dava o banho no bebê e o colocava na cama e as roupas do parto ela lavava no arroio. Somente três filhos ela teve que ganhar na cidade e em uma parteira. Teve muitos sustos por fazer partos em casa:

antes de um de seus filhos ela sofreu um aborto espontâneo no sétimo mês de gestação: durante a noite ela sentiu uma dor muito forte e resolveu se sentar na cama. Quando ela viu que algo tinha saído de dentro ela expeliu de dentro dela o feto de seu filho, porém quando ela cortou o cordão que os ligava ele acabou morrendo e o pior de tudo é que dessa vez a placenta não saiu como de costume. Ela teve que ir a pé até o hospital e por sorte conseguiu carona no meio do caminho. Chegando ao hospital não conhecia mais ninguém e se não tivessem tirado a placenta a tempo ela teria falecido.

Ela dizia depois dessas histórias que não morreria tão cedo.

Ela teve mais de 20 filhos. Engravidava entre idas e voltas onde o vô ficava plantando. Quando descobria às vezes já estava em idade gestacional de três meses e por isso ela deixava nascer. Criou metade por causa das mortes prematuras de alguns. Se não fossem os abortos provocados e espontâneos ela teria tido uns trinta.

Esse relacionamento durou mais de cinquenta anos e teve muitos altos e baixos, brigas por ciúmes e traições de ambas as partes. Minha avó me contou uma história que seria muito engraçada se não fosse humilhante. No início de seu casamento meu avô teve uma amante que era comadre deles e ele levava amante para ficarem mais íntimos no quarto onde ele e minha avó dormiam. Meu avô, quando chegava com esta mulher, mandava minha avó, a tia Nita, seu irmão Sinval, a tia Marli para outro cômodo para ficar no quarto com a amante e esta situação durou até a vó descobrir que ele estava dando comida de dentro de casa para esta mulher. Foi neste momento que minha avó foi até a casa da amante e disse para o marido dela que ela estava dormindo com o seu marido na casa dela. Sabendo disso, o marido da amante chegou na casa da minha vó e pegou os dois no flagra e meu avô foi para debaixo da cama.

Enquanto o marido pegava sua esposa abaixo de mau tempo, minha vó disse ao meu avô: - O que tu tá fazendo debaixo da cama Valdomiro? Sai daí Valdomiro!

Meu avô a acusava de tê-lo delatado e ela jurava de pés juntos que não.

É o que dá humilhar uma capricorniana!

E assim ela foi parindo, criando, perdendo filhos.

Uma destas perdas se chamava Tamborindogui e nasceu antes de um de meus tios. Ele faleceu após uma queda de uma árvore sobre a sua cabeça na qual seus irmãos estavam brincando.

Outro filho ela perdeu para o “sapinho”. Ela deu chá de sálvia para o seu filho pequeno e pediu para que uma de suas filhas cuidasse para que não saísse de casa, pois poderia morrer. Infelizmente as meninas não conseguiram conter a criança em casa e em um momento de distração ele saiu. Depois disso ele ficou muito doente e acabou falecendo. Ela me disse isso quando eu levei o meu filho para visitá-la, João Miguel tinha poucos meses de vida, ela me aconselhou a cuidar o “sapo” foi quando ela me contou esta história. Também enfaixou o umbigo dele e disse para que eu cuidasse, pois o umbigo poderia ficar rendido.

Um de seus outros filhos enterrou sem batizar, pois este nasceu morto e decidiram enterrá-lo em uma caixa de sapato sem dar um nome a ele. A partir daí ela começou a ouvir choro de bebê e por causa disso ela resolveu desenterrar o filho e convenceu um casal de amigos para batizá-lo.

Ela teve uma vida difícil, infelizmente ela não teve a mesma sorte que eu, pois era semianalfabeta. No entanto, ela teve que abrir a marretadas os caminhos para que hoje eu pudesse estar em um curso de mestrado. Muito pobre, teve que trabalhar como doméstica na zona rural, mas ela ganhava menos pelo trabalho que ela exercia porque naquela época as empregadas domésticas não tinham direitos e trabalhavam por um teto e comida. Então minha avó às vezes roubava carne das casas dos patrões, colocava na cintura e levava para os filhos comerem. Meu avô levava comida para a casa, juntamente com o meu pai que levava em sacos de estopa os legumes e verduras, e por isso as coisas não pioravam tanto. Quando apertava mesmo minha avó para não deixar os filhos com fome colhia da natureza plantas comestíveis, conhecida como *PANC*, cozinhava em uma panela com água e sal e dava para os filhos comerem.

Durante sua vida ela batalhou muito para criar os filhos embora muitos não reconheçam seu esforço. Ela errou muitas vezes, privilegiou alguns filhos, pois as mães têm melhor afinidade com alguns filhos que com outros. Isso era visto na minha avó tanto que ela teve tantas desavenças com alguns filhos que ela já enforcou um deles de tanta fofoca que este filho fazia. Ela pegou uma corda, passou na volta do pescoço e a dependurou. Enquanto isso, outros filhos na volta estavam

pedindo para que ela parasse. Sem dar ouvidos aos clamores dos outros filhos, olhando friamente para o filho dependurado, ela perguntou: vai parar de fazer fofoca, fulana? Enquanto esta não fez um sinal de positivo, minha avó não soltou a corda.

Outro filho ela chamava de “Nego do Inferno”, porque ele era e ainda é impossível de lidar, pois onde ele chegava conseguia estragar qualquer conversa e o sossego de seus irmãos. Tem aqueles que faziam coisas erradas e ela, como era o filho no qual ela tinha mais afinidade, passava a mão na cabeça.

Segundo minha avó, meu avô era muito violento no momento de repreender os filhos. Ela me dizia que quando isso acontecia ele batia até quase matar ao ponto da minha vó ter que intervir. Uma dessas situações foi com um de seus filhos no qual ela pediu para que o meu tio respondesse algo para o meu avô quando ele falasse algo para ele. Isso foi o suficiente para meu avô bater nele feito louco e a vó teve que apartar.

Minha bisavó morreu por complicações durante o parto de sua quinta filha, a tia Toca. Pois ela conseguiu parir o bebê, mas infelizmente não conseguiram retirar a placenta a tempo. Ela era cadeirante e teve, além da minha avó, mais quatro filhos. No total eram três homens e duas mulheres. Coube a minha avó assumir o papel de mãe de sua própria irmã. Assim que sua mãe faleceu, minha avó disse para o seu pai que limpava até a bunda dele, mas que não trouxesse outra mulher para dentro de casa porque “madrasta, diabo arrasta”.

E assim ela vivia sua vida, cuidando da irmã recém-nascida de seu pai, de seus filhos e marido.

Ela, com o seu trabalho, conseguiu o respeito de muita gente e construiu uma trajetória linda e dolorida. Ela era a única que conseguia reunir toda a família em um único dia do ano: o seu aniversário no dia 12 de janeiro. Porém, semanas antes ela sempre ficava reclamando: “- bah, eu vou ter que gastar”.

Em todos os seus aniversários todos os filhos e seus filhos se direcionavam a sua casa para comemorar mais um ano de vida. Foi assim que conhecemos os filhos de minha tia que mora no Rio de Janeiro. Foi assim que conheci os meus outros tios avós, primos, amigos de minha avó.

Mas como em toda a festa de família, tinham brigas no fim. Sabe quando a bebida sobe na cabeça?

Mais uma coisa: ela fazia um doce de ambrosia de comer rezando. Era bem dourado e cremoso e chegava a ter umas bolotas enormes de doce na panela. Quis saber como se fazia este doce e ela me deu a receita, mas quando fiz não eram os mesmos do que ela fazia.

A vó se preocupava demais sobre o meu futuro, pois não tive a minha mãe perto de mim. Ela sempre dizia: “- o que vai ser da Paula, ela não tem mãe”.

Talvez, quando ela comentava sobre conhecidos que namoravam e ela já falava a célebre frase: “- já vai contratar”, pensava que eu iria me inspirar nessas falas e teria a ideia de casar com um cara que me assumisse, pois na cabeça dela essa era minha única salvação: um casamento.

Bueno, estamos falando de uma mulher da que nasceu no século passado, né?

Graças a Deus ela pode me ver formada no ensino médio e no ensino superior, inclusive foi ela quem me deu o anel de formatura após a colação de grau no Curso de Letras.

Fogão a gás há cinquenta anos atrás era luxo, minha avó somente cozinhava em fogão à lenha e como tinha matéria prima suficiente já era uma mão na roda. No entanto, para minha avó não era nada fácil.

Ela tinha um trauma enorme de fogão a lenha e vou contar o porquê. Ela teve seu último filho aos 42 anos e seu parto foi muito difícil e doloroso. Quanto começou as dores ela foi para o hospital juntamente com uma de suas filhas mais velhas, a Tia Nita, que também estava em trabalho de parto de seu primeiro filho. Foi constatado no hospital que o meu tio não se mexia e aí começou a dolorosa jornada da vó Loiva. A equipe médica ao invés de realizar um parto cesárea, pois meu tio estava sentado, forçou a minha avó a ter o guri de parto normal e para isso enfiavam a mão dentro da vagina de minha avó para fazê-lo virar. Minha avó não aguentava mais de tanta dor e ela sentia o meu tio se encolher dentro da barriga para não ser puxado durante todas as vezes que o médico de plantão colocava as luvas para realizar o procedimento. Mesmo assim, a minha avó realizou o parto de sua filha e ainda cortou o cordão umbilical, deixando as enfermeiras impressionadas.

O sofrimento da minha avó durou um bom tempo, até que na troca de plantão um médico velho e de cabeça bem branquinha chegou no leito da maternidade onde ela estava e perguntou para ela o que estava acontecendo e ela respondeu que seu

filho estava sentado na barriga e que o médico durante o plantão anterior estava tentando fazê-lo virar, colocando suas mãos por dentro da vagina. Ela já não aguentava mais e estava em prantos.

O médico a acalmou e disse que já iria resolver isso. Levaram-na para o bloco cirúrgico, a anestesiaram e dormiu. Acordou momentos depois com o meu tio no braço e a barriga costurada até a altura do umbigo. Se não fosse este médico ela não estaria aqui.

Infelizmente meu tio nasceu com as marcas das unhas das enfermeiras. Minha avó sentia muitas dores da cesárea e infelizmente ela não tinha uma empregada ou uma rede de apoio para auxiliá-la nos afazeres domésticos, pois ela não poderia ficar na frente de um fogão durante a recuperação. Minha avó teve que fazer comida na frente do fogão a lenha em temperatura quente, com a cesárea não cicatrizada e meu tio chorando no colo e ainda ela estava com muita dor do procedimento. Por isso que ela nunca mais cozinhou em um fogão à lenha.

Meu tio começou a ter convulsões assim que ficou maior. Minha avó levou-o para o psiquiatra que disse a ela que ficaria assim até os 15 anos e se depois disso parasse ele nunca mais teria nada. Ela passou muito trabalho com ele e trabalhando por comida e por uma casa que parecia mais um quarto.

Aos 65 anos ela se aposentou e não voltou a trabalhar para fora.

Com toda a velhice surgiu as doenças, no entanto ela tinha mais saúde que seus filhos tanto que teve que reviver a tristeza de enterrar outros filhos que não se cuidavam como ela.

A minha avó gostava de comer bem. Ela pesava mais de 100 quilos e naquela época era status padrão de mulher e depois que descobriu o Diabetes ela ficou com 70 quilos.

Mesmo com doenças surgindo, ela não deixou de viver a sua vida e chegou aos 90 anos homenageada com uma festa em um lugar que ela gosta: no CTG Sentinela da Fronteira. Como mulher do campo ela gostava de música gaúcha, aliás era o ritmo que mais eu ouvia nas festas dela. Estava ela rodeada dos filhos, netos, bisnetos, tataranetos, sobrinhos, irmãos vivos, amigos e admiradores.

Faleceu em casa aos 92 anos e viveu uma vida de altos e baixos com uma intensidade que poucos aguentariam.

3.1.2 Dona Maria: “mulher direita é prá casar”!



**Figura 7- Dona Maria na formatura de sua neta em 2013.
Fonte: Facebook.**

Maria Luiza Leivas Gularte nasceu em Lavras do Sul, no dia 28 de agosto de 1933. Filha de baiana, que se chamava Otilia, e de um homem que usou ela e não a quis mais. A abandonou com três filhos, sendo um deles deficiente.

Vó Maria passou seus primeiros anos de vida na zona rural até ser doada, juntamente com sua outra irmã, aos sete anos de idade, para a sua mãe de criação para trabalhar.

Sua mãe de criação colocava ela e sua irmã no tanque para dar banho em todas as estações do ano; dava socos na cabeça delas quando não faziam as coisas direito.

O trabalho de minha vó não se limitou somente no ramo doméstico. Ela também buscava cavalos no campo às seis da manhã para o seu pai de criação. Foi durante essas buscas que ela ouviu de seu pai de criação, que estava falando na frente dos amigos dele, que as pessoas brancas nasceram no dia e a Maria era preta porque nasceu de noite.

Na sua infância ela se dividia entre o trabalho e o brincar de boneca nas horas vagas.

O racismo na cidade de Bagé era tão absurdo que negros e brancos caminhavam em ruas opostas. Minha avó, além de ter ouvido a vida inteira que tinha nascido de noite, contava histórias que os outros parentes sofreram. Uma delas é a de meu avô que foi indo pelo outro lado da rua na qual os brancos transitavam e quando se deu conta ela puxou-o pelo braço, pois ele tinha esquecido que naquela rua ele não podia transitar. Aquela atitude de meu avô constrangeu um outro branco que se sentiu invadido. Outra história contada era quando meu avô trabalhava como carroceiro para o Senhor Obino, dono das Lojas Obino, daqui da cidade de Bagé, ele era hostilizado pelas pessoas que diziam palavras racistas e de baixo calão. O senhor Obino xingava-os dizendo: “- deixem seu Oscar em paz! ”. Este senhor tinha medo que fizessem algo ruim para o meu avô.

Ela, por ter nascido à noite, era impedida de entrar nos clubes da cidade frequentados pela alta sociedade a qual sua mãe de criação pertencia. A sua mãe de criação era esposa de um funcionário do alto escalão da antiga Ferroviária de Bagé.

Um belo dia de carnaval ela, juntamente com sua mãe de criação, foi ao Clube Comercial²¹, com a sua mãe de criação e foi barrada na porta do clube. O segurança do local alegou que ela não poderia entrar porque ela era negra. Diante o furdunço causado pela sua mãe de criação, o segurança disse: “ - vocês entram, mas ela (minha avó) não! Porque ela é negra! ”.

Dona Maria passou a sua vida sempre trabalhando duro por um prato de comida e/ou umas migalhas em dinheiro em diversas casas para manter-se.

Uma das coisas que chamou atenção foi a questão da estética corporal. Enquanto minha avó paterna não se preocupava com o formato dos seios, a Dona Maria usava sutiãs apertadíssimos a ponto de sua pele ficar marcada pelas tiras, pois ela foi ensinada a acreditar que se não fizesse isso, seus seios ficariam caídos.

A vida recatada era regra na vida das mulheres da cidade. Sexualidade não era um assunto que poderia ser tocado nas reuniões nos núcleos familiares principalmente entre pais e filhas. Nas escolas os docentes repassavam somente o

²¹ Clube Comercial é um clube branco tradicional no qual frequentavam as famílias mais ricas da cidade. Localizado na área central da cidade de Bagé é um local representativo da elite local embora hoje seja uma massa falida.

necessário sobre sexualidade, uma vez que as meninas não precisavam disso para saber coser, cozinhar e limpar a casa. Tem coisas que somente as mães explicavam para as filhas como se portar com o marido no quarto. Enquanto isso, os pais com os filhos homens já levavam, antes de completar 18 anos, para os prostíbulos para “aprenderem a serem homens desde cedo” explicavam quais eram as mulheres para brincar e as quais eram para casar e ensinavam como conquistar as “mulheres fáceis”. O Flerte já era considerado quase namoro sério.

Dona Maria me contou a história do Cabo Wilson. Este homem, que era militar do exército, passava todos os dias na frente da casa no qual ela morava com sua mãe de criação e ela ficava na janela esperando ele passar. Nesta época ela já estava na adolescência e já frequentava os bailes da época sempre acompanhada de uma mulher adulta.

Os dias foram passando e minha avó somente pensava neste homem que a cortejava ao passar na frente. Porém um dia ela foi a uma festa e viu o Cabo Wilson e foi indagar a uma senhora, que costumava leva ela e outras moças para bailes, sobre ele. Ela informou a minha avó que ele era casado e a mostrou a mulher que estava com ele aparentemente mais velha. Ela ficou em choque porque, por um triz, não se tornou “amásia” dele. Tinham que ver a cara dela nos contando! O susto foi nítido!

Após quase virar amásia, ela conheceu meu avô Oscar aos 18 anos, enquanto ele tinha por volta dos 40 anos. A primeira coisa que minha avó disse ao meu avô foi a seguinte frase: - Eu quero casa!

Meu avô casou antes de conhecer minha avó, porém seu casamento teve um final infeliz e quase trágico. Desconfiado de que estava sendo traído, meu avô começou a perseguir os passos da esposa. Um belo dia meu avô chegou em casa com um amigo e ouviu barulhos de dentro do quarto do casal. Ao se aproximar meu avô percebeu que ela estava transando com o amante. Indignado, ele deu para trás vagorosamente e nesse momento seu amigo que o acompanhava perguntou: - o que tu vai fazer Fontoura? Ele respondeu: - Vou lavar minha honra! O amigo o alertou para que não fizesse isso. Sem resultado.

Ele chegou devagar na porta e descarregou a arma. A sua esposa e o amante pularam do alto do segundo andar do sobrado onde moravam. Dizem as más línguas que ela se quebrou ao pular. Meu avô, movido pela ira, foi alertado para que

parasse com os tiros, mas ele disse: - não! Eu vou lavar a minha honra! Meu avô era um jovem de 18 anos e sustentava os irmãos mais novos após a perda de seus pais e por causa disso os policiais não o prenderam por tentativa de duplo homicídio, porém os policiais ficavam na volta para verificar se ele não tinha cometido o crime.

Anos depois meu avô se casou com a minha avó e desconfiava que minha avó era muito trabalhadora. As desconfianças aumentaram quando minha avó começou a lavar roupas para os militares de um Quartel General próximo onde viviam. Seu Oscar começava a acusar minha avó de traição e ela negava. Chegava todos os dias em casa em horários diferentes com a arma à mostra, checava todos os cômodos da casa e os móveis para ver se tinha algum homem dentro de casa. E a ameaçava dizendo: - se eu encontrar um homem aqui, eu te dou um tiro!

Minha avó pegou as coisas dela e minha mãe pequena e foi para a casa da mãe dela de criação. Meu avô foi atrás dela e pediu para ela voltar para a casa. Ela dizia que não queria voltar pois tinha medo de ser baleada por ele. Ela só voltaria se ele promettesse que não tomaria tais atitudes novamente. Ela voltou e quando ele estava cometendo tais atitudes ela o avisou que iria embora novamente. Ele nunca mais fez isso novamente.

Mais suas brigas não parariam por aí.

Meu avô também trabalhou como carroceiro, ronda e padeiro. Começou como padeiro e ronda na padaria Malafaia e depois se empregou em outra empresa do mesmo ramo no qual ficou até se aposentar, a famosa padaria Ferrer. Para complementar a renda e proporcionar uma vida melhor para a pequena Chiquinha ele ainda era ronda em um armazém do bairro em troca de comida, pois ele tinha uma conta aberta neste lugar.

Meu avô era analfabeto e trabalhou na padaria Ferrer até se aposentar. Para os funcionários da padaria era dado casa própria e um salário. Meu avô era um bom funcionário que se dedicava ao trabalho, por isso ele foi subindo de cargos enquanto casava e tinha filhos com a minha vó. Em uma certa altura da vida ele já tinha constituído uma família sólida com minha avó e já era pai da minha mãe e já ocupava na padaria o cargo de chefe dos padeiros.

Isso era motivo de Seu Fontoura, como era conhecido, ser alvo de inveja de muitos colegas de trabalho e talvez de magia negra, aumentando ainda mais o seu vício em bebidas alcoólicas. A bebida entrou na vida do meu avô para afogar as

mágoas da vida e do racismo. Se tornou alcoólatra a ponto de beber até quase cair nas valetas da rua.

Meu avô era um homem do “tempo antigo”, como diz a minha mãe. Era um homem que confiava mais na tua palavra no que estava escrito no papel, pois ele era um homem de palavra em um mundo onde o poder e o dinheiro corrompem pessoas. Talvez esse modo de ser veio de uma base de muito amor e união familiar. Seus pais ele e seus irmãos eram muito pobres, mas o amor fazia com que eles lutassem e compartilhassem a vida tão dura de forma tão leve.

Isso explica muito o modo como criou a minha mãe.

Infelizmente pelo seu caráter, meu avô foi vítima da ganância humana.

A maior briga entre meus avós maternos era sobre a casa, pois em todas as vezes que ele tinha que mudar para outra casa o dono da padaria dava para o meu avô uns papeis para assinar, nos quais ele nem sabia o que estava escrito. Isso gerava muita discussão entre eles, pois minha avó queria uma casa para ela e para a minha mãe.

Minha avó nunca conseguiu convencê-lo a escriturar uma casa para elas. Seu Oscar sempre acreditou que Seu Ferrer deixaria uma casinha para eles talvez por teimosia ou até mesmo a ingenuidade de meu avô. Ele foi até o fim com esta crença. Eu perguntei o motivo pelo qual ela não tomou uma atitude mais drástica, ela alegava que naquela época a esposa não podia “passar por cima” do marido, pois ele era o que dava a palavra final em tudo e isso ela tinha que respeitar. Ele trabalhou a vida inteira neste lugar e viu os filhos do patrão crescerem e acompanhou o nascimento dos netos.

Ele realmente acreditava que era da família.

Meu avô desenvolveu hipertensão devido aos excessos com o álcool.

Descobriu que nunca teve uma casa para chamar de sua quando já estava aposentado e muito debilitado, devido a sua frágil saúde. Ele foi ao Registro de Imóveis com a crença de que sua casa estava em seu nome e que deixaria um lar para a minha vó e minha mãe. Belo engano. Já nesta época minha mãe já estava com 22 anos e já era noiva de meu pai.

Meu avô ficou sabendo que não tinha nada em seu nome. Seus amigos conversaram com ele e conseguiram elucidar tudo e assim ele descobriu da pior forma que o homem que considerava como filho na verdade agiu como um canalha

com ele. Desiludido, sem casa para deixar a esposa e filha, ficou depressivo e faleceu de parada cardiorrespiratória, pois ele não aguentou ser enganado por tantos anos. Assim que soube da morte, o senhor do armazém no qual trabalhou como ronda em troca de comida impediu minha avó de pegar comida fiado. De uma hora para outra começaram a passar fome e por incrível que pareça meu pai assumiu a casa e colocou comida na mesa. Em seguida chegou uma correspondência: era uma ordem de despejo. Eles tinham 30 dias para desocupar a casa.

Desesperada, minha avó foi com sua irmã até a casa do patrão para pedir a casa e ele chamou sua esposa e disse exatamente assim para ela: - Teresa, a Maria quer casa! Tu és nova, pode se casar de novo!

Em seguida deu uma gargalhada.

No prazo estipulado eles saíram da casa, sem rumo. Minhas avós disseram que tudo tinha sido dividido com muita gente da minha família. Minha mãe se casou às pressas com meu pai e minha avó foi morar com eles.

Até então as coisas se acalmariam, certo? Errado!

Antes do casamento um Pai de santo chamou minha avó para conversar porque ele viu o meu pai na rua e a sentiu uma péssima sensação e em seguida jogou os búzios. Ele jogou novamente os búzios na frente da minha vó e disse a ela que terminasse logo com esta relação. Minha avó disse que a festa de casamento já estava preparada e não tinha como cancelar e minha mãe já estava decidida em casar. O pai de santo disse: - Dona Maria, não deixa casar! Vai dar tudo errado!

Ele alegou que meu pai não era para ela e que este casamento iria destruir a vida dela. Diante a persistência da minha avó em não abrir mão do casamento, ele avisou que não iria alcançar, mas a minha vó ia ver como isso iria acabar.

O casamento aconteceu.

Deveria ser um sonho de qualquer mulher apaixonada que sonhava em ter uma profissão, pois ela queria ser professora, ter um companheiro para compartilhar as coisas boas e ruins da vida. Pelo menos a minha mãe carregava este sonho que logo virou ilusão.

No início a relação entre os três era muito saudável parecia que tudo daria certo. No entanto, as intrigas e mentiras começaram a contaminar este ambiente saudável a ponto da minha vó ir embora da casa. O genitor alegava que minha avó

estava demandando espiritualmente para que desse tudo errado na vida dele e, por isso, ele e minha avó tinham brigas intensas. Minha mãe me contou que minha avó era devota de São Jorge e Santa Catarina e os tinha na casa onde moraram juntos. Um belo dia, meu genitor jogou no arroio as imagens da minha avó.

Ela foi embora da casa.

Com a saída da minha avó, minha mãe sofreu muito no casamento. Sofreu porque era a minha vó que fazia tudo dentro de casa (meu avô preferiu que minha mãe somente estudasse, portanto quem era responsável pela parte doméstica da casa era minha avó). Ela não tinha experiência suficiente para dar conta de um lar, embora ela tenha trabalhado como faxineira assim que as coisas começaram a apertar financeiramente em casa quando era solteira. Talvez ela não esperava que a ausência da minha vó a deixasse tão vulnerável, talvez ela tenha percebido tardiamente que o casamento que ela idealizou nunca existiu. A ficha da mãe caiu quando ela ficava sozinha em casa a noite inteira, enquanto ele estava no snooker; quando tomou um tapa na cara por não ter feito uma forma de pudim; quando pedia roupas novas porque ela já andava com calças remendadas e ele não dava; das inúmeras brigas e cobranças por ela não conseguir dar conta dos afazeres domésticos. Me lembro de uma vez de meu pai xingando ela pelo fato de ela não ter conseguido lavar um tanque com roupas pois não era fácil ser mãe de uma filha como eu, pois eu era uma criança traquina. Ficou pior quando batiam na porta dela para relatar sobre as traições dele; quando era proibida de ver sua mãe mesmo depois do meu nascimento; quando era bombardeada por ele com intrigas e isso lhe causou um stress ao ponto de surtar psicologicamente. No surto ela parou no médico psiquiatra que receitou uma medicação, mas que ela só tomasse caso não estivesse grávida.

E ela estava, de mim.

A esperança era que a gestação e a maternidade trouxessem paz na vida de minha mãe. O tempo deixou ela pior: a pressão das intrigas familiares trazidas pelo pai, mais as pressões da maternidade levaram a minha mãe à loucura. Minha mãe chegou a ser amarrada em uma cama em um momento de surto. Ela ainda me amamentava.

Ela começou a namorar com ele quando ela tinha 15 anos e ele 18. A vó Loiva dizia que minha mãe era uma guria que quando chegava em casa se sentava

no colo do pai dela e que era uma menina nova, inexperiente. Minha avó dizia: - O João criou a Chica!

Os familiares do casal e os amigos da minha mãe olhavam para os dois e dizia para a mamãe pegar outra pessoa. O namoro e o noivado foram como um conto de fadas: ele frequentava a casa dos pais de minha mãe, inclusive minha avó lavava as roupas dele e costurava; meu avô sorriu para ele uma vez que meu avô era um homem sisudo. Meu pai, uma das minhas tias e minha mãe saiam juntos para os bailes, para a Escola de Samba Aliança. No entanto, Seu Fontoura sentia que este relacionamento não iria dar certo e pediu para minha avó que cuidasse dela quando acabasse, pois, ele não ia viver por muito tempo. Quando estava sozinho com a vó Maria, o vô Oscar falava:

- Maria, esse rapaz não é pra Chiquinha! Esse casamento não vai dar certo!

- Cuida da Chiquinha Maria porque eu não vou alcançar, mas tu vai!

E alcançou! O genitor ameaçava minha mãe caso ela não saísse de casa e as brigas se acentuavam fora o desejo dela em querer ver a mãe dela. Em uma dessas brigas ele disse a minha mãe: - vai atrás dela e quando ela morrer tu vai junto!

Ela não aguentou e saiu de casa e me deixou lá, talvez para manter o pouco de saúde mental que ainda restava. Eu me lembro como fosse hoje: ela estava com uma calça de brim remendada por causa do desgaste, uma blusa azul claro com flores na frente e uma jaqueta vermelha. Ela carregava suas coisas em uma sacola transparente. Sua aparência era de esgotamento, mágoa e indignação. Eu me senti desolada no momento em que ela saiu e fechou a porta.

Quando soube que minha mãe tinha se separado, minha avó saiu da casa de sua irmã para morar com uma senhora que foi casada com o seu pai de criação, no entanto ela já trabalhava nesta casa muito antes de eu nascer.

Minha mãe, depois que percebeu o que tinha feito, se arrependeu e queria voltar para a casa, mas era tarde demais. Minha mãe ia lá em casa quase todos os dias pedindo para entrar em casa e quando eu atendia meu genitor pedia para que eu fechasse a porta na cara dela.

Minha mãe chegava e a senhora já dizia: - Maria! Abre o portão que é a Chiquinha! Minha avó chorava todas as vezes que contava. Essa senhora aceitou a minha mãe de braços abertos. Eu morei por um tempo lá quando era pequena e um dia voltei para a casa do genitor.

A vida da minha avó nesta casa era de uma mulher que trabalhava para manter ela e a filha em um lugar para dormir e comer. E para isso minha avó sacrificou uma vida confortável na sua irmã para trabalhar até dormir em cima da mesa. Em uma dessas madrugadas, enquanto ela cortava legumes para o almoço do dia seguinte, a avó ferrou no sono sentada em uma mesa e caiu em cima do braço, quebrando o ombro. Lembro-me da minha avó esfregando o chão da casa de joelhos; triturando o milho em um galpão para dar para as galinhas; ajudando a senhora a pegar a garnisé, uma galinha impossível; picando a carne para o Babalu, o gato desta senhora; buscando as compras do mês e eu adorava o comer o leite em pó da marca Ninho batido com açúcar e ela indignada dizia para que eu parasse com essas gulodices; varrendo com sua vassoura feita com galhos de árvores; me ensinando a cozinhar arroz; do quarto onde dormiram.

Recordo-me do Dick nos momentos que estava triste e ele ia até onde estava e me dava a patinha; da macieira; da ameixeira; da parreira no qual tinham as melhores uvas; das conversas que eu tinha com a senhora que abrigou minha avó e minha mãe, pois ela era muito bacana.

Trabalhou até os 70 anos, pois tinha medo de perder o único lugar que tinha para morar, após o falecimento da dona da casa, que era um galpão com madeiras podres prestes a desabar. Após o apelo delas, conseguiu o seu cantinho que levantou com minha mãe com muita luta, ajuda de pessoas boas e sacrifícios das duas. Muitas vezes elas atuavam como serventes de pedreiro levantando pedras, tijolos e areia para erguer a casa. Após a casa elas continuaram.

Retornei a casa em 2008 para morar com elas definitivamente nesta época a senhora já tinha falecido elas já estavam com sua casa construída nos fundos do terreno desta senhora que no final ficou com elas. Faleceu, aliás, descansou aos 84 anos, deteriorada fisicamente, mentalmente. Seu corpo estava desgastado há pelo menos 30 anos para surpresa do médico, pois não acreditava como ela ainda estava de pé.

4. COMO TEORIZAR ISSO TUDO? TEORIZANDO!

4.1. Uma leitura interseccional sobre as escrevivências

Moutinho (2016) cita Bamberg (2004) que descreve que nós sempre narramos sobre o nosso cotidiano, seja no trabalho, na família, sobre nós mesmos e fazemos isso aos que temos maior apreço ou que lidamos no dia-a-dia. E “esse falar de nós, de forma narrativa, que fazemos de maneira tão costumaz, possivelmente contribui para que sejam as narrativas a forma discursiva privilegiada para estudo da construção de sentidos da identidade”. (2016, p. 01).

Nesta dissertação, quero narrar mulheres que foram basilares para a construção de minha identidade como mulher negra e descendente de quilombolas: minhas duas avós. Essas mulheres, que estão no *reino da glória*, a partir do compartilhamento de suas experiências de vida, trouxeram-me para um campo de profundo conhecimento sobre a vida, maternidade, respeito, orgulho e provocaram-me a refletir sobre minha postura como mulher nesta sociedade machista e racista.

Para a contação dessas narrativas, inspiro-me nas obras de Conceição Evaristo. Uma mulher negra que cresceu em uma família de mulheres negras que, como eu, minha mãe e minhas avós, trabalharam como faxineiras, cozinheiras e empregadas domésticas. A obra da autora é caracterizada pela “postura lírico-poética, sustentando, no mesmo intervalo de tempo, a militância em que se insere a autora” (OLIVEIRA, 2022, p. 274) e suas narrativas oscilam entre ficção e realidade. Em seus enredos, as histórias são ficcionais, mesmo as histórias reais quando são narradas. Os personagens são potencialmente negros “e denunciam questões sociais que dizem respeito ao passado da autora vivido em Minas Gerais ou ao resgate de sua própria imaginação, como situações vividas em coletividades pelos seus afrodescendentes, modalidade de escrita literária que a autora intitula por escrevivência” (OLIVEIRA, 2022, p. 274 apud OLIVEIRA, 2009)

Ela conta as experiências de vida de personagens que geralmente estão à margem das literaturas canônicas e quando aparecem suas figuras são estereotipadas. “No sentido de escrita do cotidiano, a romancista estreia no cenário literário dando voz a grupos subalternizados: homens e mulheres negras, crianças, bêbados, putas e malandros (EVARISTO, 2017), dando espaço na literatura nacional ao invés de estereotipá-los.” (OLIVEIRA, 2022, p. 275)

Devido a sua atuação na militância antirracista, seus textos são um convite ao leitor para entender as relações de poder que estão inseridas, via narrativas, que atingem a população negra.

A escrevivência surgiu nos anos 1994 e 1995 com finalidade de romper com o imaginário sobre a mulher negra que a persegue desde o Brasil colônia. Segundo a própria autora, a escrevivência:

em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. **E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos.** E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: **“a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”**. (EVARISTO, 2020, p.31)

O ato da escrita, além de colocar no papel o processo de resistência, a escrevivência pode ser vista como o resgate da nossa identidade via ancestralidade, pois acredito que nos vemos através dos olhos de nossas avós. Por isso, vale a pena discutir sobre a importância da ancestralidade feminina e como isso afeta as mulheres.

E o que é ancestralidade?

Segundo o dicionário Michaelis de Língua Portuguesa, ancestralidade pertence à classe gramatical substantivo feminino e pode significar “qualidade de ancestral; tradição ancestral; legado de antepassados; linha das gerações anteriores de um indivíduo ou de uma família; proveniência de um povo” (2024). Também pode ser considerada a partir dos costumes, ritos, crenças e tradições de uma pessoa, passada de seus predecessores.

O termo ancestralidade pode ter múltiplos significados – cultural, religioso, genético e político. Mesmo podendo ser discutida de forma bem ampla, este termo tem a ver com a herança que nos é deixada e com a nossa conexão com nossos antepassados. Geneticamente, ancestralidade são os indivíduos que nos descenderam biologicamente.

Segundo Machado e Oliveira (2022):

Ancestralidade é fonte de pertencimento que tece o chão / lugar, espaço território regido pelo tempo da natureza, tempo do aprender, do experienciar, amadurecer, encantar-se. Implica no enraizamento que é coletiva, comunitário, fruto de uma cultura, de um chão. (p.08)

A primeira coisa que sempre nos perguntamos é sobre onde viemos e a quem pertencemos genealogicamente. Quem veio antes de nós, de nossos pais, de nossos avós?

Acredito que nós queiramos entender simplesmente pelo fato de que, lá no fundo, temos esta sensação de pertencimento.

Em relação aos afro-brasileiros o assunto é diferente. O processo de pertencimento para alguns é resistência, luta, reparação histórica e resgate histórico para os negros.

Saber de onde viemos também tem a ver com a herança moral, material e até mesmo espiritual que nos foi deixado durante gerações. Enquanto para os povos europeus a ancestralidade é bem marcada pelo brasão de suas famílias, para os negros a perspectiva é marcada pelo sofrimento, banalização de nossa cultura, costumes e tradições. Uma vez que os nossos antepassados foram aglomerados em navios negreiros e separados de pessoas escravizados que falassem a mesma língua justamente para que não pudessem se comunicar, já evidencia a falta de referências de nossos antepassados e de nossas heranças. O que podemos dizer que a única herança que nos restou foi a luta pela sobrevivência em uma sociedade racista.

Ancestralidade feminina são todas as mulheres que antecederam a nossa existência. Geralmente estão ligadas a nós geneticamente ou não, que fizeram parte da nossa criação e é através dela que nos constituímos de forma biológica e energética na nossa vida como mulheres. Qualquer pessoa é constituída de energias femininas e masculinas. É a energia feminina que representa a cabaça da existência, que gera, cria e co-cria. O feminino segundo Machado “é o útero do mundo, potência da vida comunitária, coletiva, pautada pela justiça e pelo *bem*

viver”²². A mesma autora ainda diz que a ancestralidade nos permite ser, existir, reexistir, resistir e, dessa forma, somos ancestrais, nossos corpos são ancestrais.

De nossas mulheres herdamos a resistência, o sofrimento e a força empregada em momentos de perdas, mas também herdamos a esperança, o amor acima de tudo, a caridade, a resiliência. Estas mulheres foram sequestradas e enviadas para o Brasil em navios negreiros e presenciaram outros negros capturados virarem comida de tubarão. Sobreviveram para depois serem vendidas como objetos para servirem, no entanto, a fé fez com que muitas delas pudessem ressignificar suas vidas em meio a nova vida.

As mulheres negras são as guardiãs da ancestralidade. Estão com elas todos os ensinamentos que constroem valores, crenças, tradições, que permanecerão pelas nossas gerações. São elas que fazem a ligação entre o passado e o futuro de nossas gerações, sendo o elo que mantém preservados os saberes que carregamos. “As sabedorias ancestrais femininas tecidas em nossas escrituras propõem que cada uma de nós se responsabilize e se autorize a reescrever nossas histórias, reconstruí-las, continuar suas tessituras, contar sobre nós desde nós mesmas.” (MACHADO, 2021, p.283)

Scavone (2001) enfatiza a partir de pesquisas que a teoria feminista foi a responsável pela tomada de consciência das mulheres a respeito das implicações sociais da maternidade, pois essas teorias discutem sobre as implicações sociais e políticas da maternidade. Algumas correntes mais radicais defendem a maternidade como opressora de mulheres, no qual delimita o papel social da mulher e a opção por não ter filhos para obter liberdade. Outras correntes enfatizam a maternidade como poder inerente à mulher “fazendo parte da história e identidade feminina e que os homens as invejavam”. (p.52). No entanto, o que leva as mulheres hoje a ressignificarem a maternidade é a liberdade para alcançar os seus sonhos sejam eles acadêmicos, financeiros ou pessoais. A falta de responsabilidade dos parceiros, e questões financeiras talvez sejam um senso crítico em relação a sua vontade materna. Scavone (2001) explica que nas sociedades rurais, a maternidade sempre

²² MACHADO, A. F. **Filosofia Africana e Saberes Ancestrais Femininos: útero do mundo. Le Monde Diplomatique Brasil.** Disponível em: <https://diplomatie.org.br/filosofia-africana-e-saberes-ancestrais-femininos-utero-do-mundo/> . Acesso em: 09 mai. 2024.

foi relacionada com a fecundidade da terra. As crianças tinham serventia tanto para o trabalho como para a segurança do futuro dos seus pais, na expectativa de serem cuidados por eles na velhice e/ ou doentes, apesar de muitos destes filhos os abandonarem. (2001, p. 49)

A autora em seu texto cita Giddens (1993) no qual revela que a invenção da maternidade surge juntamente com uma série de iniciativas que atingiram as mulheres no final século 18. O surgimento da família, da criação do lar e da relação entre pais e filhos serão ressignificados nesse período. Este modelo começou a exaltar a mulher no papel de mãe atribuindo-lhes todos os deveres e obrigações na criação dos filhos, delimitando a figura social da mulher à realização da maternidade.

Ou seja, ao invés do Estado colocar a mulher na sociedade em equidade com os homens, o mesmo a exclui colocando-a para dentro do lar usando como alicerce romantização da maternidade. Entretanto, autores alertam que a maternidade idealizada não funciona para as mulheres pobres, pois as classes dominantes reinventam a maternidade pressupondo que a mesma é uma vocação exclusivamente feminina, porém esqueceram de comunicar as mulheres pobres sobre essa versão de maternidade. (2001, p. 49)

No século 19, durante a revolução industrial, as mulheres pobres já estavam trabalhando e isso dificultava a maternidade, pois estas mulheres quando davam à luz aos seus filhos ficavam cerca de 40 dias em casa, que corresponde o tempo do puerpério. Após isso, elas tinham que trabalhar sob uma carga horária desumana e ainda cuidar dos filhos e do lar. As mulheres negras já estavam nesta situação desde o fim do século 15, quando foram trazidas para o Brasil como escravas, para trabalhar nas casas dos grandes senhores como cozinheiras, amas de leite, mucamas. Inclusive, os seus filhos não ficavam com elas, pois eram vendidos.

Quando a autora fala que a maternidade era difícil para as mulheres pobres. Talvez ela tenha em mente a vida das minhas avós. Patrícia Hill Collins (2019) fala sobre a necessidade pungente de as mulheres afro-americanas reconhecerem o papel das mães, desenvolvendo análises sobre a maternidade negra. (p.291). Segundo a autora, a maternidade negra era discutida pelos homens até o fortalecimento do feminismo negro moderno na década de 1970. Prevalciam as impressões masculinas sobre a maternidade negra nas quais culpavam as mães negras de falharem na disciplina dos filhos e filhas. Eles alegavam que as mesmas

castravam os filhos homens, enquanto tornavam as filhas menos femininas. Além disso, as acusavam de retardar o avanço acadêmico deles. Levando em conta os divórcios, os filhos negros que não tinham a presença do pai, famílias negras chefiadas por mulheres negras, os homens alegavam que as mães negras exerciam um poder anormal sobre as estruturas familiares deterioradas. (p. 291-02)

Em contrapartida, a maternidade negra na visão das comunidades afro-americanas é diferente. Neste território, a maternidade negra era amplamente discutida ao ponto de considerar a ideia de que a mãe negra deveria viver uma vida de sacrifícios e renúncias como algo normal. A partir disso, muitos pensadores afro-americanos glorificam este papel delas, sem levar em consideração os problemas enfrentados pelas mães negras, que retornam a suas tarefas ingratas, de suas solidões, de suas famílias, após horas de dedicação a outras famílias. Talvez isso explique o quanto a maternidade negra nunca foi discutida no Brasil. Percebi, nos discursos de minhas avós sobre a criação de seus filhos, um tom de redenção, pois tinham cumprido seu papel por terem se sacrificado para criar os filhos. Collins ainda destaca o mito da “mulher negra superforte” em uma sociedade que as julgam como pessoas ruins. Para se manterem neste lugar, elas deveriam colocar as necessidades de seus filhos acima das suas (2019, p. 293). Muitas vezes exaltei, juntamente com os meus familiares, as minhas ancestrais justamente por estas atitudes, sem levar em consideração o que elas realmente queriam. Nós as considerávamos guerreiras, sendo que isso são consequências da desigualdade social que herdamos de nossos colonizadores.

Por isso que ironizam o nosso cansaço e a nossa voz.

Minha avó materna teve somente minha mãe, pois a vida na cidade era muito dura para quem era pobre, doméstica e negra. Então o mínimo que ela pode, ela deu para minha mãe. Ela contava que quando minha mãe estava doente, devido a uma bronquite e estava com problemas dermatológicos devido a um eczema, ela tinha que levá-la para o médico e para benzedeira para curá-la. Minha avó comprava os medicamentos com o pouco de dinheiro que tinha juntamente com o meu avô. A situação ficou tão complicada que ela usava roupas feitas com saco de estopa.

Quanto à instrução educacional da minha mãe, a minha vó trabalhava na casa da sua mãe de criação que a ajudava com os materiais didáticos para minha mãe ir ao colégio.

Já minha avó paterna teve uma grande prole e os irmãos mais velhos cuidavam dos mais novos, enquanto ela trabalhava. Quando as coisas apertavam, a vó Loiva tinha que colher ervas *panc's*, temperar com sal para alimentar os seus filhos, pois o meu avô plantava a maioria dos alimentos da família e como moravam em um lugar onde o Estado estava ausente para o povo mais pobre da campanha, o básico faltava frequentemente.

Um dos maiores traumas da minha avó foi durante o puerpério do seu filho caçula no qual ela teve que cozinhar com o filho no colo, na frente do fogão a lenha com os pontos não cicatrizados da cesárea, sentindo uma dor imensa.

Mesmo com as mudanças da sociedade sobre a maternidade e a relação entre mães e filhos como uma relação saudável, o conceito de se ter filhos como segurança na velhice ainda persiste e pude ver o quanto este conceito está explícito nas falas dos meus familiares. Eu cansei de escutar dos meus próprios familiares, especialmente pelas minhas avós que eu tinha que cuidar da minha mãe. A vó Maria disse exatamente isso quando eu me preparava para ir embora para Porto Alegre. Ela disse sentada na frente da porta da casa dela: - Paulinha, tu tem que ficar aqui pra cuidar da tua mãe!

A vó Loiva cansava de falar isso também quando surgiam conversas relacionadas à maternidade. Ela dizia: - Cuida da tua mãe, tchê! Depois da véia (a vó Maria) ela só vai ter tu prá contar! Ela não tem mais ninguém! Cuida da Chica!

Quando cogitei a ideia de abortar a gestação, devido a pressões, minha avó e uma prima materna aconselharam-me a não abortar, pois ele seria “o meu companheiro”.

Eu testemunhei muitos filhos de tias minhas que não cuidaram delas como deveria na velhice, inclusive uma delas morreu sozinha em cima de uma cama no escuro, devido a falta de energia elétrica. Felizmente, as minhas avós foram cuidadas até o fim de suas vidas.

Scavone ainda explica que a transição do modelo tradicional para o modelo moderno de maternidade se deu pela consolidação da sociedade industrial. Com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, marcado pela desigualdade social e sexual, as mulheres tiveram que se dividir entre os afazeres domésticos e a criação dos filhos e o trabalho fora de casa.

No decorrer dos anos a mulher, com mais acesso a uma educação formal e a formação profissionalizante, ocupa gradualmente o espaço no mercado de trabalho ao mesmo tempo que continua a cuidar dos filhos. (SCAVONE, 2001, p 04) A mulher começa a repensar sobre a maternidade de forma racional “influenciada por fatores relacionados às condições subjetivas, econômicas e sociais das mulheres e, também, do casal”. (2001, p.04). Assim, a mulher começa a planejar sobre o número de filhos que terá e o controle da fecundidade só começa a ser possível com a introdução dos métodos anticoncepcionais.

Com a introdução dos métodos anticoncepcionais, as mulheres puderam inclusive escolher pela não maternidade.

No entanto, nem todas as mulheres tiveram acesso aos medicamentos. Isso não significa que elas não tenham procurado alternativas para evitar filhos.

As questões discutidas até o momento impactaram diretamente as gerações da minha avó paterna. Ela teve mais de vinte filhos e os seus filhos tiveram em média cerca de 4 filhos e as gerações de seus filhos alguns não geraram filhos e outros tem cerca de 1 a 2 filhos. A única neta que fugiu da média teve 4 filhas. Tudo graças aos conselhos que a Dona Loiva nos dava: Que dá? Dá! Mas não inventa filho! Hoje tu tem tudo tchê! É só ir lá no postinho e pegar! Hoje a mulher engravida por que quer!

E a partir dessa frase, ela começava a contar a sua história de muitas dificuldades.

A vó Maria teve somente minha mãe de forma planejada justamente pela vida dura que já vivia com o meu avô materno. Inclusive o vô Oscar dizia para ela: - Maria é melhor tu não ter muitos filhos senão eles vão morrer de fome!

Quanto aos métodos contraceptivos, Scavone explica que as mulheres mesmo antes da pílula anticoncepcional buscavam alternativas para evitar filhos. Consumiam ervas consideradas anticonceptivas e até mesmo para realizar abortos.

Os abortos eram realizados com drogas abortivas adquiridas clandestinamente e só recorriam a esta prática quando esgotadas todas as possibilidades. Mattos (2008) fez uma pesquisa com mulheres idosas em duas cidades da região sul do Brasil. Nesta pesquisa entre dois grupos de senhoras, ouviu diversas formas de fazer o sangue descer e o que estava lá dentro também. As mulheres idosas relatam que procuravam benzedadeiras, cartomantes, mães de

santo para se informar sobre métodos abortivos. O uso de aspirina intravaginal após as relações, o coito interrompido, chás abortivos em jejum; tomar chá quente quando o corpo pegava uma friagem para fazer descer a menstruação. Também tomavam vinho de mastraz; chás de sete sangrias, arruda, alecrim, canela, folha de cafezeiro, butiá com cachaça.

Motta (2008) constatou que as mulheres não negavam manter relações sexuais com os cônjuges como método contraceptivo, pois era muito arriscado que eles as traíssem. Minha avó dizia que na zona rural não tinha televisão e meu avô a procurava o tempo todo e, mesmo não querendo, ela cedia.

As minhas avós utilizavam muitas das receitas citadas para evitar gestações e para fazer descer a menstruação até porque não tinham acesso às pílulas anticoncepcionais. Desenvolveram enfermidades ginecológicas: a vó Maria teve Cisto no útero e a vó Loiva teve Fibroma e ambas tiveram que retirar os seus úteros.

Quando os métodos alternativos falhavam, a vó Loiva já sabia que o bebê tinha vingado. Na zona rural, naquela época, as mulheres mais pobres tinham o acesso restrito ao pré-natal, tanto que as mulheres só sabiam do sexo da criança na hora do parto que geralmente era feito pela parteira.

Lessa (2022, p.01) ressalta que o período pré-natal é uma etapa importante para a redução do coeficiente da mortalidade materna e perinatal e tem relação com os indicadores de saúde e do desenvolvimento social de um país. A literatura destaca os efeitos do pré-natal na vida das mulheres e traz à tona o que muita gente tenta negligenciar:

o acesso a esse cuidado está intimamente relacionado aos fatores sociodemográficos, culturais e de desenvolvimento econômico que mediam o acesso aos serviços de saúde. Esses estudos destacam ainda que, em sociedades caracterizadas pelas desigualdades, gênero e racismo constituem elementos estruturantes e explicam o acesso diferenciado e desigual das mulheres negras aos serviços de saúde considerados relevantes, quando comparadas com as brancas. (LESSA, et. al, 2022, p. 01)

Segundo a pesquisa da Secretaria da Igualdade Racial, vinculada ao Ministério da Igualdade Racial, “a saúde é determinada socialmente”. (BRASIL, 2023, p, 14). Fatores como educação, renda, trabalho, classe social, vizinhança e ambiente físico e rede de apoio determinam os resultados obtidos. A mortalidade materna teve queda considerável a partir de 2013 (59 mortes para 100.000 nascidos

vivos) época na qual dos índices mostraram uma reversão do quadro²³. No entanto, durante o advento da Covid-19 os índices de mortalidade chegaram ao patamar de 73 mortes para cada 100.000 nascidos vivos. Embora a redução tenha beneficiado todas as mulheres, as negras ainda estão em atraso. Devido a discriminação de raça e gênero, a mulher negra ocupa as piores camadas sociais no Brasil. É ela que ganha os piores salários e os serviços mais precários são ocupados pelas mulheres negras. As moradias mais precárias pertencem às mulheres negras e elas são as que mais sofrem com a fome. E as consequências disso se refletem na saúde, uma vez que essas mulheres estão mais expostas a riscos à saúde. Em 2019, cerca de 68% das mulheres negras (pretas e pardas) tiveram acesso aos cuidados pré-natais adequados, enquanto a mesma pesquisa aponta que mais de 81% das mulheres brancas tiveram acesso. As doenças mais comuns entre as mulheres negras são diabetes, pressão alta, sífilis e se os cuidados com esta gestante não começarem desde o início poderá afetar drasticamente a vida dessas gestantes.

Se essa pesquisa fosse feita na época da minha avó em idade reprodutiva os índices seriam piores. A mãe dela talvez estaria nas estatísticas de morte materna uma vez que na época o Estado não chegava para os pretos da zona rural.

Dona Loiva teve os seus filhos em casa e os partos foram feitos por ela “solita” em casa, como dizia. Os seus filhos foram registrados anos depois, por volta dos 7 anos de idade.

No entanto, podemos dizer que o sofrimento na maternidade negra já começa no momento que descobrimos a gravidez. Lobo (2020) em sua dissertação na qual pesquisou sobre a maternidade negra na cidade baiana de Ilhéus diz que começamos a enxergar uma nova face do machismo no momento que engravidamos e quando esta gestante é negra ela enxergará outras novas faces do machismo e do racismo, simultaneamente. Ela ressalta isso trazendo como exemplo as situações pelas quais ela passou no momento em que ela descobriu a gravidez através de um teste de farmácia. Ela se dirigiu a emergência, onde faziam atendimentos particulares, com fortes cólicas que a faziam tremer e seu Beta HCG estava muito alto que o normal. Ao ser atendida pela médica, a mesma não entendeu o motivo da sua reclamação e por ter se dirigido aquele local. Não acreditando na sua dor, ela fez o exame de toque de forma bruta que a machucou.

²³ Segundo os dados do Ministério da Igualdade Racial, em 1990 o número de mães mortas em relação os recém-nascidos vivos eram de 139 para 100.000 recém-nascidos vivos. (BRASIL, 2023, p. 14)

Foi encaminhada para o soro com medicamento e a enfermeira não teve o cuidado necessário para injetar a agulha no braço dela, fazendo com que o seu sangue jorrasse pelo chão do hospital.

Somente dois dos filhos da vó Loiva nasceram nos hospitais da cidade e o caçula é o que deu mais trabalho para nascer. Ela já estava com o útero gasto pelas gestações e o feto ficou sentado. A minha avó sofreu durante dias com exames de toque desnecessários causando traumas no bebê, inclusive quando nasceu o meu tio estava com as costas marcadas pelas unhas. Os enfermeiros das maternidades enfiavam a mão para fazer o meu tio virar de cabeça para o nascedouro. Se a pesquisa fosse feita naquela época, ela faria parte de uma estatística que muitas mulheres sofrem hoje: uma a cada quatro mulheres já sofreu violência obstétrica no Brasil. Compreende-se violência obstétrica como ocupação do corpo da mulher gestante de forma invasiva utilizando métodos médicos desnecessários, tais como uso abusivo de medicamentos tratamento desumano. No artigo Disparidades: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras (2021), os autores fizeram uma pesquisa sobre o processo de violência nas maternidades no Brasil e destacam três falas sobre o exame de toque vaginal em excesso que mostra exatamente o que minha avó sentiu.

“Uma coisa que eu não aguentei foi o toque, levei muitos. Acho que o último que eu levei foi pro menino sair [...] foi cerca de uns seis toques. Ela disse: ‘Vou dar um toque em você!’ Aí abriu uns centímetros de dilatação. Eu gritei: ‘Meu Deus do céu!’ Ela disse: ‘Não faça escândalo, não!’” (Loni).

“É muito dolorido aquilo, ela mete a mão toda. Uma [mão] enfia na vagina, a outra aperta na barriga. Dói, nunca senti tanta dor. Eu gritei, mandei ela parar, é muita dor! Ela disse: ‘Tu aguenta viu?!’” (Zizi).

“Levei o toque pela primeira vez, tava morrendo de medo porque todo mundo dizia que doía, mas não doeu, ela foi bem cuidadosa. Depois eu levei outro toque, que esse toque me ‘lascou’ todinha. Ela dizia: ‘Relaxe, relaxe!’ Ela falava isso e empurrava mais o dedo” (Sol) (LIMA, PIMENTEL, LYRA, 2021, p.06)

Enquanto para os indicadores a mortalidade é considerada uma estatística, para quem perde é uma dor infinita.

hooks (2021) retrata que diferente do amor, a morte é algo que nos tocará um dia. Um dia nós testemunharemos a morte de alguém próximo, de algum familiar ou a nossa própria morte, ainda que seja no breve momento “em que a vida se

esvai". Viver em desamor não é um problema quando nos deparamos com a possibilidade da perda de alguém, mas a realidade de que todos vamos morrer um dia é algo que nos afeta psicologicamente. (p.157) A morte, segundo os espiritualistas é o encerramento da vida terrena para viver em um outro plano que é a vida espiritual. No entanto, para quem fica é um processo doloroso e enlouquecedor, principalmente quando a enlutada é a mãe que enterra o seu filho. Freitas (2014) explica, com base nas literaturas específicas, que o luto é: "é uma reação ao rompimento irreversível de um vínculo significativo". (FREITAS, 2014, p. 01, apud Brice, 1991; Freitas, 2013; Kovács, 1992; Parkes, 1998) A mesma está vinculada à relação que o morto tinha com o enlutado.

O vínculo entre mães e filhos deve ser vista como quase divino. Divino porque durante nove meses um ser humano se desenvolve dentro do corpo da mãe e lá que ele estabelece uma relação de amor quando ouve a voz, os batimentos cardíacos e todos os sentimentos de sua genitora. Por outro lado, a mãe acompanha dentro de sua barriga um serzinho que evolui a cada dia. Cada vez que ouve os batimentos do feto, o coração materno se transborda de alegria e amor mesmo antes de conhecê-lo. E assim, estabelecendo laços que se estenderão após a morte.

Acredito que este sempre será o amor mais genuíno que existirá na humanidade.

Eu, antes dos meus dois filhos, vi minha avó Loiva enterrar suas filhas mais velhas fora os fetos que ela enterrou. Ela sofreu um bocado. Uma vez ela disse: - Eu não sei o que é pior: se é enterrar uma mãe ou um filho!

Ela murchou depois desta frase.

Ela carregava duas dores: a primeira que a deixou órfã e a segunda que a deixou sem uma parte dela. A vó Loiva teve mais de vinte filhos e criou dez e destes ela enterrou duas. Quando ela enterrou estas, ela já estava com uma idade mais avançada.

Eu como mãe confesso que não estava preparada para enterrar um filho até que um dia isto aconteceu. Eu tive a infelicidade de perder meu segundo filho no sétimo mês de gestação. Ele se chamava Gabriel e sofria de uma doença chamada Hidropecia Fetal. Uma síndrome rara na qual o feto acumula líquido em seu copo ainda dentro do útero da mãe e, quando o líquido afeta órgãos importantes, o feto não sobrevive e a mulher sofre um aborto espontâneo.

Minha avó sofreu com as perdas de fetos prematuros como eu e, sem dúvida, ela teria uma palavra de mulher, avó e madrinha para me acolher.

Mendes (2021) expõe que em uma sociedade capitalista de base patriarcal quem mais sofre com as dissidências das desigualdades sociais são as populações mais vulneráveis: negros, mulheres, crianças, idosos, indígenas, moradores de rua. (2021, p. 62)

Gonzáles (1980) diz que quem mais sofre com os efeitos do capitalismo é a força de trabalho negra. Sistemáticamente excluída, os negros ficam com os piores empregos e com os piores salários. Almeida (2018) continua falando sobre o mesmo assunto que Lélia Gonzalez falou há mais de trinta anos. Ele revela que há pesquisas que apontam que a raça é determinante para a desigualdade econômica e as políticas públicas universais e direitos sociais mostram pouco efetivas quando não levam em conta os fatores raça/cor. (2018, p.120)

O autor cita Myrdal, no qual defende que a situação da população negra pode ser explicada pelo que ele determinava como causas cumulativas. E Almeida coloca como exemplo que se as pessoas negras não tiverem acesso à educação, provavelmente não estarão no mercado de trabalho em busca de boas profissões, conseqüentemente não terá uma moradia decente e além disto não terá acesso a uma saúde de qualidade. Não tendo uma saúde de qualidade prejudica a estabilidade laboral, pois o maior problema já não seria somente em encontrar trabalho, mas permanecer nele. Com a pobreza, pouca formação, falta de cuidados médicos só ajuda a reforçar estereótipos racistas de que os negros não têm aptidão para trabalhos intelectuais, completando assim um efeito dominó pela qual gera ainda mais discriminação. (2018, p. 121)

A mulher negra sofre machismo, pelo fato de ser mulher no qual acreditam que o gênero feminino é considerado inferior e, por isso, o seu lugar é cuidando da prole e da casa. Misoginia e racismo ao mesmo tempo, pois a mulher preta é rotulada como um ser nojento digna do ódio, discriminação e desconfiança; sofre discriminação no mercado de trabalho, a mulher preta é preterida nas entrevistas de emprego devido ao seu cabelo natural e a sua cor – quanto mais retinta, pior. Se ela for mãe terá menos chance de conseguir um emprego, pois a primeira coisa que

falam é como os filhos ficarão, caso fiquem doentes; abusos e violências (sexuais por ser hipersexualizada, correndo risco de ser estuprada; financeiros pelo fato de receberem os menores salários; obstétricas, pois acham que negras não sentem dores; físicas, patrimoniais, psicológicos); racismo, pois as mulheres negras sofrem na pele as três variantes do racismo: o econômico, o institucional e o estrutural.

Violência doméstica, segundo o artigo 5º da Lei Maria da Penha: é “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”. (BRASIL, 2006). As pesquisas indicam que as maiores vítimas de violência doméstica no Brasil são as mulheres negras. Mais de 12 milhões de mulheres negras já foram vítimas, o que corresponde a 65% das 18 milhões de mulheres que sofrem este tipo de violência²⁴.

As minhas avós por não terem acesso a uma educação de qualidade por serem negras, trabalharam como domésticas, faxineiras e babás. Por não terem dinheiro, sofreram abusos físicos, psicológicos pelos maridos. Tinham que levar os seus filhos para o trabalho por não ter uma rede de apoio. Sentiram o racismo nas formas como eram tratadas pelos brancos. A mulher negra luta por anos em uma luta desigual em relação aos homens negros, pois ela sofre duas vezes.

Concordo com bell hooks quando diz que é “muito fácil para todos nós esquecermos dos serviços que as mulheres oferecem aos outros todos os dias — os sacrifícios que as mulheres fazem. No entanto, a autora destaca que o pensamento machista oculta o fato que de as mulheres fazem a escolha de servir, por livre arbítrio. (2021, p. 124) Me lembro que quando íamos visitar a minha avó paterna, ela fazia questão de perguntar: - Quer café, tchê? E eu me lembro dela preparando as xícaras, os pães e o café e já dizia: - Tá, te serve! Tem açúcar e tem café, tem manteiga e pão, te serve! Eu sentava em uma cadeira e ela na sua velha cadeira com almofada para ficar mais confortável. Ela ficava sentada com o seu pratinho de alumínio branco no colo com a xícara dentro e com bolachas em volta. Ela as molhava no café para comer. Só assim, ela tirava aquele palito de fósforo da boca.

As mulheres são professoras na arte de servir, hooks destaca mulheres de grande notoriedade mundial pela arte de servir por vocação e escurece que há

²⁴ Dados retirados da pesquisa Visível e invisível, sobre a vitimização das mulheres em 2022. Pesquisa encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública junto ao Instituto Datafolha.

outras que anonimamente reproduzem a arte de servir sem nada em troca. Ela termina esta fala dizendo que todos nós devemos aprender com estes exemplos a servir com graça e amor.

Nós honramos publicamente a memória de mulheres excepcionais como Madre Teresa, que fizeram do servir a sua vocação, mas há outras, em toda parte, cujas identidades nunca serão reconhecidas publicamente, que servem com paciência, graça e amor. Todas nós podemos aprender com o exemplo dessas mulheres caridosas. (2021, p. 123)

Servir é também uma forma de resistência, de existir e de sonhar outros mundos possíveis. Servir, cuidar e acreditar que nosso trabalho transforma, são ações, atos de vontade, que nem sempre são lidos como políticos, mas que garantiram que as gerações seguintes pudessem agir de forma mais amorosa e esperançosa sobre o mundo, nutrindo solidariedade e possibilidades de construir pedagogias engajadas, através de saberes ancestrais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1. Prazer, Ana!

De nossas mulheres herdamos a resistência, o sofrimento e a força empregada em momentos de perdas, mas também herdamos a esperança, o amor acima de tudo, a caridade, a resiliência. A vó Loiva deixou como legado para mim a força para viver a vida. A partir de suas histórias ela me ensinou que para tudo necessitamos ter audácia, força e perseverança e uma boa enquadrada, principalmente quando testavam a sua paciência; necessitamos ter força nos momentos de perda e isso não quer dizer que não tenhamos que chorar, mas, mesmo com a perda, não deixarmos de seguir em frente. A vó Maria era ao ponto de me irritar, pois era uma mulher que aceitava as coisas como eram e eu jamais aceitei. Talvez ela queria me ensinar que quando somos jovens queremos abraçar o mundo com os dois braços, porque acreditávamos que podíamos conquistar o mundo e que tudo era possível. Porém ela que já foi jovem ria, pois já previa o futuro. Ela tinha um dom.

Ela nos últimos dias de vida, em um repentino lapso de consciência, me disse que eu e minha mãe deveríamos nos unir e não brigarmos; que eu me conservasse porque - mulher direita era prá casar!

Para quem não me conhece, sou Ana Paula Fontoura Pinto, estou com 36 anos, sou mulher negra, pobre, mãe de um menino chamado João Miguel. Sou servidora pública municipal, na área da educação infantil.

Sou formada em 2013 pela Universidade Federal do Pampa, no curso de Licenciatura em Letras/ Português e em Especialização em Linguagem e Docência, em 2014.

Atualmente, estou no último semestre do curso Mestrado Acadêmico em Ensino, pela mesma instituição.

Sou neta de Valdomiro Fernandes Pinto e Loiva Dias Colares, nascida na “Coxia das Flôr”, como ela mesma dizia. Meus avós maternos se chamavam Maria Luiza Leivas Gularte, uma mulher analfabeta, que não pode estudar porque não aceitavam pessoas de cor nas escolas da minha bela cidade, e Oscar Fontoura, também analfabeto que não pode estudar pelos mesmos motivos. Sou filha de pedreiro e dona de casa, já divorciados. Sou mulher preta, de cor escura e a

primeira da minha família a concluir o Ensino Superior e a única que está em um curso de Mestrado.

Cheguei a este mundo no dia 11 de outubro de 1987, às 14:40, em um domingo. A Vó Loiva me disse que estava caindo raios e chovia muito.

Cresci em um lar complicado, meus pais não se entendiam como casal, talvez não era para eles terem se casado. Sofri abandono materno e isso refletiu negativamente na minha vida escolar, pessoal e afetiva.

Fui crescendo com este vazio porque por mais que ela me visitasse com bastante frequência, no fundo, a sua presença me fazia falta, só não admitia para mim mesma.

Quando hooks (2021) começou a falar sobre sua família disfuncional sua mãe enfureceu, pois para ela não foi tanto sofrimento devido às suas realizações. Contudo, ela sabe o quanto ela sobreviveu e prosperou, apesar das dores da infância, porque ela tinha pessoas, além do núcleo familiar, que a acolhiam. (p.116). Como disse na introdução, minha infância não foi um mar de rosas. Se não fossem os amigos, família estendida e as professoras da escola onde estudava, talvez eu não estaria aqui escrevendo este texto. Talvez estaria como estatística de violência, uso de drogas, criminalidade. Foram elas que me deram a esperança de que tudo iria melhorar e absorvi.

Faço parte de uma estatística que infelizmente subiu nos últimos anos. Nos primeiros cinco meses de 2022, das 4.486 denúncias, 18,6% estão ligadas ao abuso sexual. Um levantamento feito em 2021, mostrou que, das 18.681 denúncias, 60% das vítimas estavam entre 10 e 17 anos e cerca de 74 % destas vítimas eram meninas²⁵. Segundo o site Alma Preta, em 2020 mais da metade das vítimas eram crianças negras (50,9%), sendo que 81%,8 eram do sexo feminino e 53,8% destas vítimas estavam na faixa etária de até 13 anos²⁶.

Durante minha infância até minha adolescência sofri abusos físicos e psicológicos que atingiram em cheio a construção da minha personalidade e autoestima. Aos 9 anos de idade, sofri abuso sexual e isso causou uma série de consequências mentais, sociais, afetivas enfrentadas até hoje.

²⁵ Reportagem disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2022-tem-4-486-denuncias-de-abuso-infantil-maioria-dos-casos-acontece-com-meninas/>. Acesso em 05 out 2022

²⁶ Reportagem disponível em <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/criancas-negras-sao-as-maiores-vitimas-de-estupro-de-vulneravel-no-brasil>. Acesso em 05 out 2022

Minha mãe me diz que eu tenho que perdoar.

Sobre o ato de perdoar, hooks diz que “o perdão é um ato de generosidade” (2021, p.121), pelo qual exige que nós deixemos nossos sentimentos de raiva, ódio e orgulho e que possamos libertar nossos alçozes da culpa e angústia. Eu percebi que estou na fase do auto perdão. Estou me conscientizando de que isso não foi minha culpa e mesmo que eles não tenham se desculpado pelas coisas que fizeram comigo, eu espero que este dia do perdão chegue. Por enquanto, eu não consigo perdoar, foi ilusão pensar que isso já tinha sido uma página virada na minha vida.

Todas às vezes que vejo uma situação que me desperta gatilhos mentais, eu vejo o quanto eu estou rancorosa. O que me acalenta é que já não rogo pragas a nenhum deles. Ainda bem!

hooks ainda diz que “ao perdoarmos, abrimos caminho para o amor” (2021, p.121)

Isto os pretos-velhos me ensinam!

Além disso, perdoar é a forma que encontramos de estabelecer uma relação de respeito. “O verdadeiro perdão exige que compreendamos as ações negativas dos outros”. (p.121). Aprendi com os acontecimentos que a partir do momento que eu enxergar as pessoas com as suas qualidades e seus defeito, erros e acertos, independentemente dos quais elas tenham cometido, começaria a respeitá-las, pois elas cometem erros, tanto quanto eu. São iguais a mim.

Lembro das inúmeras vezes que ouvi que se eu não fizesse as coisas dentro de casa eu não seguraria um marido e, conseqüentemente, seria trocada por outra melhor. Fui comparada às meninas de minha idade – 12 anos - que já sabiam fazer os serviços domésticos. Consideravam elas como pessoas de futuro garantido, pois eram donas de casa e isto era referência de boas esposas. bell hooks salienta que a maioria de nós somos educadas para encontrar o amor em nossa primeira família de origem na segunda espera-se que construamos uma relação que nos leve a uma relação vitalícia (2021, p. 124). No seio familiar que vivi, o passaporte para um relacionamento duradouro era ser uma dona de casa, mas isso é uma coisa que eu sempre detestei porque, na verdade, eu queria ser professora. Hoje vejo pessoas pelas quais eu fui comparada e estou feliz por não ter me tornado uma dona de casa. Estou mestranda.

Cresci e meu tornei uma mulher revoltada com a vida, com raiva de Deus que não tinha feito justiça por tudo que aconteceu comigo e tinha inveja de outras pessoas que estavam felizes. Nunca imaginei que a felicidade depende de mim somente

No meio deste tornado, passei no vestibular da UNIPAMPA em 2007 e assumi a vaga no ano seguinte. Nunca imaginei que nesta instituição de ensino começaria minha trajetória de aceitação e autorreconhecimento.

A notícia de que Palmas é um quilombo chegou a mim pela universidade, em uma aula de Organização Escolar e Trabalho Docente. Recebi o documento que trata do reconhecimento através das lideranças, via Claudia Corral, professora da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS, que fazia um projeto na região. Já na licenciatura, no Trabalho de Conclusão de Curso, pesquisei sobre a cultura afro-gaúcha e os autores gaúchos negros que colocavam o negro como protagonista das narrativas. Percebi naquela época que haviam poucos autores negros escritores e nas narrativas lidas, notei que a figura do negro era vista como um personagem bruto e hipersexualizado.

Em 2008 eu saí da casa onde vivi boa parte da minha vida. Foi lá que passei por muitas coisas que quero esquecer. Para muitos, como alguns familiares, pode soar como besteira ou até coisas da minha cabeça, mas quem vive o que eu vivi entenderá.

Graças a uma amiga que eu consegui sair de casa, pois infelizmente eu não estava falando com minha mãe, devido a muitas mentiras que me contaram sobre ela.

Sobre a amizade, bell hooks frisa que:

Muitos de nós aprendem ainda na infância que amizades nunca deveriam ser vistas como tão importantes quanto laços familiares. Entretanto, a amizade é o espaço em que a maioria de nós tem seu primeiro vislumbre de amor redentor e comunidade carinhosa. (Hooks, 2021, p.118)

E complementa que aprender amar em amizades nos fortalece de uma maneira que nos “permite levar esse amor para outras interações com a família ou com laços românticos”. (hooks, 2021, p.118)

Eu tive a oportunidade de ter uma amizade verdadeira na minha vida. Ela se chama Chaiene e morava na frente da minha antiga casa e nós brincávamos juntas, enquanto nossas mães conversavam na sala. A nossa amizade dura 30 anos. Nós não estamos juntas sempre, dificilmente nos falamos pelas redes sociais ou por

telefone, mas quando eu mais precisei, ela me disse sem pestanejar: - Pode vir negrona! Eu falo com a mãe e tu vem prá cá!

bell hooocks fala de sua amizade com uma pessoa que tinha perdido a mãe e esta passagem reflete exatamente a minha amizade:

A força de nossa amizade foi revelada pela nossa disposição de confrontar abertamente a alteração em nossos laços e fazer as mudanças necessárias. Não nos vemos tanto quanto antes, e não telefonamos uma para a outra diariamente, mas os laços positivos que nos unem permanecem intactos. (2021, p.119)

Eu estive em relacionamentos que hoje considero abusivos. Eles me batiam, eram grosseiros, me traíram, me humilhavam e eu simplesmente aceitava. Talvez eu tenha acreditado no que hooocks disse que nós costumamos aceitar muitas coisas, pois isto é um sinal de compromisso e, assim, pensar que isso é uma forma de amor (2021, p 120). Na verdade, eu deveria ter me rompido com os ciclos abusivos definitivamente sem olhar para trás.

Até eu chegar no Mestrado Acadêmico em Ensino, eu me tornei mãe de um menino e de um anjo. Passei por perdas, traições, relacionamentos abusivos, momentos de estresse, fui aprovada em um concurso e me acomodei.

Hoje, com 37 anos, vejo o quanto tive que me sacrificar para ser mãe do João. Não me julguem! Não estou dizendo que meu filho é um peso na minha vida, muito pelo contrário! Ele preencheu um vazio que eu tinha na minha vida. Depois dos filhos, há coisas que não poderemos fazer, pois temos responsabilidades com um ser-humano que precisa da gente. No entanto, para mim valeu a pena, pois foi por amor a esta criança que entendi que o verdadeiro sentido da vida era amá-lo de forma incondicional.

Ele me ensina todos os dias! E ele nem tem ideia disso!

bell hooocks já dizia que não podemos ter tudo do jeito que a gente quer o tempo todo. “Abrir mão de alguma coisa é uma maneira de sustentar um compromisso com o bem-estar coletivo.” (2021, p.124)

Eu abri mão dos meus sonhos pelo meu filho e pela minha mãe, que também abriu mão de tudo para construir uma casa junto com minha avó e cuidar dela até o fim de sua estadia pela terra aos 84 anos. Minha avó que também abriu mão de muitas coisas, por mínimas que fossem, para se casar com o meu avô, um homem pobre e negro, para ter uma família, que também abriu mão de sua adolescência para trabalhar e sustentar os seus irmãos após seus pais falecerem.

Após nove anos afastada da vida acadêmica, fiquei feliz ao chegar no mestrado e perceber que houve um crescimento significativo de autores e autoras negras que estão retratando os homens e as mulheres negras em diversas situações, porém notei que o racismo é o assunto que predomina nas narrativas pelo fato de que o crime está intrinsecamente ligado à estrutura social brasileira e isso se reflete na vida do negro.

Infelizmente, costumamos condenar o racista pelas atitudes, sem menos refletirmos sobre o processo que o leva a reproduzir tais atos. Ora, se o racismo é estrutural e se projeta do dominante (branco) para o dominado (negro), podemos dizer que o dominante está propenso a receber estas construções raciais desde o berço. São gerações que durante séculos foram convencidas de que os povos negros, africanos e afro-brasileiros, são inferiores. Foi construído um sistema perverso que colocou e ainda tenta colocar os negros em posições insalubres socialmente. Devido a isso, os negros foram impedidos de estudar, de praticar capoeira, de cultuar seus orixás. Após a farsa da abolição, começaram os projetos de eugenia.

Tornou-se costume as gerações brancas verem o negro como uma figura caricata, hipersexualizada e este é o motivo pelo qual ainda ouvimos frases como “Lugar de negro é na cozinha!”, “Não sou tuas nêga!”

Precisamos de reeducação social porque sabemos que a maioria nem percebe que está sendo racista.

Precisamos de mulheres pretas escrevendo e discutindo sobre as mazelas que as atormentam, denunciar as violências que o nosso povo sofre. Somos nós que geramos a humanidade.

Nossos antepassados foram pioneiros na agricultura, carpintaria, artes, ciências, na lida do fogo e do ferro. Somos a cabaça do mundo e se nós soubéssemos da força que temos, nosso país seria outro. Pesquisas como a minha em um programa de pós-graduação, nível mestrado acadêmico, tem como foco apresentar um pensamento crítico sobre a vida e permitir que o outro possa nos enxergar e refletir sobre a bolha social que vivemos, que não permite enxergar outro com lucidez e, assim, permitir que repensemos nossas vidas. A escolha pela ancestralidade negra e pelas escrevivências pode ser compreendida em uma tentativa de desmistificação do papel da “mulher negra forte” que nos foi imposto e,

por causa disso, somos negligenciadas. Talvez seja um apelo para a falta de empatia que existe com as mulheres negras, principalmente quando nos tornamos mães. Lobo (2020) relatou, no início da sua dissertação, que é na gravidez que conhecemos um outro machismo e quando é a mulher negra que está gestante, ela descobre um novo machismo e um novo racismo.

Temos um grande problema no mundo acadêmico: não há muitos autores negros nos acervos das bibliotecas universitárias e pela quantidade de pessoas negras que estão inseridas nas instituições superiores, deve-se providenciar um acervo com autores pós-coloniais. Quero também, com esta pesquisa, contribuir para o acervo negro na Universidade Federal do Pampa local onde a presença do branco é maciça. Não quero ser a única, mas que eu possa desafiar os outros alunos negros, que estão na universidade a explorar a África que existe dentro deles. É importante que descolonizemos os campos de conhecimento pelos quais excluíram, por muito tempo, pessoas negras e, conseqüentemente, suas contribuições para o progresso da humanidade. Hoje aparecem nos meios de informação criações que foram patenteadas por homens e mulheres negras que contribuiu e continua contribuindo para a ascensão da humanidade. Muitos nem sequer foram citados nos nossos livros de história, pois sempre éramos vistos como pessoas escravizadas, que vieram da África e que vivem como ex-escravos, deixando subentendido que o nosso papel neste mundo é o da vítima. Precisamos sobressair desse território que nos foi colocado de propósito, pois a finalidade era não falar sobre os grandes feitos dos negros. Colocarmos nossos antepassados e pessoas de nossa cor no papel de protagonista na história do mundo é uma maneira de reparação histórica. Muitos negros contribuíram para ascensão da sociedade na arte, economia, literatura, nas ciências físicas e sociais, na educação e na filosofia.

Podemos começar exemplificando com a invenção do Catalisador que reduz emissão de gases poluentes, por Viviane dos Santos Barbosa, do estado da Bahia em 2010, no Brasil; a Porta automática do elevador, por Alexander Miles em 1887 nos Estados Unidos; a roda do Bonde elétrico, por Elbert R. Robinson, em 1893; o computador mais rápido do mundo, por Philip Emeagwali, em 1998; o Identificador de chamadas e chamada em espera, por Shirley Ann Jackson (primeira mulher a

fazer doutorado em Física pelo MIT²⁷ e a segunda nos Estados Unidos. Machado de Assis criou a Academia Brasileira de Letras e é considerado um dos maiores escritores brasileiros. E NÃO, ELE NÃO ERA MULATO! ERA NEGRO PRETO, COMO EU! Uma das primeiras romancistas de quem se tem notícias foi uma mulher negra, no século 18 e se chamava Maria Firmina dos Reis e NÃO ERA MULATA²⁸ TAMBÉM.

O machismo, o racismo, que faz com que odiemos nossos irmãos de cor, a xenofobia, a misoginia, são frutos da educação opressora que nos tira a autonomia de pensarmos por nós mesmos. Entender processos históricos que ajudaram a produzir essas visões é uma tarefa importante para qual as narrativas dos mais velhos, nossas memórias e um aprofundamento no tema da ancestralidade, cumprem um papel de reparação histórica. Por isso, essa dissertação é tanto uma forma de narrar a experiência de mulheres negras, quanto um manifesto para que possamos ouvi-las na produção de pesquisa em educação.

Companheiros, uni-vos!

²⁷ Massachusetts Institutional Technology é um instituto de tecnologia ligado à Universidade de Cambridge, no estado norte-americano de Massachusetts.

²⁸ “Mulata”: Na língua espanhola, referia-se ao filhote macho do cruzamento de cavalo com jumenta ou de jumento com égua. A enorme carga pejorativa é ainda maior quando se diz “mulata tipo exportação”, reiterando a visão do corpo da mulher negra como mercadoria. A palavra remete à ideia de sedução, sensualidade. (SEDH, 2020)

6. REFERÊNCIAS

ABREU, M. e PEREIRA, M. S. (orgs.) **Caminhos da liberdade: histórias da abolição e do pós-abolição no Brasil**. Niterói: PPGHistória- UFF, 2011. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/files/public_ppgh/hol_2011_CaminhosLiberdade.pdf. Acesso em: 23 nov. 2023.

ALBUQUERQUE, W. R. de. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. 320p. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/uma-historia-do-negro-no-brasil.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2023.

ALVES, F. N. **Processo demarcatório e tensão na região da fronteira: Quilombo de Palmas**. Novo Hamburgo – Universidade Feevale; 2022. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11386390. Acesso em 29 nov. 2023.

ALMEIDA, S. **Racismo e economia**. In: ALMEIDA, S. **O que é Racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4610724/mod_resource/content/1/ALMEIDA%20-%202018%20-%20O%20que%20%C3%A9%20racismo%20estrutural.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.

ALMA PRETA – Jornalismo preto e livre. **Crianças negras são as maiores vítimas de estupro de vulnerável no Brasil**. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cotidiano/criancas-negras-sao-as-maiores-vitimas-de-estupro-de-vulneravel-no-brasil>. Acesso em: 05 out 2022.

ARAUJO, N. da S. M. de; ANDRADE, P. G. R.; REGINALDO, S. V; CASSIANO, G. **Modos de ser e sentir: entrelaçando narrativas das crianças e professoras quilombolas**. Argumentos Pró-Educação, Pouso Alegre, Dossiê - Infâncias e crianças indígenas, quilombolas e de outros povos tradicionais: (re) existências e agenciamentos, 2020
ISSN: 2448-2803. Disponível em: <https://doi.org/10.24280/10.24280/ape.v5.e625>. Acesso em 24 jan. 2023

ANDRADE, G; PADOIN, M. M; ISMÉRIO, C. (Org.). **História de Bagé: novos olhares [livro eletrônico]**/ Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2021. 490p.; il. E-book - PDF Interativo. Disponível em <https://www.textoecontextoeditora.com.br/assets/uploads/arquivo/d73ca-ebook-historia-de-bage.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2023

Bénard Calva, Silvia Marcela (selección de textos), Luévano Martínez, María de la Luz (traductora), y Rodríguez Castro, Alejandro (traductor), "Autoetnografía: una metodología cualitativa," *Biblioteca Digital Juan Comas*, consulta 8 de junio de 2024, <http://bdjc.iia.unam.mx/items/show/148>.

BISPO, A. **Colonização, Quilombos - Modos e significações**. [s.l.] INCT, 2015.

BONFIM, Maria Lúcia Pereira. **Maria das ruas à cidadania**: autobiografia de uma mulher negra e o papel da educação na sua trajetória. (2021). Disponível em: <https://repositorio.ifsc.edu.br/handle/123456789/2142>. Acesso em 06 jan. 2024

BLOGGER. COM. Rio Grande do Sul / Brazil: informações, fotos, pontos turísticos e história das cidades do estado do Rio Grande do Sul. **BAGÉ / RIO GRANDE DO SUL (0453 / 5.570)**. Acesso em: 22 dez. 2024. Disponível em: <https://riograndedosul-brasil.blogspot.com/2017/04/bage-rio-grande-do-sul-na-rainha-da.html>

BRASIL – Ministério da Igualdade Racial. Secretaria de Gestão do Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial (SENAPIR). **Informe MIR - Monitoramento e avaliação- nº 2- Edição Mulheres Negras**. Brasília-DF- Setembro de 2023. Disponível em: www.gov.br/igualdaderacial/ptbr/composicao/secretaria-de-gestao-do-sistema-nacional-de-promocao-da-igualdade-racial/diretoria-de-avaliacao-monitoramento-e-gestao-da-informacao/informativos/InformeMIRMonitoramentoeavaliacao2EdioMulheresNegras.pdf . Acesso em 01 jun. 2024.

BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012 - **Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=11963&Itemid=. Acesso em: 23 jul. 2022.

BRASIL. Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em: 25 jul. 2022.

BRASIL. **Lei n. 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 27 jul. 2018.

BRASIL. Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010 - **Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2012-pdf/10199-8-decreto-7352-de4-de-novembro-de-2010/file>. Acesso em: 23 jul. 2022.

BRASIL. Parecer CNE/CEB Nº 08/2020. **Diretrizes Nacionais Operacionais para a garantia da Qualidade das Escolas Quilombolas**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=168161-pceb008-20&category_slug=janeiro-2021-pdf&Itemid=30192. Acesso em 12 mai. 2022

CATOIA, C. de C. **A produção discursiva do racismo**: da escravidão à criminologia positivista DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social – Rio de Janeiro – Vol. 11 – no 2 – MAI-AGO 2018 – pp. 259-278. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/11628>. Acesso 26 abr.2023.

CARVALHO, R. M. A; DA COSTA, L. G. F. **Comunidades quilombolas, territorialidade e legislação no Brasil: uma análise histórica. Política & Trabalho**, n. 39, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/12745>. Acesso em: 10 mar. 2023.

CLUBES SOCIAIS NEGROS – BRASIL. **Sociedade Recreativa e Cultural “Os Zíngaros”**. Projeto: **Clubes Sociais Negros do Brasil e Uruguai**: mapeamento, memória e patrimonialização dos espaços de resistência afrogaúchos e afrouruguaios. Agência BAH, 2021. Disponível em: <https://clubessociaisnegros.com/sociedade-recreativa-e-cultural-os-zingaros/>. Acesso em 08 mai. 2024.

CNN BRASIL. **Das 4.486 denúncias de violação sexual infantil em 2022 18,6% estão ligadas a abuso sexual**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2022-tem-4-486-denuncias-de-abuso-infantil-maioria-dos-casos-acontece-com-meninas/>. Acesso em 05 out. 2022.

COLLINS, P, H. **Mulheres negras e maternidade**. In: COLLINS, P, H. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Boitempo editorial, 2019.

EVARISTO, C. **A escrevivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Orgs). **Escrevivência, a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREITAS, J. L. de; FUCK, M. L. H. **A maior dor do mundo**: o luto materno em uma perspectiva fenomenológica. *Psicologia em Estudo* [online]. 2014, v. 19, n. 2/ pp. 273-283. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-737222324010> . Acesso em: 6 jun. 2024 Epub 13 Out 2014. ISSN 1807-0329.

Gomes, F. dos S. **Mocambos e quilombos**: uma história do campesinato negro no Brasil. Brasil, Claro Enigma, 2015

GOVERNO DO ESTADO DO ESPIRITO SANTO. Secretaria do Estado de Direitos Humanos – SEDH. **Novembro negro**: conheça algumas expressões racistas e seus significados. Disponível em <https://sedh.es.gov.br/Not%C3%ADcia/novembro-negro-conheca-algumas-expressoes-racistas-e-seus-significados#:~:text=%E2%80%9CMulata%E2%80%9D%3A%20Na%20l%C3%ADngua%20espanhola,%C3%A0%20ideia%20de%20sedu%C3%A7%C3%A3o%2C%20sensualidade>. Acesso em 15 ago. 2024.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria de Desenvolvimento Social. **Para entender o racismo estrutural**. Disponível em: <https://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/wp-content/uploads/2020/12/infografico-racismo-estrutural-1.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Comunidades quilombolas. O Rio Grande do Sul possui 146 comunidades quilombolas. **Atlas socioeconômico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: 17 out 2020. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/comunidades-quilombolas>. Acesso em: 23 out 2023.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Demografia (1872-1980) -O primeiro Censo brasileiro foi realizado em 1872. **Atlas socioeconômico do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: set 2022. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/demografia-1872-a-1980> . Acesso em: 24 out. 2023.

GROSSI, P. K; BOHN, S. R; GIORDANI, K. G. T. Machado, L. A; OLIVEIRA, T. de. **Mulheres quilombolas e o acesso às políticas de educação**. Centro de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. VIII Jornada Internacional de Políticas Públicas, ago. 2017, p 1-13. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2017. Disponível em Acesso em 23 jan. 2023.

GUSMÃO, N. **Antropologia e educação quilombola: etnicidade e mediação**. **Revista EntreRios do Programa de Pós-Graduação em Antropologia**, v. 3, n. 01, p. 09-26, 2020. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/entrierios/article/download/11628/6703>. Acesso em: 26 jul. 2023.

GUSMÃO, N. M.M. de; SOUZA, M. L. A. de. **Etnografias na/e educação: um olhar sobre quilombolas no Brasil e africanos em Portugal**. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 13, n. 26, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/90213094/pdf.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2023

hooks, b. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. [s.l.] Elefante, 2021.

hooks, b. **Irmãs do iname: Mulheres negras e autorrecuperação**. 1ª. ed. [s.l.] WMF Martins Fontes, 2023.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. **Cartilha de enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher**. Projeto Contexto: Educação, Gênero, Emancipação. Plataforma Educação Marco Zero. Fortaleza, 2018.

Lize, C. I.; Cappellari, H.; Carretta, Â. J.; Drumm, E. **Rincão do Inferno: patrimônio geoambiental e cultural situado às margens do rio Camaquã**, *Confins* [Online], 31 | 2017, posto online no dia 17 junho 2017. Acesso em: 23 dezembro 2024. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/12086>. DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.12086>.

KIMURA, L., Lemes, R. B., & Nunes, K. **Ancestralidade: genética, herança e identidade**. *Genética Na Escola*, 17(1), 41–52: 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.55838/1980-3540.ge.2022.421> . Acesso em 09 fev. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro. Editora Cobogó: 2020.

LIMA, K. D. de; PIMENTEL, C; LYRA, T. M. **Disparidades raciais**: uma análise da violência obstétrica em mulheres negras. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, p. 4909-4918, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.24242019> . Acesso em: 05 jun. 2024

LEITE, I. B. **O projeto político quilombola**: desafios, conquistas e impasses atuais. *Revista Estudos Feministas*, v. 16, p. 965-977, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/PkRZPC6gwHRkLMMKkPxCvyd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 01 out 2023.

LEAL, F. E. N. **Pedagogias quilombolas**: considerações sobre as possibilidades de uma educação escolar quilombola em Minas Gerais. 2021. 283 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11952>. Acesso em 03 mar. 2024

LOBO, J. A. **“Defeito de fabricação”**: maternidades negras em Ilhéus/Ba. [s.l.] Universidade Federal da Bahia, Salvador, 8 jun. 2020.

MAESTRI, M. Pampa negro: quilombos no Rio Grande do Sul. In: REIS, J. J; GOMES, S. **Liberdade por um fio**: histórias do quilombo no Brasil [s.l.] Companhia Das Letras, 1996. p. 291-331

MACHADO, E. F. **Um lugar chamado Palmas**: saberes de educação ambiental crítico-transformadora emergentes de narrativas de movimentos sociais. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11260881. Acesso em 29 nov. 2023.

MACHADO, A. F. **Filosofia Africana e Saberes Ancestrais Femininos**: útero do mundo. **Le Monde Diplomatique Brasil**. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/filosofia-africana-e-saberes-ancestrais-femininos-utero-do-mundo/> . Acesso em: 09 mai. 2024.

MACHADO, A. F. **Saberes ancestrais na filosofia afrorreferenciada de Dona Toinha**: água preta, pertencimento, território e cuidado. *Perspectiva Filosófica: PF*, v. 48, n. 2, p. 264-286, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/download/249084/39701>. Acesso em: 09 jun. 2024.

MACHADO F. A; OLIVEIRA de E. D. **Filosofia africano-brasileira**: ancestralidade, encantamento e educação afro referenciada. *Cuadernos de Filosofía Latinoamericana*, 43(126): 2022. Disponível em: [file:///C:/Users/zz/Downloads/Dialnet-FilosofiaAfricanobrasileira-8258572%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/zz/Downloads/Dialnet-FilosofiaAfricanobrasileira-8258572%20(3).pdf). Acesso em 10 fev. 2024

MICHAELIS- DICCIONARIO BRASILEIRO DA LINGUA PORTUGUESA. **Ancestralidade**. Editora Melhoramentos Ltda.: 2024.

MOTTA, F. de M. **Sonoro silêncio**: por uma história etnográfica do aborto. Revista Estudos Feministas [online]. 2008, v. 16, n. 2/ pp. 681-689. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000200024> . Acesso em: 5 jun. 2024. Epub 13 fev. 2009. ISSN 1806-9584

MONTEIRO, J. N. do E. **Tempo, redes e relações**: uma etnografia infância e educação entre os Calon. Tese (Doutorado). Orientadora: Prof^a. Dr^a. Antonella Maria Beatriz Tassinari. 392 p. - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MOUTINHO, K.; CONTI, L. D. **Análise Narrativa, Construção de Sentidos e Identidade**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 32, n. 2, p. e322213, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/tsfbSKpvYzygrVG5mrP7x4Q/#>. Acesso em 30 mai. 2024.

MOURA, C. Rebeliões da senzala. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MUNANGA, K. Origem e histórico do quilombo na África. **Revista Usp**, n. 28, p. 56-63, 1996.

NASCIMENTO, B. **Uma história feita por mãos negras**. São Paulo: Editora Schwarcz -Companhia das Letras, 2021.

NASCIMENTO, A. M.; JUNIOR H. M. I de S. **Epistemologias destoantes na encruzilhada**: saberes em confluência. In: Semana de Reflexões sobre Negritude, Gênero e Raça (7.: 2019: Brasília, DF). **Descolonizar o feminismo** [recurso eletrônico]: VII Sernegra / Paula Balduino de Melo [et al.], organizadora. – Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, 2019.

OLIVEIRA, A. P. A imprensa negra como fonte para a história social do negro. **IV Encontro de Pesquisas Históricas. Porto Alegre**, 2018.

OLIVEIRA, M. de J. de; CAMARGO, J. C. S. de. **Escrevivência**: um conceito em expansão. **Porto das Letras**, v. 8, n. 4, p. 273-290, 2022.

OLIVEIRA, A. **Por que etnografia no sentido estrito e não estudos do tipo etnográfico em educação?** Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 69-81, jul. /dez. 2013.

PEREIRA, V. Quem eram os escravos 'tigres', marcantes na história do saneamento básico no Brasil. **BBC NEWS BRASIL**. São Paulo, 30 nov. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50526902>. Acesso em: 20 mai. 2022.

PAULO, T. F.; VIEIRA, L. **Racismo na obra lobatiana**: uma análise do livro "Caçadas de Pedrinho". Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, v. 23, nº 10, 21 de março de 2023. Disponível em:

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/23/10/racismo-na-obra-lobatiana-uma-analise-do-livro-cacadas-de-pedrinho>. Acesso em 20 mai. 2023

PINTO, A.P.F. **Literatura sul-rio-grandense**: a representação do negro e o reconhecimento da identidade de comunidades quilombolas na Região da Campanha, através da obra *Guerrilha e Solidão*, de Valdomiro Martins. Trabalho de Conclusão de Curso. Orientador: Miriam Denise Kelm. (Graduação em Letras - Português). Bagé/ RS: Universidade Federal do Pampa, 2013.

PORTAL GELEDÉS. **Educação quilombola**. São Paulo – SP, 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wpcontent/uploads/2017/03/Educacao-quilombola.pdf> . Acesso em 26 mar. 2024.

PEREIRA, V. Quem eram os escravos 'tigres', marcantes na história do saneamento básico no Brasil. **BBC NEWS BRASIL**. São Paulo, 30 nov. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50526902>. Acesso em: 20 mai. 2022

POLO, F. RS tem 17.496 quilombolas, população contabilizada no Censo pela primeira vez. **GZH- jornal digital com notícias**, Porto Alegre, 27 mar. 2023. GZH Comportamento. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2023/07/rs-tem-17-496-quilombolas-populacao-contabilizada-no-censo-pela-primeira-vez-clkl2m671001b0154m131aw4h.html>. Acesso em: 17 de abr. 2024

QEDU. **Levantamento da Escola Municipal Rural de Ensino Fundamental Simões Pires- Censo escolar 2021**. Disponível em: <https://novo.qedu.org.br/escola/43019560-emef-simoes-pires>. Acesso em: 21 jul. 2022.

Relatório sócio, histórico e antropológico da Comunidade Quilombola de Palmas-Bagé/ RS. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

RAMOS, A. T. **Narrativas autobiográficas de uma mulher negra**: identidades sociais de raça e gênero. **Travessias**, v. 13, n. 3, p. 15-34, 2019. Disponível em <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/23554>. Acesso em 07 de fev. 2024

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SAIONETI, L. 10 grandes inventores e cientistas negros na história. **SUPER INTERESSANTE- ÁFRICA**. São Paulo, 22 fev. 2024. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/os-10-maiores-inventores-e-cientistas-negros-da-historia>. Acesso em: 15 ago. 2024.

SCAVONE, L. **Maternidade**: transformações na família e nas relações de gênero. *Interface-comunicação, saúde, educação*, v. 5, 47-59. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832001000100004> . Acesso em: 4 jun. 2024

SILVA, R. R da. **“Saí da vila e fui sambar lá no asfalto”**: território, sociabilidade e identidade negra no carnaval de rua de Bagé /RS. Dissertação (Mestrado) Pró - Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação. Instituto de Artes e Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2019.

SILVA, Tiago Rosa da. **Vivências e experiências associativas negras em Bagé-RS no pós-abolição**: imprensa, carnaval e clubes sociais negros na fronteira sul do Brasil (1913-1980). 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/ppgh/files/2018/06/Tiago-Rosa-da-Silva.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024.

SILVA, T. R. da. **Práticas associativas negras em Bagé**: imprensa, carnaval e clubes sociais. IN: ANDRADE, G; PADOIN, M. M; ISMÉRIO, C. (orgs). História de Bagé: novos olhares [livro eletrônico. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2021. 490p.; il. E-book - PDF Interativo. Disponível em: <https://textocontextoeditora.com.br/assets/uploads/arquivo/d73ca-ebook-historia-de-bage.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2024.

SILVA, T.R. **Sociedade Recreativa e Cultural Os Zíngaros**: apontamento iniciais sobre a trajetória de um clube negro da cidade de Bagé- RS no pós-abolição, XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS: ensino, direitos e democracia, 2016, Santa Cruz do Sul. Encontro Estadual de História – ANPUH-RS [recurso eletrônico] (13.: 2016: Santa Cruz do Sul, RS)., 2016. p. 1 – 15. Disponível em: http://snh2015.anpuh.org/resources/anais/46/1472675763_ARQUIVO_Texto_Completoanpuh2016_Tiago.pdf . Acesso em 09 mai. 2024

SOARES, D. G; MAROUN, K; SOARES, A. J. G. **A construção de uma comunidade quilombola**: a experiência da Comunidade Caveira, RJ. Revista Brasileira de Educação, v. 27, e270011, 2022. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/S1413-24782022270011>. Acesso em 22 jun 2022.

SILVA, B, S e. **A interseccionalidade e a discriminação de raça e gênero no ensino superior**: o caso da PUC-Rio. In: *XXIV Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica da PUC-Rio. Departamento de História*. Disponível em: <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/sites/default/files/documentos/producao-nucleo/pibic/interseccionalidade-discriminacao-raca-genero-ensino/relatorio-interseccionalidade-discriminacao-raca-genero.pdf> . Acesso em 15 de ago. 2024

SILVA, H. S. **Professoras quilombolas no agreste pernambucano**: desafios e tensões de uma identidade em construção. / Halda Simões Silva. - 2018. 197 f.; il.: 30 cm. Orientador: Sandro Guimarães de Salles. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/31969/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20Halda%20Sim%C3%B5es%20Silva.pdf> . Acesso em 20 dez 2023.

SANTOS, M. E. dos. **Autobiografia feminina**: a identidade e o preconceito nas memórias de Carolina Maria de Jesus e Maya Angelou. **Revista Iluminart**, n. 4,

2010. Disponível em:
<http://revistailuminart.ti.srt.ifsp.edu.br/index.php/iluminart/article/view/67>. Acesso em:
20 dez. 2023.

TORRES, L. H. **A cidade do Rio Grande: escravidão e presença negra. Biblos**, v. 22, n. 1, p. 101-117, 2008. Disponível em:
<https://periodicos.furg.br/biblos/article/download/859/339>. Acesso em: 08 jun. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **Mulheres negras são as maiores vítimas em casos de violência. Notícias UFJF**. Disponível em:
<https://www2.ufjf.br/noticias/2023/11/24/mulheres-negras-sao-as-maiores-vitimas-em-casos-de-violencia/> . Acesso em: 09 jun. 2024.

WIERCINSKI, G. **Pesquisa autobiográfica: uma introdução metodológica. Salão do Conhecimento**, UNIJUI: 2014. Disponível em:
<https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaconhecimento/article/view/3474>. Acesso em: 08 jun 2024.